

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**MARCOS ALOÍZIO FRANÇA DA FONSECA**

**CULTURA, CONSUMO E DIFERENÇA: estudo com um  
grupo de surdos em Vitória-ES**

VITÓRIA

2010

MARCOS ALOÍZIO FRANÇA DA FONSECA

**CULTURA, CONSUMO E DIFERENÇA: estudo com um grupo de surdos em Vitória-ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Robert de Sant`Anna.

VITÓRIA

2001

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

---

F837c Fonseca, Marcos Aloízio França da Fonseca, 1984-  
Cultura, Consumo e Diferença: estudo com um grupo de surdos em  
Vitória-ES / Marcos Aloízio França da Fonseca. – 2010.  
132 f. : il.

Orientador: Sérgio Robert Sant'Anna.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,  
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Cultura. 2. Consumo. 3. Diferença. 4. Surdez. I. Sant'Anna, Sérgio  
Robert. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências  
Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 621.3

---

**MARCOS ALOÍZIO FRANÇA DA FONSECA**

**CULTURA, CONSUMO E DIFERENÇA: estudo com um grupo de surdos em Vitória-ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Aprovada em 03 de agosto de 2010.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Sérgio Robert de Sant'Anna**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

**Prof. Dr. João Gualberto Moreira Vasconcellos**  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

**Profa Dra. Virgínia Beatriz Baesse Abrahão**  
PPGL – Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Universidade Federal do Espírito Santo

## DEDICATÓRIA

A Maria Inês França, *in memoriam*.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer a cada um que participou da construção deste trabalho não é uma das tarefas mais fáceis. Daniel Miller (2002) coloca que o desenvolvimento da pesquisa numa perspectiva antropológica envolve tantas pessoas que para elaborar uma “Teoria das Compras” ficou “endividado” ao receber inúmeras contribuições de seus sujeitos de pesquisa, indicações de leituras e objetos de estudo, opiniões sobre seu texto e revisões do seu trabalho.

O trabalho aqui desenvolvido não seria possível sem aquisição desta dívida do incentivo, do apoio e das contribuições de pessoas e instituições que confiaram na possibilidade de buscar ver através das lentes do marketing, do consumo e da diferença, formas pelas quais um grupo específico seleciona pessoas, objetos e seus significados para se relacionar, buscar sobrevivência e instituir hábitos que reforcem a dimensão identitária que o une.

Estas relações socialmente constituídas mantêm o grupo numa “coesão” que nos possibilita elucidar, compreender, estranhar e refletir a partir do que estas relações podem dizer sobre nossas relações e a sociedade. Isto é, a partir da diferença proporcionada pelo convívio com o outro seja possível explicar de maneira diversa o que compartilhamos diariamente.

Nesse sentido, meu maior agradecimento é dirigido à minha família, em especial para minha mãe pelo incentivo, ensinamento, torcida e apoio incondicional, nada disso seria concretizado sem o seu direcionamento e crença absoluta na capacidade de realizar este trabalho. Aos meus irmãos agradeço pelo carinho e entusiasmo demonstrado a cada passo alcançado para realização do mestrado. A Patrícia, minha namorada, que, como ninguém, compreendeu a fase que estava passando, sempre buscando entender minhas ausências e dificuldades, agradeço por tudo.

Em meus primeiros passos nesta pesquisa me deparei com os engajados intermediadores culturais Kely, Lucyenne e Ademar. Vocês foram fundamentais e estiveram presentes desde o primeiro contato do pesquisador com a língua de sinais, apontando caminhos, sugerindo atalhos e dando conselhos. Em nome de vocês, gostaria de agradecer o apoio do curso de Letras-LIBRAS – pólo Ufes, a cada membro da comunidade surda de Vitória, aos surdos e ouvintes que compreenderam os objetivos desta dissertação e compuseram o grupo estudado.

Incluo neste agradecimento o companheirismo dos colegas de mestrado. Nossas discussões dentro e fora de sala permitiram o aprofundamento na revisão teórica e em análises mais rigorosas do ponto de vista científico.

De forma especial sou grato ao Prof. Dr. Sérgio Roberto Sant'Anna pelo interesse na pesquisa e confiança. Suas sugestões de leituras e orientações foram singulares e permitiram a manutenção da simplicidade e coerência no trato ao tema desta dissertação.

Sou igualmente grato à Profa. Dra. Virgínia Beatriz Baesse Abrahão pela oportunidade de participar enquanto pesquisador do curso de Letras-LIBRAS em Vitória, por se ocupar da leitura do trabalho e pelas provocações sobre o objeto de pesquisa. Através dela foi possível encontrar o objeto desta pesquisa. Ao Prof. Dr. João Gualberto Moreira Vasconcellos agradeço pela leitura minuciosa, sugestões e críticas quanto a metodologia e aproximação do objeto.

Agradeço à FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo pela concessão da bolsa de estudos que permitiu a viabilidade deste estudo.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos pela força, incentivo, compreensão da ausência e discussões e apoio em momentos de maior dificuldade. Muito obrigado.

## RESUMO

Tanto pessoas diferentes, como culturas diferentes, quanto percepções diferentes produzem significados de consumo particulares, sejam esses referentes a determinado grupo de pessoas, sejam relacionados a uma cultura ou a seletividade de percepção de cada um de nós. Nessa perspectiva, cultura, consumo e diferença são analisados através de situações específicas de consumo de um grupo de surdos em Vitória-ES. Tal escolha deveu-se a ausência de estudos dentro da área da Administração que se ocupem do tema surdez, uma vez que a discussão sobre a surdez vem ganhando cada vez mais espaço, dentro e fora da esfera acadêmica. A busca aqui se realiza pela reflexão acerca da ausência do sentido da audição não pelas abordagens clínicas, médicas ou terapêuticas, mas aproximando-se dos estudos sociais interpretativistas (THOMA, 2008; STROBEL, 2008; SÁ, 2006). O intento é buscar compreender de que forma esses consumidores forjam suas relações sociais através do consumo de bens e serviços. Para tal análise, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre o consumo por uma perspectiva antropológica (ROCHA, 2000, 2005; MILLER, 2002; MCCRACKEN, 2003). A partir de então, aproximou-se da perspectiva cultural proposta pelos estudos surdos, na busca pela compreensão do consumo como mediador de relações e construtor de significações. Através de inspiração etnográfica com a utilização de observação direta e entrevistas informais (MALINOWSKI, 1978; GEERTZ, 1989; MAGNANI, 2002, 2003), o campo de pesquisa se desenvolveu a partir dos eventos, encontros, discussões e passeios realizados pelo grupo de surdos. Com estes, foi possível vivenciar algumas situações de consumo que envolvem do uso de transporte coletivo à encontros informais. Viu-se que das relações sociais forjadas pelos surdos e ouvintes emergem sujeitos-chaves que atuam na construção coletiva do grupo. Também identificou-se possibilidades de compreensão do consumidor através das abordagens política, médico/terapêutica e religiosa, além de artefatos que permeiam o grupo estudado. Deixou-se como sugestão para pesquisas futuras, dentre outras, a busca pela utilização da etnografia para a compreensão de grupos de consumidores, pela compreensão da relação entre a surdez e bens específicos de consumo, além da possibilidade de utilizar as perspectivas elencadas nesse trabalho em outras situações, com o intuito de alargar o universo de possibilidade de compreensão dos surdos.

Palavras-chave: cultura, consumo, diferença, surdez.



## ABSTRACT

Both different people like different cultures, how different perceptions are meant for private consumption, are those relating to a particular group of persons, whether related to a culture or the selectivity of perception of each one of us. From this perspective, culture, consumption and difference are analyzed through specific situations of consumption of a group of deaf people in Vitoria-ES. This choice was due to the absence of studies within the area of the Administration to tackle the issue deafness, since the discussion of deafness is gaining more space, inside and outside the academic sphere. The search is conducted here by the reflection on the absence of the sense of hearing than by clinical approaches, or medical therapies, but approaching the interpretive social studies (Thomas, 2008; STROBEL, 2008; SA, 2006). The intent is to understand how these consumers forge their social relations through the consumption of goods and services. For this analysis, we carried out bibliographic research on consumption by an anthropological perspective (ROCHA, 2000, 2005, MILLER, 2002; MCCRACKEN, 2003). Since then, approached from the perspective of cultural studies proposed by deaf people in the search for understanding of consumption as a mediator of relations and constructor of meanings. Through ethnographic inspiration to the use of direct observation and informal interviews (MALINOWSKI, 1978; GEERTZ, 1989; MAGNANI, 2002, 2003), the field of research grew out of events, meetings, discussions and tours of the group of deaf . With these, we could experience some consumption situations involving the use of public transport to the informal meetings. It was seen that social relationships forged by the deaf and hearing subjects emerge as the key work in the construction of the collective group. Also identified opportunities to understand the consumer through policy approaches, medical/therapeutic, religious, and artifacts that permeate the group studied. Left as a suggestion for future research, among others, the search for the use of ethnography to understand consumer groups, by understanding the relationship between deafness and specific consumer goods, besides the possibility of using the perspectives listed in this work other situations, in order to expand the universe of possible understanding of the deaf.

Keywords: culture, consumption, difference, deafness.

## LISTA DE SIGLAS

ANPAD – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração

BAR – Brazilian Administration Review

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBDS – Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos

CCJE – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

CETURB-GV – Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória

CODA – Children Of Deaf Adults

CRPD – Centro de Referência a Pessoa com Deficiência

EMEF JKO - Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubitschek de Oliveira

ENELL – Encontro Nacional dos Estudantes de Letras-LIBRAS

FENEIS – Federação Nacional de Educação de Surdos

IES – Instituições de Ensino Superior

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LSB – Língua de Sinais Brasileira

PPG – Programa de Pós Graduação

RAC – Revista de Administração Contemporânea

SW – Sign Writing

TDD – Telecommunications device for deaf

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

WDF – Federação Mundial dos Surdos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DE PESQUISA.....	18
1.2. PROBLEMATIZAÇÃO .....	23
1.2.1. Objetivo Geral .....	25
1.2.2. Objetivos Específicos .....	26
1.3. JUSTIFICATIVA .....	26
1.4. PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES DE CUNHO METODOLÓGICO.....	28
1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	30
<b>2. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....</b>	<b>33</b>
2.1. POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA SURDEZ.....	33
2.1.1. Surdez Pela Abordagem Médico/Terapêutica.....	34
2.1.2. Surdez Pela Abordagem Política .....	35
2.1.3. Surdez Pela Abordagem Religiosa .....	38
2.1.4. Surdez Pela Abordagem Cultural.....	39
2.2. ARTEFATOS CULTURAIS .....	42
2.2.1. Experiência Visual.....	44
2.2.2. Linguístico .....	44
2.2.3. Familiar .....	45
2.2.4. Literatura Surda.....	46
2.2.5. Vida Social e Esportiva.....	47
2.2.6. Artes Visuais .....	48
2.2.7. Político .....	49
2.2.8. Materiais.....	49
2.3. EM BUSCA DE UMA APROXIMAÇÃO SOBRE CONSUMO.....	50
2.3.1. A Perspectiva de Grant Mccracken .....	53
2.3.2. A Perspectiva de Everardo Rocha .....	58
2.3.3. A Perspectiva de Daniel Miller .....	67
<b>3. DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>72</b>
3.1. A INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA.....	75

3.2.	A PESQUISA NO CONTEXTO URBANO .....	80
3.3.	A APROXIMAÇÃO COM O “GRUPO DE SURDOS” .....	84
<b>4.</b>	<b>SITUAÇÕES DE CONSUMO DO GRUPO DE SURDOS .....</b>	<b>90</b>
4.1.	O TRANSPORTE COLETIVO .....	95
4.1.1.	<b>Quatro surdos e a roleta .....</b>	<b>95</b>
4.1.2.	<b>Encontro com um surdo no ponto de ônibus.....</b>	<b>97</b>
4.1.3.	<b>Entrevista informal sobre o transporte coletivo.....</b>	<b>99</b>
4.2.	RESTAURANTE, BAR E FESTA DE <i>HALLOWEEN</i> DOS SURDOS .....	101
4.2.1.	<b>A garçonete e o suco de abacaxi.....</b>	<b>101</b>
4.2.2.	<b>Com os surdos no bar .....</b>	<b>106</b>
4.2.3.	<b>A festa de <i>halloween</i> dos surdos.....</b>	<b>107</b>
<b>5.</b>	<b>ANÁLISE DAS SITUAÇÕES DE CONSUMO .....</b>	<b>109</b>
<b>6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>124</b>
<b>7.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>129</b>

## INTRODUÇÃO

As pessoas consomem por vários motivos. Na verdade, ao observar-se somente o ato da compra, não é fácil identificar os porquês de alguns deles. Entretanto, não é difícil notar que os bens de consumo contribuem para que, principalmente através de seu uso, seja possível, por exemplo, criar uma identificação com determinado grupo; tornar-se diferente dos demais; não passar despercebido em certos lugares ou ter acesso exclusivo a outros; além de permitir a sensação de beleza, elegância, charme, o estar “na moda” ou o oposto de tudo isso, quando não se consome conforme o que está estabelecido socialmente.

Desse modo, o consumo se apresenta como o mediador de relações, capaz de fazer circular as mensagens carregadas pelos bens de consumo e seus usos, ou seja, através do consumo podem-se construir sentidos de identidade ou diferenças, exclusividade, status, charme, elegância, dentre uma série de categorias socialmente compartilhadas. Ao consumir, as pessoas expressam-se, tornam-se capazes de escolher, ou criar, uma mensagem e compartilhar seu significado socialmente.

Esse compartilhamento de significados e a “construção” de significações pelo consumo ocorrem especialmente pela disposição de “categorias culturais” (MCCRACKEN, 2003). Estas existem para que seja possível distinguir-se uma pessoa, um objeto e um fenômeno do outro e atuam como mecanismo para compreensão da sociedade. Através dessas categorias, pode-se saber, por exemplo, que roupa usar em um casamento, ou, ainda, o que se deve fazer quando um ente querido comemora mais um ano de vida.

Entretanto, os significados e símbolos imbuídos nessas ocasiões variam de acordo com a cultura de quem os compartilha. Através deles, é possível tornar essas ocasiões “especiais” ao reunir a família, ao decorar o ambiente, ao oferecer um presente, ao utilizar a roupa adequada ou ao proporcionar um momento agradável ao lado do aniversariante.

No caso do aniversário, particularmente, o evento torna-se especial, posto que a comemoração emerge em torno de quem completa mais um ano de vida: “é o seu dia”. Assim, não é difícil perceber que, nessa ocasião, as vivências compartilhadas tendem a ser forjadas em função da satisfação da pessoa homenageada.

A título de ilustração, segue abaixo parte da descrição de uma jovem em torno de uma experiência de comemoração ao seu aniversário. Seu namorado convidou-a para um jantar romântico e, como presente, escolheu um local considerado propício:

Uma vez meu namorado (...) me disse que iria fazer uma surpresa para mim pelo meu aniversário; falou que iria me levar a um restaurante bem romântico. Fomos a um restaurante escolhido por ele, era um ambiente escuro com velas e flores no meio da mesa, fiquei meio constrangida porque não conseguia acompanhar a leitura labial do que ele me falava por causa da falta de iluminação, pela fumaça de vela que desfocava a imagem do rosto dele, que era negro; e para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando musica que, sem poder escutar, me irritava e me fazia perder a concentração por causa dos movimentos dos dedos repetidos e vai-e-vem com seu violino. O meu namorado percebeu o equívoco e resolvemos ir a uma pizzaria! (STROBEL, 2008, p. 38).

Pode ocorrer, entretanto, como foi o caso da surpresa mencionada acima, que nem sempre o aniversariante se sente à vontade com uma comemoração, uma homenagem ou demonstração de carinho. Talvez não esteja acostumado com tal situação. Contudo, será que é possível desvendar, a partir desse fragmento, o que faltou para o encontro no dia do aniversário da jovem Karin Strobel ser de fato romântico? E se for possível, o que seria?

Com a intenção buscar respostas às questões acima, podem-se encontrar informações sugestivas de um encontro romântico. Entre elas, destacam-se: a possível companhia de uma pessoa agradável, encontrada pela expressão “namorado”; uma ocasião oportuna, no caso, o aniversário de Karin; e um local aparentemente romântico, podendo ser caracterizado pelas palavras restaurante, velas, flores e violino. Ou seja, uma situação de consumo propícia para que o namorado de Karin demonstrasse sua afeição por ela.

Contudo, a escolha desse restaurante foi um “equivoco” por parte do mesmo, isto é, os elementos e seus significados não tornaram para Karin a comemoração de seu

aniversário uma surpresa agradável. Naquele estabelecimento, apesar de “nada faltar” para a ocasião, a comemoração do aniversário se deu numa pizzaria.

Porém, apesar de não se ter resposta para a questão inicial, ou melhor, a única resposta que poderia ser sugerida é “nada” ou “todos os elementos para um encontro romântico estavam presentes”, o fragmento fornece outras informações sobre Karin que podem ajudar a compreender o fenômeno.

Para Karin, a iluminação por velas, hegemonicamente tida como romântica, significa tornar o ambiente escuro, com iluminação insuficiente e, portanto, nem um pouco romântico. O homem no canto do restaurante tocando violino era menos agradável do que irritante, pois seus movimentos tiravam a concentração da jovem, como se a “leitura labial” que a mesma estava realizando fosse interrompida pelos movimentos de vai e vem do músico. Da mesma forma que algumas pessoas têm dificuldade de se concentrar numa conversa quanto se tem barulho no ambiente. Essas informações talvez possam sugerir que a aniversariante não seja uma pessoa “normal” e, possivelmente, possua deficiência auditiva ou é surda.

Assim, foi a audição o que faltou para que Karin tivesse um encontro romântico em comemoração ao seu aniversário. Mas, talvez isso não responda à questão. Principalmente porque em momento algum ela reclamou que isso seria um problema. Segundo o fragmento, foram as velas e a fumaça proporcionada por elas, a iluminação do local e o vai-e-vem do homem no canto com seu violino que deixaram a comemoração menos romântica.

Em comum à fumaça, à iluminação e ao homem no canto está o sentido da visão e não o da audição. O uso da visão, em detrimento da audição, deve ter contribuído para que Karin dotasse, nos bens de consumo encontrados no restaurante, significados diferentes dos compartilhados pelo convívio sócio-cultural de seu namorado.

A expressão “um restaurante à luz de velas” pode ser compreendida no fragmento como um ambiente escuro, com velas e flores no meio da mesa. Dessa forma, para Karin, a iluminação romântica proporcionada pela vela naquele restaurante significava, na verdade, falta de iluminação. O que parece é que Karin possui um

sistema de significações particular, extremamente visual, que considera “à luz de velas” como iluminação inadequada, e que movimentos dentro do perímetro visual são tão importantes quanto os que estão à sua frente ou mais próximos.

Assim, diferente de seu namorado que ali via as condições favoráveis para um encontro romântico, Karin interpretou particularmente o consumo do “restaurante romântico”, de modo que esse significado não pôde ser encontrado por ela nos elementos daquele ambiente. Tais elementos, nesse caso, proporcionaram mais desconforto do que qualquer outra coisa e tornou o encontro um equívoco. O que faltou então para que ela tivesse um encontro romântico, talvez não tenha sido a audição, mas sim a forma com que os fenômenos são lidos e significados por ela e por seus pares e como eles agem em relação aos mesmos.

Com base em situações como essa, a partir da pesquisa que aqui se inicia, entende-se que esse possível sistema de classificação, fortemente apoiado na condição visual dos sujeitos com “limitações auditivas”, não seja uma particularidade de Karin Strobel e nem específico dos surdos que com ela convivem, mas também dos demais sujeitos que com os surdos constroem suas relações a ponto de constituir-se em unidade, a partir de percepções, valores e costumes singulares.

Tanto pessoas diferentes, como culturas diferentes, quanto percepções diferentes propõem significados de consumo particulares, sejam eles referentes a determinado grupo de pessoas, sejam relacionados a uma cultura ou a seletividade de percepção de cada um de nós.

Nessa perspectiva, cultura, consumo e diferença são analisados neste trabalho, pelo qual busca-se o estudo, através de situações específicas do consumo, dos significados, de um grupo diferentemente particular. E, a partir da percepção da diferença, talvez seja possível inferir sobre os aspectos sociais e culturais mais amplos que envolvem o consumo.

A escolha do grupo estudado foi circunstancial e baseada na diferença. Situa-se no tempo e no espaço de modo a definir o objeto de estudo. Trata-se de um grupo de



pessoas que compõem o que eles denominam por comunidade surda<sup>1</sup>. Eles são, em sua maioria, alunos de graduação do curso de Letras-LIBRAS da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, cuja modalidade de ensino é à distância, porém com encontros presenciais periódicos. Esses alunos encontram-se todo mês na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, universidade que sedia o nono pólo do referido curso, em Vitória-ES.

Atualmente, a inversão epistemológica da anormalidade surda – ao relacionar surdez enquanto uma identidade cultural, ao invés dos discursos religiosos, médicos e terapêuticos existentes, os quais geralmente tratam a surdez como doença, deficiência ou problema – é referência nas discussões que ocorrem acerca da comunidade surda e por estudiosos preocupados com o tema (THOMA & LOPES, 2004). A imersão nesse *ethos*, na medida em que a comunidade surda coloca-se como um grupo culturalmente constituído, permite a aproximação cultural pela qual o consumo se apresenta como a “janela” para a compreensão dos múltiplos processos sociais.

A abordagem cultural pela perspectiva do consumo utilizada neste trabalho não se ocupará em construir contribuições específicas para a comunidade surda. A intenção é buscar compreender o consumo e a sociedade através dos significados de consumo que emergem da alteridade surda. Portanto, o interesse em trazer à luz esses significados está diretamente relacionado às abordagens interpretativistas sobre o sistema de significação através da cultura, do consumo e da diferença.

A partir dessa postura, busca-se evitar uma abordagem mais funcionalista, direcionada à proposição de produtos e serviços específicos para a comunidade, ou a criação de mecanismos de interpelação social, seja no ambiente organizacional ou na relação entre organização e clientes, dentro ou fora da comunidade surda.

---

<sup>1</sup> Para os fins desta pesquisa, “comunidade surda” será compreendida de acordo com Padden e Humphries (2000), como um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilhando objetivos em comum entre seus membros, e que, por diversos meios, trabalham no sentido de alcançarem esses objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são surdas, mas que apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com os surdos para alcançá-los.

## 1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DE PESQUISA

Culturalmente, através das relações e valores sociais, é possível construir interpretações e representações acerca da sociedade. Socialmente, e diretamente relacionado ao grupo estudado, é notório ver-se alguns termos que são utilizados para diferenciar essas pessoas das demais, tais como o normal e o anormal, o diferente, o “igual”, o comum e o exótico, o deficiente, o surdo e o surdo-mudo, entre outras significações. A utilização desses termos pode nos permitir perspectivas distintas e até mesmo paradigmas divergentes para análise.

Antes das primeiras imersões no “grupo de surdos” que compõem o objeto desta pesquisa, era possível compreendê-los como um grupo de pessoas deficientes que não escutavam e também não conseguiam falar, talvez por não possuírem condições financeiras para fazer um tratamento adequado. Espalhadas pela sociedade, deviam possuir como estratégia de comunicação a língua de sinais, um ordenado de gestos capazes de fazer com que os surdos fossem “ouvidos” por quem conhecesse seus significados.

Entretanto, a relação através desse mecanismo seria fadada aos seus pares. Provavelmente, fosse necessário um responsável para viabilizar essa comunicação com os demais membros da sociedade. Desse modo, tanto para efetivar a aquisição de um automóvel quanto para comprar um pão eles precisariam de uma pessoa “normal” e, possivelmente, paciente para realizar tal tarefa.

Assim, seria possível que uma minoria de surdos-mudos sobrevivesse sem maiores problemas na sociedade. Por serem minoria, talvez fosse aceitável uma espécie de exclusão dessas pessoas, tanto por eles quando buscassem estar próximos de pessoas que possuíssem problemas semelhantes, tanto pelo restante da sociedade que, ocupada em suas atividades cotidianas, não se preocuparia em dominar os gestos para se comunicarem com os surdos.

Diante dessa percepção e após a participação, por curiosidade, em um mini-curso sobre LIBRAS em 2007, entendeu-se ser necessário compreender melhor de que forma a deficiência auditiva, a surdez, ou a ausência da audição era contemplada por outras pessoas. Para os fins deste trabalho, buscou-se acessar pesquisas

científicas relacionadas a essa temática, de modo que esse conhecimento ajudasse numa melhor compreensão dessa parcela da população, além de embasar o posicionamento deste estudo.

Desse modo, e diferentemente da compreensão inicial sobre a ausência da audição, nesta pesquisa, a busca realizada pela reflexão acerca da ausência do sentido da audição não se ocupará diretamente das abordagens médicas ou terapêuticas, mas se aproximará dos estudos sociais interpretativistas. O intento é refletir sobre a comunidade surda, em especial sobre as relações sociais e o consumo, uma vez que se entende que a sociedade é produzida culturalmente nas relações sociais. De modo que essa construção permite a manutenção da sociedade.

Ao se realizar uma busca utilizando os termos “deficiência auditiva”, “deficiente” e do radical “surd” junto à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD, notou-se pouca preocupação na área da Administração em realizar pesquisas sobre os deficientes auditivos, a comunidade surda e seus membros. Arelada a essa associação estão os eventos e os periódicos de expressão nacional, pelos quais, segundo informações disponíveis no site [www.anpad.com.br](http://www.anpad.com.br), a partir de 1997, não é possível encontrar publicações cujo objeto de análise relaciona-se com a temática aqui proposta.

Dessa forma, buscou-se analisar outra fonte de pesquisas, abrangente e que, possivelmente, contribua no que se refere às pesquisas que estão sendo realizados nos Programas de Pós-Graduação do Brasil. Utilizando os mesmos termos, ocupou-se dos estudos que estão sendo realizadas nas Instituições de Ensino Superior – IES.

O período para análise escolhido encerra-se em 2007, último ano disponível de acesso na época da busca, no início de 2009, e inicia-se em 2000, devido a dois eventos ocorridos no decorrer de 1999: o III Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para surdos e o Decreto N° 3.298 de dezembro de 1999. Esses dois eventos são considerados importantes pela comunidade surda pelo estímulo às pesquisas e estudos através da perspectiva cultural (LOPES, 2007) e pela

regulamentação do acesso à saúde, à educação, ao trabalho e à cultura pela pessoa com deficiência.

Assim, num levantamento realizado junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, entre os anos de 2000 a 2007, identificou-se, nas últimas pesquisas realizadas pelos Programas de Pós-Graduação do Brasil *stricto sensu*, o quantitativo de trabalhos por regiões brasileiras, as áreas do conhecimento e como a “ausência da audição” vem sendo tratada na academia.

De acordo com o gráfico 1, nota-se, portanto, que o aumento no número de pesquisas, entre teses e dissertações, defendidas por ano no período analisado corrobora com Thoma (2008) acerca da importância da discussão sobre a temática da surdez tanto na academia quanto nas demais esferas sociais. Nesse intervalo de tempo, 298 pesquisas, das diversas áreas do conhecimento, se dedicaram a essa discussão.

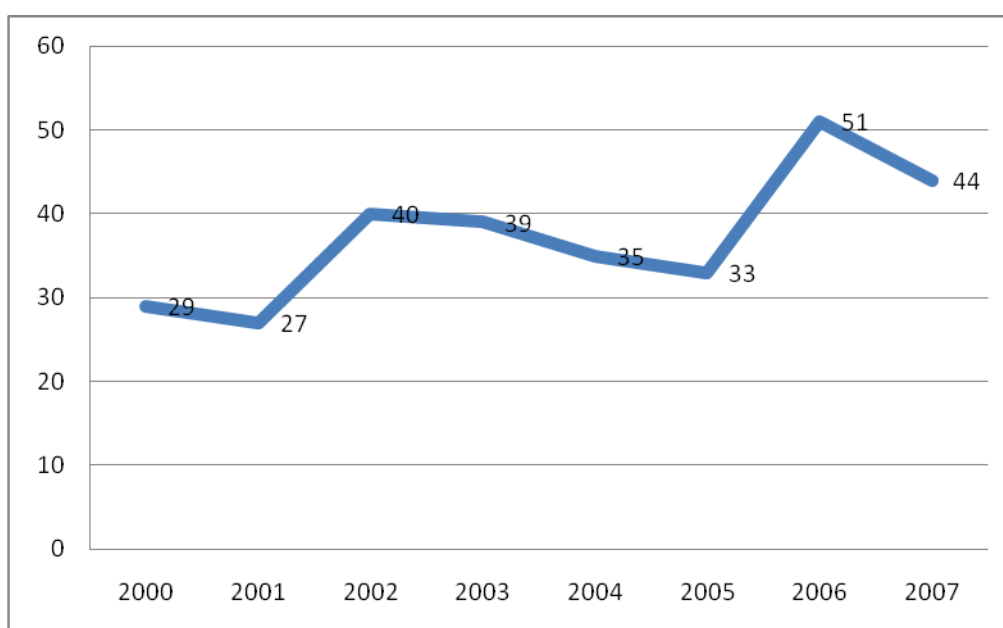


Gráfico 1: Pesquisas relacionadas à surdez defendidas nos Programa de Pós Graduação – PPG das IES do Brasil no período de 2000 a 2007

Entre os anos de 2001 e 2002, de dois a três anos após o congresso Latino-Americano ter ocorrido no Brasil, e entre 2005 e 2006, aconteceram efetivos aumentos no número de pesquisas nas IES brasileiras, passando, respectivamente,

de 27 para 40 e de 33 para 51 trabalhos defendidos por período. Contudo, nos demais anos, houve decréscimo nas publicações. Entretanto essa queda quantitativa não promoveu uma redução de defesas no período analisado, que passou de 29 em 2000 para 44 em 2007.

No período analisado, duas áreas do conhecimento se destacaram pelo número de teses e dissertações defendidas: Ciências da Saúde e Ciências Humanas. Juntas perfazem mais de 82% do número de trabalhos defendidos entre 2000 e 2007 (GRÁFICO 2).

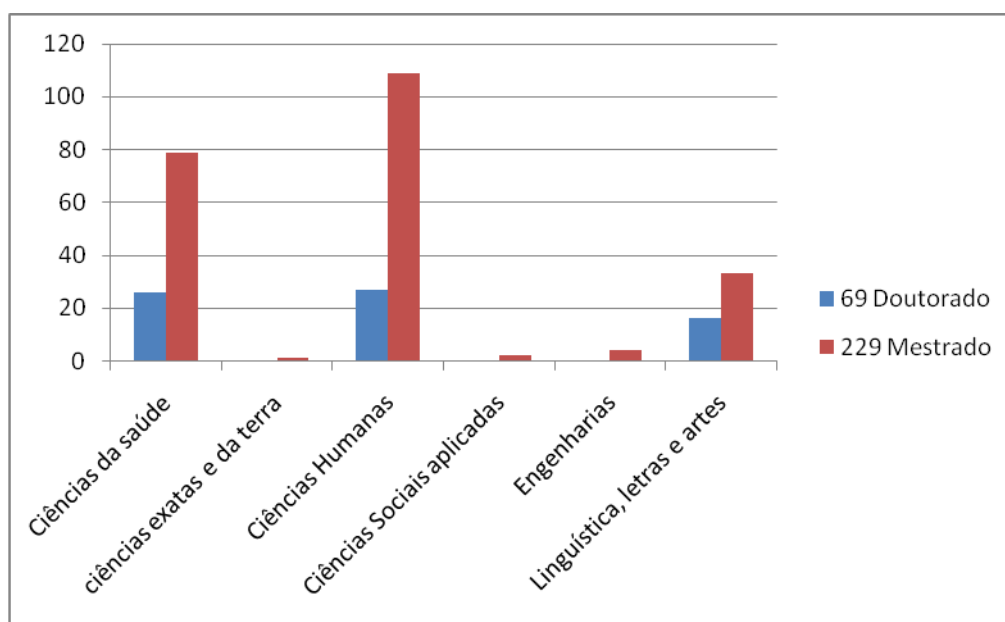


Gráfico 2: Pesquisas relacionadas à surdez por área do conhecimento defendidas nos PPG das IES do Brasil no período de 2000 a 2007

As ciências da humanidade respondem por 136 pesquisas, que se dividem em sub-áreas como Sociologia, Antropologia e Teologia. Em destaque, na análise das Ciências Humanas estão a Psicologia e, principalmente, a Educação (Pedagogia). A primeira possui 38 trabalhos defendidos, enquanto na última, entre teses e dissertações, encontram-se 90 pesquisas no período analisado.

Foram encontrados 109 trabalhos defendidos que discutem a saúde humana. Em destaque Medicina, Genética, Pediatria e Fonoaudiologia. Esta última com 32 trabalhos apresentados. As pesquisas realizadas na área da saúde buscam, em sua

maioria, conhecer a fisiologia humana e, a partir dela, corrigir, tratar, medicar ou amenizar a ausência da audição.

As demais áreas do conhecimento somadas respondem por 53 pesquisas, destas, uma refere-se às Ciências exatas e da terra; duas às Ciências Sociais Aplicadas; quatro às Engenharias; e 46 referem-se à Linguística, letras e artes. Destes, 43 trabalhos estão na subárea Letras, donde é possível visualizar pesquisas que correlacionam a Língua Brasileira de Sinais Brasileira – Libras.

Em relação às Ciências Sociais Aplicadas, área do conhecimento que abriga a Administração, as duas pesquisas encontradas referem-se aos cursos de mestrado em Ciências Sociais, da PUC Minas Gerais, e em Direito, da PUC São Paulo.

Nota-se ainda que a maior parte dos trabalhos foram defendidos nas IES localizadas nas regiões Sul (15%) e Sudeste (72%) do país. Juntas essas regiões respondem por 87% das pesquisas realizadas entre 2000 e 2007. (GRÁFICO 3). As outras regiões, Norte, Nordeste e Centroeste, respondem respectivamente por dois, sete e quatro por cento dos trabalhos.

Diante dessas informações, observa-se que, apesar do crescimento de pesquisas na academia que tratam da questão da “ausência da audição”, da “surdez” e da “deficiência auditiva”, grande parte delas se restringem às regiões Sul e Sudeste do país. Tal fato sugere que essa discussão esteja limítrofe a essas regiões, principalmente no contexto acadêmico.

Verifica-se grande preocupação com o tema de cursos vinculados à educação e à saúde, como Letras (Linguística, letras e artes) e Pedagogia (Ciências Humanas), Medicina e Fonoaudiologia (Ciências da Saúde). Contudo, não foram encontradas pesquisas relacionadas ao assunto na área da Administração. Não foi possível ainda identificar um consenso acerca de como o assunto deva ser tratado. O mesmo foi relacionado com a má formação do organismo humano (hereditária ou não), também como doença ou deficiência e, principalmente no campo da Educação, a surdez sendo tratada como diferença cultural.

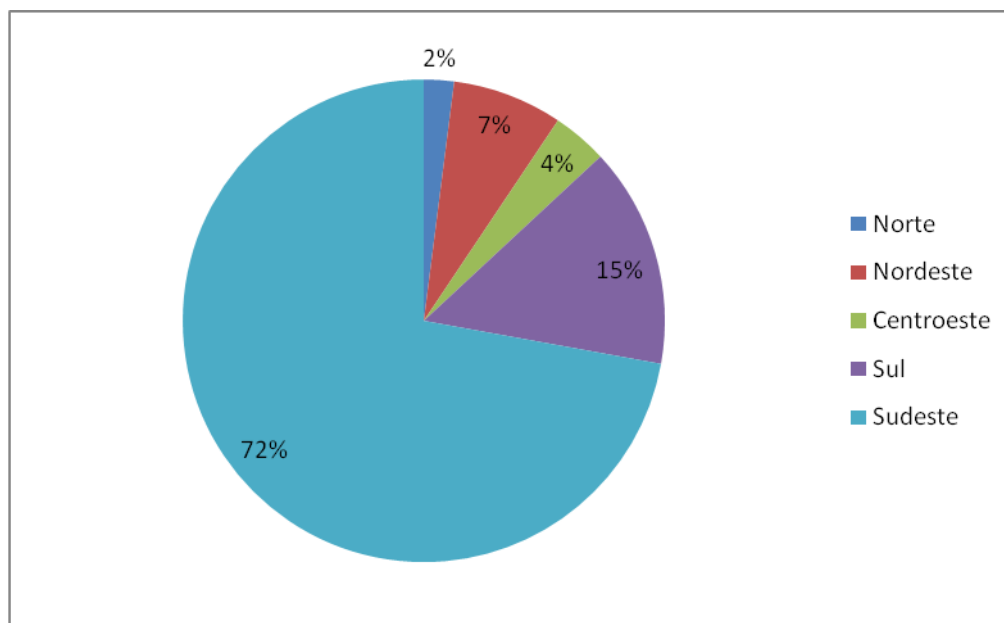


Gráfico 3: Pesquisas relacionadas à surdez por região, defendidas nos PPG das IES do Brasil no período de 2000 a 2007

Por esta última perspectiva, alguns trabalhos analisados recorreram aos “estudos surdos”<sup>2</sup>, para fundamentar as pesquisas. Entre os pesquisadores citados que contribuem para os estudos surdos destacam-se Carol Padden e Tom Humphries (2000), Owen Wrigley (1996), Ronice Muller de Quadros (2006), Lodenir Karnopp (2004), Adriana Silva Thoma e Maura Corcini Lopes (2004, 2005), William Stokoe (1960), Oliver Sacks (1998) e Carlos Skliar (2006b, 2000).

## 1.2. PROBLEMATIZAÇÃO

Com base numa postura sócio-antropológica, a partir do ponto de vista da surdez que se afasta da deficiência, os estudos surdos reconhecem a existência de modelos e representações sociais diversos sobre o tema. Contudo, sua preocupação emerge da análise da condição dos surdos por uma perspectiva do

<sup>2</sup> O termo “estudos surdos” é definido por Skliar (2000) enquanto um programa de pesquisa em educação sobre a surdez, no qual o mais importante não é frisar a atenção sobre a falta e a deficiência da audição, e sim compreender e analisar como os surdos se definem como um grupo organizado cultural e linguisticamente.

próprio surdo, ao invés da manutenção do *status quo* da sociedade, “na busca da imposição de significados e de hegemonia cultural” (SÁ, 2006, p. 24).

Por essa perspectiva, reconhecer a diferença dos surdos não deve se dar no sentido de descobrir a “cura” para a surdez, nem de igualá-la à diferença de outros grupos minoritários para, a partir daí, criar mecanismos numa tentativa de “acabar” com a diferença, ao tratar todos pelo mesmo patamar.

A busca de pesquisadores que se ocupam dessa análise é para contribuir com o processo de reconhecimento dos surdos enquanto sujeitos possuidores de características específicas. A proposta é que esse reconhecimento ocorra a partir da perspectiva dos surdos e que possa ser compreendido pelas demais esferas da sociedade através de ações relacionadas ao direito, à cidadania, à língua, à comunidade e à cultura surda.

Desse modo, as relações sociais que ocorrem a respeito da comunidade surda tornam-se objetos de interesse de pesquisadores que tentam elucidar as diversas dimensões desse grupo.

Na dimensão do consumo, Strobel (2008), ao trabalhar “os artefatos culturais do povo surdo”, explica que pode haver percepções diferentes de uma mesma situação, entre os surdos e as pessoas que ouvem, pois enquanto estes utilizam bastante a audição, os surdos interpelam o mundo visualmente. Entretanto, a carência de pesquisas não permite inferências acerca de como os bens de consumo, os produtos e os serviços interagem nas relações sociais.

Nesse sentido, além dos significados sobre a surdez encontrados em literaturas que tratam o tema, talvez seja possível tecer comentários sobre os significados que são compartilhados através de situações de consumo vivenciadas por um “grupo de surdos”. De modo que, através de um ponto de vista do surdo, seja possível inferir-se algo sobre o consumo de um modo mais geral.

Ademais, é válido ressaltar o uso de alguns produtos específicos para os surdos, tais como o *telecommunications device for deaf* (ou telefone para surdos) – TDD, os



sinalizadores visuais e vibratórios, que funcionam como “babás eletrônicas”, e as campainhas e os amplificadores auditivos, entre outros.

Dessa forma, a problemática desta pesquisa se insere nas relações sociais construídas pela comunidade surda, em busca de suas experiências, histórias e fatos que, relacionados ao consumo, ajudem, através da compreensão da diferença dessas pessoas, na compreensão da sociedade. E, ainda, pode ser definida de acordo com a questão que se segue.

É possível destacar, de acordo com as experiências vivenciadas, nas situações de consumo de um grupo formado por aproximadamente trinta pessoas, entre surdos e ouvintes<sup>3</sup>, e, a partir da perspectiva das relações sociais que se forjam nessas situações, elucidar em que medida o consumo se apresenta como mediador dessas relações?

Em caso afirmativo, espera-se que tal contribuição ofereça uma perspectiva de análise que permita uma diferente compreensão dos processos sociais e culturais do consumo.

Com o intuito de responder à questão proposta, foram delineados os objetivos que se seguem.

### **1.2.1. Objetivo Geral**

Pesquisar algumas práticas sociais e hábitos de consumo de um grupo de surdos residentes na região metropolitana de Vitória-ES e, mediante a utilização de um arcabouço teórico sobre o consumo e sobre a surdez, buscar compreender de que forma esses consumidores forjam suas relações sociais através do consumo de bens e serviços.

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por surdos de modo a identificar os “não-surdos”. Quando o ouvinte pertence à comunidade surda geralmente possui uma função seja de mãe/pai, filho, educador, intérprete, professor, médico, instrutor, etc..

### 1.2.2. Objetivos Específicos

- Identificar experiências de consumo vivenciadas por surdos e ouvintes que compõem o grupo analisado;
- compreender, através das experiências destacadas, como o grupo se compõe e de que forma o consumo ocorre nessas situações;
- identificar a existência de sujeitos-chave na construção coletiva do grupo pelas situações estudadas, bem como registrar seus mecanismos de atuação nessa construção;
- analisar em que medida o consumo se apresenta como mediador das relações sociais experienciadas pelo grupo de surdos.

### 1.3. JUSTIFICATIVA

A ausência de publicações deixada pelas Ciências Sociais Aplicadas, principalmente pela Administração, confirmado junto ao CAPES e à ANPAD, permite um caminho a desbravar, seja pelos estudos que, como este, estão relacionados ao sub-campo do Marketing ou ainda a outros sub-campos como Estudos Organizacionais, Gestão Pública e Sistema de Informações, além das demais áreas da Administração, pelas quais pesquisas podem ajudar a compreensão das organizações e da sociedade.

Outro fator que motivou a realização desta pesquisa foi a dimensão cultural encontrada em trabalhos sobre a surdez como os de Sacks (1998), Padden e Humphries (2000), Skliar (2000 e 2006a), Lopes (2007), Perlin (2000) e Thoma e Lopes (2004 e 2005) e a possibilidade de análise dessa dimensão através do estudo de campo e observação direta.

Essa aproximação metodológica e o objeto de estudo exigem a presença do pesquisador junto ao grupo pesquisado, permitem explorar o consumo e a surdez e fornecem a condição de estranhamento necessária para a utilização do método, na medida em que o contato com a comunidade surda exige a compreensão das relações sociais compartilhadas pelos seus membros e também o domínio de uma língua própria, a LIBRAS.

Dessa forma, a aproximação metodológica proposta permite a relativização, que consiste na busca pela compreensão do grupo estudado pelos seus próprios valores, na diferença que os une e os faz relacionar-se entre si e com a sociedade.

Por consequência, e ao se realizar o caminho inverso, talvez seja possível, a partir dos significados compartilhados pela comunidade surda, entender os demais grupos da sociedade. Em outras palavras, supõe-se que o entendimento dos valores, atitudes e comportamentos desse grupo pode ser revelador sobre os demais processos culturais de consumo.

Portanto, saber em que medida o consumo se apresenta como o mediador entre as experiências de um grupo de surdos da região metropolitana de Vitória-ES e como esse conhecimento permite melhor compreender processos sociais e culturais do consumo pode contribuir para o corpo de pesquisas que, nessa perspectiva, têm sido desenvolvidas sobre o consumo.

Entre os pesquisadores brasileiros que estudam o consumo como intermediador de relações, Livia Barbosa (2008) e Everardo Rocha (2005), ao concluírem suas obras, sugerem a realização de pesquisas sobre o consumo com grupos específicos de consumidores, tal como este trabalho se propõe.

A intenção é contribuir para as discussões que são desenvolvidas sobre o tema do consumo. Ao mesmo tempo, provocar pesquisadores do campo da Administração a buscar informações além das fronteiras organizacionais, em seu aspecto tradicional, e, mais especificamente, pelo reconhecimento da alteridade, da diferença, como relevantes na construção social.

Por esse posicionamento, este trabalho tangencia temas caros à comunidade surda, tais como cultura, comunidade, identidade, diferença e inclusão, e se apresenta como inclusivo, na medida em que a compreensão dessa parcela da população nos permite conhecê-la e respeitá-la. Contudo, não se busca criar propostas inclusivas, como ocorrem em algumas pesquisas nessa área (PERLIN, 2000; SKLIAR, 2000; THOMA & LOPES, 2005). E sim, em relação aos estudos surdos, esta pesquisa pretende servir para apresentar mais uma possibilidade de compreensão da comunidade surda, ao relacionar temas como surdez, cultura, consumo e diferença numa aproximação de cunho antropológico.

Aqui, a aproximação e a análise do objeto se dão por um estudo de campo e através da utilização da observação direta para a construção das informações. Estas, oriundas da Antropologia – ainda em maturação em pesquisas da área da Administração – foram propostas para análise de tribos e comunidades primitivas pela possibilidade de compreensão cultural acerca dos fenômenos que nelas ocorrem (GIL, 2002) e vai ao encontro da compreensão da comunidade surda pela forma em que ela se reconhece.

Dessa forma, a aproximação e a discussão metodológica propostas vêm a contribuir para o crescente corpo de trabalho que busca legitimação no campo da Administração e, mais especificamente, em seu sub-campo do Marketing, seja em referência à discussão acerca da aplicação metodológica, como sobre a compreensão da construção de significados pelo consumo enquanto elemento cultural construtor de identidades e diferenças.

#### 1.4. PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES DE CUNHO METODOLÓGICO

A escolha pela aproximação metodológica ocorreu após o levantamento bibliográfico através da análise dos trabalhos defendidos pelos PPG das IES brasileiras entre os anos de 2000 e 2007 – nos quais foram identificados como a surdez vem sendo tratada pela academia, a lacuna deixada pelas Ciências Sociais Aplicadas, quais são as áreas do conhecimento que se dedicam ao tema, bem como os principais

pesquisadores dos estudos surdos – e pela leitura do referencial teórico que se tornou recorrente na leitura dos resumos de cada pesquisa.

Entre as obras analisadas, encontram-se: *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos* de Oliver Sacks; *As imagens do outro sobre a cultura surda* de Karin Strobel; *Deaf in America: voices from a culture* de Carol Padden e Tom Humphries e *Surdez e Educação* de Maura Corcini Lopes. Ao trazer descrições e relatos de experiência de vida de surdos, os autores se ocuparam em esclarecer as diferentes percepções entre surdos e ouvintes e em elucidar posturas, hábitos e experiências de vidas de surdos, em detrimento de uma perspectiva enraizada na falta e na limitação dessas pessoas. Contudo, para os fins deste trabalho, parte da obra de Strobel (2008) será analisada posteriormente. Nela foi possível evidenciar uma relação mais direta entre bens de consumo e a surdez.

Em relação ao estudo do consumo, foram revisados os trabalhos de Daniel Miller, *Pobreza da moralidade e Teoria das compras*; de Grant McCracken, *Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo* e; de Everardo Rocha, *Culpa e Prazer* e *Totem e consumo*. Pois eles trabalham dimensões do consumo relevantes na aproximação que esta pesquisa propõe, a saber: o nível microssocial de análise encontrado em Miller (2002), que aponta de que forma os bens de consumo podem intermediar relações; o movimento do significado no mundo constituído culturalmente de McCracken (2003); o consumo como sistema cultural e a ferramenta pedagógica da publicidade que responde por educar as pessoas para o consumo (ROCHA, 2000, 2005).

Após esse panorama, e definida a aproximação metodológica, buscou-se, por intermédio de um estudo de campo, a utilização da observação direta – a fim de permitir o contato e o convívio com a comunidade surda – com o interesse em acessar os significados, as percepções e compreender em que medida o consumo se apresenta como construtor de identidades e diferenças.

Por essa via, a pesquisa tem como o objetivo descrever detalhadamente as características, hábitos, costumes e bens de consumo que podem ser evidenciados em situações de consumo vivenciadas através do contato com a comunidade surda.

Assim, neste estudo de campo, busca-se pesquisar um único grupo, formado não estritamente por surdos, mas também por ouvintes, os quais tiveram as primeiras relações com o pesquisador no curso de Letras-LIBRAS, na UFES, em Vitória, capital do Espírito Santo.

Diante das primeiras imersões, optou-se por estudar as relações sociais que ocorrem em situações diversas como em festas, em passeios, em encontros informais, em congressos, nos intervalos e após as aulas do curso de Letras-LIBRAS, ou seja, esta pesquisa buscou situações de consumo nas quais surdos e ouvintes que compõem a comunidade estão se relacionando. Em suma, a busca por esse ângulo talvez possa oferecer uma perspectiva de compreensão singular da visão de mundo dessa comunidade; diferente das análises enraizadas por uma perspectiva política, encontradas em alguns trabalhos dos estudos surdos, conforme nos aponta Sá (2006) e Strobel (2008).

Sendo assim, o caminho metodológico já percorrido num primeiro momento consiste em: a) revisão de literatura sobre consumo e surdez; b) identificação das principais características dessa comunidade; c) apreensão da LIBRAS e convívio com o grupo de surdos; d) delimitação dos sujeitos e do objeto de pesquisa; e) identificação de situações de consumo.

Os próximos passos estão relacionados à maior presença do pesquisador na comunidade e fazer parte, de algum modo, da realidade a ser observada. Assim, pertencer, pelo menos no tempo da realização da pesquisa, ao grupo estudado com o intuito de aumentar a construção dos dados e, posteriormente, a interpretação dos mesmos para elaboração do relatório final.

## 1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho está estruturado da seguinte forma:

O capítulo que segue a esta parte – introdução e apresentação do trabalho – contém a aproximação conceitual. Nele são apresentadas as possibilidades de análise da

surdez pelas abordagens aqui denominadas de médico/terapêutica, religiosa, política e cultural. Sendo escolhida a última perspectiva para este estudo, devido à possibilidade de compreensão do fenômeno sistêmico da surdez. As demais perspectivas são utilizadas como categorias de análise da surdez e podem ser identificadas em situações de consumo diversas.

Na segunda parte do trabalho são apresentados os artefatos culturais do povo surdo, proposto por Strobel (2008), como uma espécie de roteiro norteador das reflexões acerca das situações de consumo, apesar da postura desta pesquisadora se inclinar para a perspectiva política. Além disso, os trabalhos que compreendem o consumo como mediador de relações e construtor de significações, como os de Miller (2002), McCracken (2003) e, no Brasil, Rocha (1995, 2000, 2005) são analisados por adotarem uma visão na qual a cultural é pensada como um sistema de significação capaz de criar e ser criado por intermédio dos fenômenos sociais. Nessa medida, eles foram analisados para proporcionar, mesmo que algumas vezes não diretamente, uma interlocução com a temática desta pesquisa.

Na terceira parte do trabalho encontra-se o detalhamento metodológico. Nessa é evidenciada a inspiração etnográfica do estudo que aqui se constrói, com base nos trabalhos de Malinowski (1978), Geertz (1989) e Magnani (2002, 2003) que abordam a etnografia no contexto urbano. Também, ao utilizar uma postura mais exploratória, nessa parte da pesquisa encontra-se de que modo ocorreu a inserção do pesquisador no grupo de surdos e como se delineou a construção do método utilizado.

Posteriormente, as situações de consumo vivenciadas junto ao grupo de surdos serão trazidas à tona. Com elas é possível elucidar, a partir das percepções que emergem do grupo em destaque, alguns significados do consumo. Dentre as situações vivenciadas destacam-se duas referentes ao transporte coletivo, uma ao almoço em um restaurante, outra sobre os encontros no bar e, finalmente, sobre a festa de *halloween* dos surdos.

Na quinta parte, será feita a análise dos fenômenos apresentados a partir da descrição dos dados. Esta se dará baseada nas abordagens sobre a surdez,

valorizando seu caráter cultural, desenvolvido pelos estudos surdos (STROBEL, 2008; SÁ, 2006; LOPES, 2007), bem como através de análises do consumo como mediador de relações e construtor de significações, encontrados em obras como Miller (2002), Rocha (2000, 2005) e McCracken (2003). Por último, serão feitas as considerações finais acerca desta pesquisa e serão apontadas as demais possibilidades de desdobramentos da mesma.



## 2. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Este capítulo inicia-se apontando algumas possibilidades de interpretação da surdez, ou seja, quais são os significados mais recorrentes que podem ser encontrados para a mesma, tanto nas pesquisas acadêmicas analisadas, quanto nos sentidos que surgiram nos primeiros contatos com o grupo de surdos em Vitória. Posteriormente, segue o trabalho sobre “artefatos culturais” (experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais), parte da obra de Karin Strobel (2008), e sua possível relação com os bens de consumo.

Na última parte do levantamento bibliográfico, segue a análise de obras de três autores que tratam do consumo por uma perspectiva antropológica, Daniel Miller (2002), Grant McCracken (2003) e Everardo Rocha (1995, 2000, 2005). A partir da leitura e interpretação desses trabalhos, esta pesquisa se norteará na compreensão das percepções e dos significados do consumo que emergem através das relações forjadas com o grupo estudado.

### 2.1. POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA SURDEZ

Como já mencionado, esta pesquisa utilizará da perspectiva cultural para tratar a ausência do sentido da audição e do consumo. Entretanto, como pode ser visto tanto em obras relacionado à surdez quanto em contato com o grupo de surdos, essa temática pode ser compreendida através de vários outros discursos. Entre eles, três se destacam através da leitura de obras como as de Moore e Dalley (2007), Strobel (2008), Sá (2006), Lopes (2007) e Skliar (2006b) e nas relações sociais que foram vivenciadas junto ao grupo pesquisado. Nesta parte do trabalho serão apresentadas essas abordagens e pontuada a escolha da busca pela compreensão da surdez através de uma perspectiva mais cultural. Contudo, elas servirão de apoio para a análise do objeto após a descrição das situações de consumo.

As abordagens que aqui serão denominadas médico/terapêutica, religiosa, política e cultural são um reflexo de como a sociedade se organiza para interpretar esse segmento da população, suas relações e seus desdobramentos. Cada uma delas emerge de acordo com o grupo, a época ou o contexto social no qual a criação desses significados foi promovida.

### **2.1.1. Surdez Pela Abordagem Médico/Terapêutica**

A abordagem médico/terapêutica emerge pelo campo das Ciências da Saúde e compreende a ausência da audição, seja em parte ou na sua totalidade, como deficiência, doença ou distúrbio. Essas definições surgem em contraposição à fisiologia natural ou biológica do corpo humano.

Para essa primeira perspectiva, deve-se diagnosticar a ausência da audição, tanto pela localização, quando a disfunção ocorre no ouvido, na cóclea ou no cérebro, quanto em relação ao seu nível<sup>4</sup> (MOORE & DALLEY, 2007), para descobrir as causas do inadequado funcionamento do organismo e buscar soluções, normalmente através da utilização de aparelho auditivo ou implante coclear, para a audição ser estabelecida.

Dessa forma, quem não possui a audição plena deve ser diagnosticado e iniciar um tratamento, pelo qual ocorre geralmente a intervenção de um fonoaudiólogo para adequação da audição e, quando necessário, da fala. Assim, através da intervenção proposta pelos especialistas, de acordo com o tipo de problema, compreende ser possível à pessoa deficiente ter uma vida normal, ou seja, em conformidade com a fisiologia biológica humana para conviver em sociedade e possuir o sentido da audição funcionando adequadamente.

Ao tratarmos a ausência da audição como deficiência, colocamos seus portadores num lugar específico, limitador de práticas sociais, principalmente por serem

---

<sup>4</sup> Um ramo da Medicina, a Audiometria, classifica o indivíduo pelos níveis em decibéis (dB) que possui. Através da identificação de perda leve (25 a 40 dB), moderada (41 a 55 dB), moderada severa (56 a 70 dB), severa (71 a 90 dB) e profunda (acima de 91 dB) (MOORE e DALLEY, 2007).

deficientes e não compartilham do som – elemento fundamental da língua (e linguagem) socialmente estabelecida – se desenvolvem à margem.

Conforme nos aponta Lopes (2007), essa perspectiva perpassa as clínicas e hospitais e atinge demais esferas da vida social, pois “fomos ensinados a olhá-los e a narrá-los a partir de saberes clínicos e terapêuticos que os posicionavam como sujeitos menores, incapazes e deficientes” (p. 43). Contudo, esse aprender a narrar a surdez a partir da deficiência não se restringe à outra parcela da população, aos ouvintes. Na medida em que tal interpretação é compartilhada pela sociedade, é possível que sujeitos surdos se convençam de uma posição diferenciada em relação aos demais.

### **2.1.2. Surdez Pela Abordagem Política**

Há casos de surdez para os quais não existe remédio, tratamento ou tecnologia que dê conta de curar o paciente. Geralmente nesses casos a disfunção encontra-se no cérebro e cabe ao portador da deficiência aguardar por um avanço tecnológico, para que num futuro possa haver uma solução para o problema.

Contudo, existem pessoas que buscam por outras condições de vida – que muitas vezes pode ser lida, através da abordagem anterior, como uma exclusão dos surdos em relação ao resto da sociedade – baseadas na lógica da diferença. Ao se identificar como diferente, os surdos sugerem um lugar de referência, no qual o convívio social deva ocorrer através da semelhança e onde “possam proclamar uma identidade forjada dentro de um espaço forte, seguro e sustentado por elos de amizade e de cumplicidade” (LOPES, 2007, p. 60).

Dessa forma, ao tramarem suas relações em comunidade, os membros da comunidade surda tentam sobreviver ao apagamento das diferenças, que podem não ser tão frágeis quando agrupadas. Contudo, as diferenças individuais são deixadas de lado em nome de uma “luta maior” e em torno do reconhecimento de uma identidade.

Essa “tentativa de sobrevivência” busca, por intermédio das semelhanças, ressaltar a importância da criação e o fortalecimento da comunidade surda, baseada na essência do ser surdo – possuidor de uma cultura específica criada através do processo sócio-histórico de embates contra a hegemonia ouvinte; pelos direitos de convivência sob um mesmo espaço físico; pelo fortalecimento da LIBRAS; pela possibilidade de estudarem em escolas de surdos e terem respeitada a diferença surda no aprender; pelo direito de se reunirem na associação de surdos; para terem intérpretes em qualquer lugar e em qualquer momento e; para participarem de tudo o que acontece em espaços públicos (LOPES, 2007).

Portanto, enfatizar a idéia de invenção da comunidade surda é abrir mão de si mesmo em busca de objetivos convergentes na busca de referências que possam orientar o grupo. Nesse sentido, a ausência da audição – diferença primeira que agrega os surdos – cede espaço para os significados da surdez que são responsáveis pela visão identitária do ser surdo. Assim, surdez não significa uma condição de não ouvir *a priori*; mas sim significa pensar como os surdos constroem os sentidos, através da afirmação de uma língua própria e de estratégias de sobrevivência singulares, que se mantêm na comunidade.

Através das lutas e embates em busca da identidade surda, em 22 de dezembro de 2005, foi promulgado o Decreto N°. 5.626, que passou a definir oficialmente a pessoa surda como aquela que, por ter perda auditiva, se relaciona com o mundo através dos estímulos visuais pelos quais, principalmente por meio da LIBRAS, manifesta sua cultura.

Através desse documento, a perspectiva médico/terapêutica é aviltada em favor de uma postura mais política, quando o Governo Federal se posiciona direcionado a reconhecer e promover a inclusão do surdo na sociedade brasileira, uma vez que regulamenta a inclusão da língua de sinais como disciplina curricular, dando garantias ao direito à educação das pessoas surdas ao ratificar o papel do poder público e das organizações que detêm concessão ou permissão de serviços públicos no apoio ao uso e difusão da LIBRAS.

Conforme aponta Lopes (2007), esses avanços políticos relacionados à comunidade surda contribuem para que esta seja vista não mais como um grupo de sujeitos desorganizados, frágeis, dependentes dos ouvintes – tanto no sentido linguístico quanto auditivo –, mas sim como um grupo de pessoas reconhecidas pela diferença, que buscam acesso a todas as esferas da sociedade.

Dessa forma, a luta pela diferença surda baseia-se numa diferença que pode ser “comunalizada”, ou seja, compartilhada pelos membros da comunidade. Contudo, entende-se que a vida em comunidade é

“mais do que uma ilha de ‘entendimento natural’, ou um ‘círculo aconchegante’ onde se pode depor as armas e parar de lutar, a comunidade realmente existente se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e frequentemente assolada pela discórdia interna” (BAUMAM, 2003 p. 19).

Segundo Baumam, a busca pela comunidade se dá principalmente pela insegurança da sociedade atual. Nesta, a comunidade apresenta-se como um celeiro de relações nas quais seus membros passam compartilhar dos valores sociais homogêneos em busca de reconhecimento, confiança e segurança.

Contudo, compartilhar valores é uma situação que envolve, constantemente, novos posicionamentos dentro (e fora) da comunidade, ao traçar e retraçar os limites que sempre propiciarão novas negociações (BAUMAN, 2003). Negociações essas que, de acordo com Bauman (2003), compõem uma das causas que a comunidade muitas vezes não consegue sustentar: a estabilidade desejada.

Com efeito, na medida em que a dimensão política se ocupa em relatar a convergência de interesses no bojo da comunidade surda, a compreensão desses sujeitos limita-se à sua dimensão política. Desse modo, as relações sociais que ocorrem dentro da comunidade surda e as relações não baseadas na “negociação” da surdez com o restante da sociedade apontam possibilidades que tal perspectiva não se preocupa em observar.

### 2.1.3. Surdez Pela Abordagem Religiosa

Nos primeiros contatos realizados com a comunidade surda de Vitória, quando ainda se perguntava onde poderia encontrar escolas, instituições, comunidades e locais nos quais a aquisição e treino da LIBRAS fosse possível, era recorrente a sugestão, por parte de surdos e, principalmente, por ouvintes, para se buscar as instituições religiosas cristãs.

Entre elas, destacaram-se duas: a Igreja Batista da Praia do Suá, em Vitória e, a Igreja Testemunha de Jeová – Congregação Laranjeiras, na Serra, pelos programas desenvolvidos, tais como celebrações semanais em LIBRAS, Ministérios de surdos, grupos de teatro e dança religiosa de surdos, dentre outros.

Posteriormente, foi possível constatar que, dos ouvintes intérpretes de LIBRAS que faziam parte desse grupo – um pouco menos do que 30 naquele momento –, apenas dois não possuíam algum vínculo religioso. Ademais, as instituições religiosas cristãs mais frequentadas pelos surdos e ouvintes do grupo eram Testemunha de Jeová, Batista e Adventista.

Por essa abordagem, a surdez não é vista como doença/deficiência, nem de acordo com sua perspectiva política, embora respeitada sua dimensão linguística.

Segundo alguns intérpretes de Vitória, a surdez, pela perspectiva religiosa, significa a incapacidade de ouvir as palavras daquelas instituições. Dito de outra forma, os ouvintes – principalmente os que dominam a LIBRAS e interpretam as celebrações – são os detentores do conhecimento da religião e ocupam um papel de intermediadores entre os ensinamentos cristãos e os surdos que os buscam.

Na medida em que os surdos interagem nas instituições religiosas e precisam ser intermediados pelos ouvintes, emerge uma relação de interdependência, na qual surge um significado da surdez que a coloca como um traço distintivo. Neste, o surdo, sem o apoio institucional, não pode ser alcançado pela mensagem cristã.

Entretanto, buscar pelos “ensinamentos de Deus” é conquistar, através da religião, a barreira proporcionada pela condição de ser surdo. Nesta, um “outro mundo” é

apresentado como uma zona neutra, na qual não existem diferenças entre as pessoas e onde a renúncia de um mundo de contradições, injustiças, lutas e ilusões se concretiza (DA MATTA, 1997).

Apesar de não realizar tal constatação *in loco*, uma vez que o acesso às instituições religiosas foram limitados a duas visitas, tal significado da surdez, encontrado em conversas com intérpretes e surdos, adquire ressonância no artigo de Silva e Teixeira (2008).

Esses autores fizeram uma análise comparativa entre a Igreja Batista e a Igreja Internacional da Graça de Deus, donde encontraram um significado da surdez que vai ao encontro do analisado acima, na qual a surdez “vista como metáfora do desconhecimento da *palavra de Deus*, algo que missionários visam superar, fazendo com que surdos “ouçam” com os olhos” (SILVA E TEIXEIRA, 2008, p. 13).

Outro significado encontrado por Silva e Teixeira (2008) não trata a surdez a partir de uma diferença linguística, política ou similar à vista no parágrafo acima. Mas sim, “como um grupo que deve ser curado de sua doença, a surdez” (p. 14) e cabe à igreja a cura. Essa abordagem se aproxima da primeira (médico/terapêutica), exceto pela “responsabilidade” da cura que cabe à religião ou ao missionário, ao invés dos profissionais da área da saúde.

#### **2.1.4. Surdez Pela Abordagem Cultural**

Sem deixar de se ocupar das abordagens médico/terapêutica, política e religiosa analisadas acima, este trabalho adotará uma perspectiva sócio-antropológica da diferença (cultural) da surdez. Pois acredita-se que, por intermédio dessa, os significados da surdez, da ausência da audição, da realidade dessas pessoas não devem ser tomados de antemão, uma vez que eles se criam, transformam-se e são negociados na medida em que as relações são estabelecidas.

A construção dos significados por intermédio das relações sociais está ancorada nas concepções da Antropologia Social, conforme pode ser visto na denominada

corrente hermenêutica ou interpretativa desenvolvida por Geertz (1989). Para este, a cultura deve ser vista como uma teia de significados, na qual os seres humanos estão amarrados e através dela norteiam suas vidas. Desse modo, em interações cotidianas, os homens tecem teias de significados sociais, nas quais produzem e reproduzem sentidos para suas ações. Portanto, a compreensão cultural de determinado grupo ou comunidade passa pelos significados e sentidos compartilhados pelos seus membros.

De modo semelhante, alguns autores dos chamados estudos surdos, tais como Skliar (2000, 2006a, 2006b), Quadros (2006), Thoma e Lopes (2004, 2005), dentre outros, publicaram obras no Brasil sobre surdez e língua de sinais que visam valorizar as concepções de surdez, afirmando-a em termos da particularidade étnica e linguística, ao invés de elaborarem pesquisas que a colocam como doença, deficiência ou problema.

Evidentemente que cada significado da surdez que surge não faz extinguir os demais discursos e práticas que vislumbram a surdez de outra forma. De acordo com Lopes (2007), os diversos significados da surdez emergem em conformidade com a percepção, identificação e interpretação de cada pessoa. Contudo, eles são inseparáveis da cultura em que se formam e circulam. Dessa forma, os significados são os responsáveis pela visão (cultural) socialmente compartilhada da pessoa surda.

De acordo com a autora, a surdez deve ser pensada como um traço cultural, sem, contudo, negar seu caráter natural. Ela deve ser tida como uma construção coletiva, desconsiderando as idéias que a focalizam como condição primeira de não ouvir (LOPES, 2007).

Assim, tanto a perspectiva médico/terapêutica quanto a política e a religiosa são invenções culturais, Pois, a partir de percepções distintas, são construídas e compartilhadas coletivamente e passam a ter nomes. Segundo Lopes (2007), essa construção ocorre através da comunicação e por intermédio da linguagem.

A surdez, vista por esse prisma, como inserida num campo de ações construídas socialmente pela linguagem, participa de um sistema de significações, pelo qual



peças e objetos são representados – bem como a negociação de sentidos sobre eles – por intermédio de experiências cotidianas e interpretações sobre pessoas e objetos, dentro ou fora de determinada comunidade.

Portanto, os significados e sentidos produzidos num ambiente que sofre influência da perspectiva médico/terapêutica tenderão a compartilhar da deficiência, doença e tratamento no tocante à surdez. Da mesma forma, quando se referir à surdez pela dimensão política, a temática será tratada unificando os surdos em prol de uma legitimação do grupo, em busca de valorização, reconhecimento e direitos. Pela abordagem religiosa – ou por outra similar a ela, como a Educação numa postura tradicional – a “salvação” do surdo está em outro lugar que será acessado por intermédio das mãos do ouvinte, o intérprete.

Em conformidade com o que postula Lopes (2007), pela abordagem cultural – donde se deriva a dimensão política –, a surdez deve ser compreendida como uma marca sobre a qual a diferença se estabelece devido ao compartilhamento de experiências (visuais) comuns.

Assim, conforme Lopes (2007), a surdez está relacionada as regras culturais, cujas diferenças surgem a partir da necessidade de comparação entre indivíduos de grupos culturais distintos. Para a autora, a surdez deve ser encarada não apenas pela falta, mas principalmente pelas diferenças. Em outras palavras, deve-se identificar as particularidades dos surdos como “elo aproximador” entre os sujeitos semelhantes.

E é por intermédio dessa marca surda – através das formas de se relacionar, identificar e distanciar, de se comunicar e aproximar dos outros – que pesquisas têm sido desenvolvidas tendo como sujeito os surdos e os demais membros da comunidade surda, em busca da compreensão de como a surdez é significada a partir da percepção dessas pessoas.

A partir dos significados dessa abordagem, notam-se propostas e reflexões para a educação dos surdos em trabalhos como os de Lopes (2007), Sá (2006), Skliar (2006b), Quadros e Perlin (2007), Quadros (2006) e Karnopp (2004), bem como

histórias de vida de surdos em Padden & Humphries (2000), Sacks (1998), Graff & Graff (1991), Vilhalva (2004) e Strobel (2008).

Contudo, não se trata aqui de evocar uma cultura, identidade ou perspectiva surda unívoca, até mesmo pelo fato dos surdos se enquadrarem em categorias diversas como raça, gênero, classe social, renda, condição física, dentre outras, que os fazem serem diferentes até mesmo no grupo nos quais estão inseridos. Ao contrário, a intenção é oferecer uma perspectiva de análise do objeto, baseada na surdez enquanto um sistema cultural, pelo qual a sociedade também se institui.

Nesse sentido, é importante levar em consideração que, dentre as obras analisadas, a surdez pode ser tratada como um conjunto de características identificáveis nos surdos. Nelas é possível verificar a língua de sinais, as gerações de surdos, as associações de surdos (SKLIAR, 2006b), os contatos sociais, as histórias e literaturas sobre os surdos (PADDEN & HUMPHRIES, 2000) e outros artefatos culturais (STROBEL, 2008) como fatores aglutinadores das comunidades surdas.

Magnani (2007), ao analisar os conceitos de comunidade e cultura surda nas obras de Padden (1989), Lane (1984) e Skliar (2000), aponta que essas tentativas de definição de um conceito de cultura baseada em características ou particularidades de um grupo limitam as reflexões de um ponto de vista cultural. Contudo, permitem uma análise com implicações no plano da cultura.

Dessa forma, ao analisar essas “peculiaridades surdas”, talvez seja possível criar uma relação com o que pode ser encontrado nas situações de consumo vivenciadas a partir da participação no grupo de surdos que compõe o objeto desta pesquisa.

## 2.2. ARTEFATOS CULTURAIS

Na obra da pesquisadora surda Karin Strobel (2008) é possível encontrar uma espécie de *checklist*, proposto a fim de traçar os panoramas gerais das

“peculiaridades da cultura surda” e seus significados compartilhados. Tal proposição é trabalhada no capítulo intitulado *Os artefatos culturais do povo surdo*<sup>5</sup>.

A partir desse *checklist*, talvez não seja possível identificarmos uma cultura surda, conforme propõe Strobel (2008), capaz de ser acessada em cada comunidade surda. Contudo, o entendimento e a análise dessas características e peculiaridades podem contribuir numa reflexão acerca das situações de consumo desta pesquisa. Assim, entende-se que estes artefatos podem se tornar repositórios de significados do mundo culturalmente constituído, conforme postula McCracken (2003).

Nesse sentido, Strobel (2008) corrobora com McCracken (2003) ao afirmar que valores e normas estão depositados no que chamou de “artefatos culturais” compartilhados pelo povo surdo. Como artefatos culturais, a autora compreende que “não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (STROBEL, 2008, p. 37).

Em outras palavras, para Strobel (2008) os artefatos culturais correspondem não apenas aos bens tangíveis, mas referem-se também às percepções, valores, posturas e atitudes em relação a determinadas situações. Dessa forma, a partir da elucidação dos artefatos culturais denominados por a) experiência visual; b) linguístico; c) familiar; d) literatura surda; e) vida social e esportiva; f) artes visuais; g) política e; h) materiais seja possível compreendê-los como possibilidades de repositórios de uma dimensão cultural compartilhada pelos surdos Strobel.

### **2.2.1 Experiência Visual**

A primeira peculiaridade da cultura surda listada por Strobel (2008) refere-se à experiência visual. Na ausência da audição e da percepção do som, os surdos reforçam a sua “leitura do mundo” apoiando-se no sentido da visão.

---

<sup>5</sup> De acordo com Strobel (2008), a expressão “povo surdo” refere-se aos sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independentemente do grau de evolução da língua de sinais e qualquer outro traço cultural surdo.

Desse modo, pode haver interpretações diferentes de uma mesma situação. De acordo com Strobel (2008), os surdos buscam comunicar-se por intermédio de um código visual, enquanto os ouvintes estão mais voltados para a audição. Utilizar a experiência visual como forma primeira de se comunicar remete ao surdo ser possuidor de uma língua (própria) de sinais e de características singulares, que às vezes a sociedade não está preparada para lidar.

Por ser tão valorizado, o campo visual do surdo possui algumas características marcantes. Entre elas, Strobel (2008) destaca o diálogo frente a frente, independentemente da distância, de modo que este permita a visualização dos sinais do interlocutor. Isso porque, virar as costas ou perder o contato visual equivale a não ouvir parte da conversa e pode ser considerado como desinteresse.

Outro fato destacado diz respeito ao espaço visual entre duas pessoas dialogando em língua de sinais, pois torna-se um inconveniente quando alguém ocupa esse espaço e visualmente atrapalha a conversa. O fato se agrava nas ocasiões nas quais os surdos perdem totalmente o campo visual, como no caso de uma queda de energia à noite; estes “ficam desorientados e em apuros” (STROBEL, 2008, p.42).

### **2.2.2. Linguístico**

O artefato cultural linguístico, proposto por Strobel (2008), está intrinsecamente relacionado ao primeiro. Junto aos sinais estão as expressões facial e corporal, o movimento do sinal, o local onde ele é realizado e a configuração de mãos no ato da sinalização. Esses fatores são responsáveis por transmitir mensagens de um contexto que não procede da oralidade. Pois, enquanto o português utilizado no Brasil é oral-auditivo, a língua de sinais é transmitida pela modalidade gesto-visual (ou espaço-visual).

Para Strobel (2008), a língua de sinais é uma das principais marcas surdas, é “própria do surdo”, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais de quem as compartilha e proporciona aos surdos receber e transmitir informações e conhecimentos. Ademais, a mesma resistiu aos preconceitos e discriminações que

ocorreram ao longo da história do povo surdo, tendo sido proibida por muitos anos nos contextos escolares (SACKS, 1998; SÁ, 2006, LOPES, 2007).

Os estudos sobre língua de sinais obtiveram corpo teórico a partir da publicação de Stokoe (1960), americano responsável pela primeira publicação de uma proposta para a estrutura da língua de sinais. Contudo, diferentemente do que ocorreu com a língua portuguesa brasileira, a língua de sinais do Brasil teve origem na França. Dessa forma, sua estrutura gramatical, semântica, morfologia, sintática não se equiparam à da língua portuguesa e sim à da língua de sinais francesa.

A língua de sinais possui também um sistema de escrita, conhecido como *Sign Writing* – SW. Ele desprende a língua de sinais da agrafia. No Brasil, começou a ser pesquisado e desenvolvido por Stumpf (2004). Dinâmica, a LIBRAS sofre mudanças decorrentes do contexto no qual é utilizada, o que permite, com o decorrer do tempo, um sinal sofrer alterações derivadas dos costumes e hábitos dos surdos que a utilizam.

### **2.2.3. Familiar**

No decorrer da história, a língua de sinais passou de surdo para surdo. Seu aprendizado ocorria – e ainda ocorre assim em muitos lugares – dentro da própria família dos surdos, nos ambientes nos quais as famílias frequentavam. Strobel (2008) considera esse ambiente importante na formação do surdo por ser o local que agrega a cultura surda.

Numa família de surdos, o nascimento de uma criança surda é um acontecimento alegre, uma vez que tal fato é benquisto pelo povo surdo que não vêem esta criança como um “problema social”. Segundo Strobel (2008), essa interpretação compete à maioria das famílias ouvintes, pois estas, durante a gravidez, desejam que o filho nasça “bonito”, “inteligente”, “perfeito” e, conseqüentemente, ouvinte.

Por via contrária, nas famílias surdas existe uma não preocupação com a audição do bebê, ou, na maioria das vezes, uma preferência para que os filhos sejam surdos.

Para Strobel (2008), isso se justifica porque a família surda possui hábitos diferentes dos ouvintes, tais como assistir televisão utilizando a ferramenta “mudo” para não incomodar os vizinhos com o som alto; a utilização da língua de sinais como a língua prioritária do lar; lavar louças e fazer movimentos inesperadamente com barulho alto sem perceberem.

Os vínculos criados no ambiente familiar se tornam relevantes na formação do sujeito. Principalmente entre os surdos, caso estes encontrem na família pessoas que os compreendam, não como limitados, com problemas cognitivos, mas como pessoas com condições similares às demais e, portanto, que devam ter acesso às mesmas oportunidades (STROBEL, 2008).

#### **2.2.4. Literatura Surda**

A literatura surda é entendida por Strobel (2008) por histórias que possuem a língua de sinais, questões referentes à condição de ser do surdo e da cultura surda. Desse modo, ela apresenta a memória das experiências de vida através das várias gerações dos povos surdos. A literatura corresponde a diferentes gêneros, tais como: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais.

Pelas experiências compartilhadas, no sentido de dar sustentação a determinados discursos sobre os surdos, eles “expõem as dificuldades e ou vitórias das pressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas” (Strobel, 2008, p. 56).

Desse modo, através da manutenção e contato com a literatura surda pelos surdos e por demais membros da sociedade é possível que os leitores verifiquem as trajetórias vivenciadas por surdos no passado e em suas vidas cotidianas, através de uma perspectiva surda. Segundo Strobel (2008), isso é valorizado pelos surdos, pois contribui para uma construção identitária, ao compartilharem histórias, anseios e sentimentos (STROBEL, 2008).

### 2.2.5. Vida Social e Esportiva

O quinto artefato cultural destacado por Strobel (2008) é a vida social e esportiva do surdo. Nestes estão contidos os acontecimentos culturais, tais como casamentos entre os surdos, festas, lazer, atividades nas associações de surdos e eventos esportivos, entre uma série de outras atividades sociais.

Strobel (2008) destaca situações cotidianas, nas quais os surdos precisam elaborar alguma estratégia para conseguir atingir seus objetivos, como foi o caso da própria autora do livro quando precisou fazer uma viagem de avião pela manhã.

Como moro sozinha, eu precisava ir ao aeroporto no dia seguinte às 5 horas da madrugada e não sabia como iria chamar um táxi? Então mandei mensagem celular para minha irmã e pedi para ela agendar um táxi em frente meu apto. No dia seguinte, o táxi veio, escrevi para o motorista um papel explicando que queria ir ao aeroporto e ele me levou sem problema (STROBEL, 2008, p. 61)

Outro ponto que destaca refere-se a como os surdos identificam as pessoas que com eles se relacionam. Os surdos não são identificados através dos níveis de surdez (como leve, moderada, severa e profunda), nem em relação à aquisição da língua portuguesa (como pré-linguista ou pós-linguista), mas como surdos. As demais pessoas são identificadas como ouvintes.

Igualmente, Strobel (2008) aponta que os surdos com frequência participam das associações de surdos, espaços que funcionam para recreação e discussão política, principalmente nos bailes, nos desfiles de misses surdas, nos eventos esportivos surdos, nas reuniões acerca da relação da comunidade com os governos locais e nas decisões referente às viagens para congressos, palestras e festas de outras associações. Segundo a autora, nos bailes e festas promovidos pelas associações de surdos, quando tem música, há poucos surdos dançando, pois essa manifestação cultural não pertence ao povo surdo.

Assim, as festas nas associações são mais como um ponto de encontro, na medida em que revêem os amigos de muitos lugares do país e sentem a necessidade de “botar o papo em dia” para saberem as novidades mais do que efetivamente dançar ou sentir a vibração da música.

Outro fato destacado como curioso entre os surdos é a tradição de batizar os nomes de seus membros em línguas de sinais, geralmente levando em conta alguma característica física da pessoa, ou a primeira letra do seu nome, ou ainda o sinal da profissão ou atividade que realiza.

#### **2.2.6. Artes Visuais**

Indo ao encontro da literatura surda, as artes visuais confeccionadas pelos surdos servem, para a comunidade surda, como a síntese de emoções, histórias, subjetividades e expressão cultural do artista surdo. Segundo Strobel (2008, p. 66), “o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretam a cultura surda”.

Desse modo, através de desenhos, pinturas, esculturas, teatros e outras manifestações artísticas, os surdos manifestam com “equilíbrio, harmonia e revoltas as muitas discriminações sofridas pelo povo surdo. Como exemplo, há muitas pinturas e esculturas lindas que os artistas surdos produzem em língua de sinais, cenas de opressões ouvintistas” (idem, ibidem)

#### **2.2.7. Político**

A penúltima peculiaridade da cultura surda refere-se às manifestações políticas. Estas consistem em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos.



Como destacado anteriormente, os surdos buscam, através de reuniões, compartilharem dos interesses em comum, com o intento dos direitos, da cidadania, da “pedagogia surda” e do reconhecimento da sociedade.

As organizações que se destacam nessa perspectiva, segundo Strobel (2008) são: a) as associações de surdos; b) a Federação Nacional de Educação de Surdos – FENEIS (uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional); c) a Federação Mundial dos Surdos – WDF; d) a Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos – CBDS (responsável por organizar e regulamentar práticas das modalidades esportivas do povo surdo) e; e) o curso de Letras-LIBRAS<sup>6</sup> da UFSC, pioneiro na América Latina.

#### **2.2.8. Materiais**

O último artefato cultural destacado por Strobel (2008) é o que esta denominou por materiais. Segundo a autora, esses são bens de consumo tangíveis resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano de modo que auxilie na acessibilidade do surdo no cotidiano de sua vida.

Entre os bens de consumo, foram destacados o TDD, instrumentos luminosos como a campainha em casa e escolas de surdos, despertadores com vibradores, legendas *closed caption* e babá sinalizadoras como produtos em atendimento à surdez.

Demais bens de consumo ligados à comunicação, como telefones celulares (e sua ferramenta de enviar mensagens), computador, internet, *sites* e softwares foram considerados pela autora como “outras tecnologias que são de domínio da sociedade em geral” (STROBEL, 2008, p. 77), mas necessárias aos surdos, ou seja, através delas os surdos conseguem viabilizar suas relações sociais.

---

<sup>6</sup> A expressão LIBRAS significa “língua brasileira de sinais” e é com frequência utilizada por linguistas que tratam do tema. Neste trabalho optou-se por utilizar LSB quando for tratar dessa língua brasileira.

Dessa forma, por intermédio dos materiais, os surdos têm acesso a determinados ambientes, obtêm mais facilidades ou apenas mantêm suas relações com os próprios surdos e os demais membros da sociedade.

Através dessas “peculiaridades da cultura surda”, Strobel (2008) apresenta as formas pelas quais é possível identificar as manifestações surdas na sociedade. A autora defende que, a partir do momento em que a história dos surdos passa a ser reconhecida através de seus hábitos, costumes e suas lentes de leitura da sociedade, eles passam a ser vistos não como deficientes, doentes ou sujeitos limitados, mas como pessoas diferentes, iguais a qualquer outra.

De resto, a perspectiva cultural da surdez deve servir, não para tomá-la por absoluto, nem ao menos para contrapor com uma cultura hegemônica, ou ouvinte, como se houvesse um ambiente cultural polarizado, dicotômico. Mas como uma espécie de pano de fundo, no qual a posse, a utilização, o consumo e a intermediação dos artefatos culturais propostos por Strobel (2008) – dentre outros –, e indiretamente compartilhados por Lopes (2007) e Sá (2006), se apresentam como algumas peculiaridades dos surdos, e mostra como eles se vêem e se sentem.

### 2.3. EM BUSCA DE UMA APROXIMAÇÃO SOBRE CONSUMO

De acordo com Livia Barbosa (2008), em seu livro *Sociedade de Consumo*, o consumo deve ser compreendido como uma atividade presente em toda e qualquer sociedade humana. Dessa forma, essa antropóloga considera que as sociedades humanas consomem para sua reprodução, seja física, na geração de prole para a manutenção da espécie humana, seja social, na perspectiva mantenedora dos relacionamentos com os demais membros da sociedade. Esse consumo ocorre através da manipulação dos artefatos e objetos da cultura material.

Entretanto, essa dimensão cultural do consumo só ganhou força a partir da década de 1980 do século passado. Tal apontamento pode ser encontrado em trabalhos de Miller (2002, 2005), Barbosa (2008) e Rocha (2000), dentre outros pesquisadores. O motivo para a negligência do tema tem sido apontado, principalmente, pela

valorização do universo do “trabalho” e da “produção” pela sociedade e pela academia; muitas vezes compreendido como “gratificante”, “dignificante” e responsável pelo suprimento dos recursos necessários à sobrevivência humana (ROCHA, 2005).

Tal perspectiva de análise da produção coloca o consumo como seu antípoda. Nela, o consumo, a derradeira esfera da produção, tende a ser superficialmente compreendido, como efêmero, materialista, hedônico, supérfluo e desnecessário, geralmente, na pior conotação que pode ser dada a esses termos (MILLER, 2002; ROCHA, 2005).

Miller (2005) afirma que, apesar do crescente número de publicações recentes preocupadas com a temática do consumo, atualmente o tema ainda não é tratado com a atenção que merece. Segundo o antropólogo, grande parte das pesquisas são ocupadas pela moralidade, mostrando a postura dos pesquisadores em relação à sociedade, ao invés desta ser apresentada como um contraponto empírico em respostas às hipóteses dos pesquisadores (MILLER, 2005).

A “pobreza da moralidade”, discutida por Miller (2005), também pode ser encontrada na obra *Vida para consumo*, de Zygmunt Bauman (2008). Nesta, nossa sociedade englobaria características como o consumo de massa, a produção para as massas (sociedade de mercado), a alta taxa de consumo e de descarte, a moda e a mídia como agente de influência ao consumo e, principalmente, ao consumismo, através de mensagens afirmando “tendência de estilo” e “data de validade” e um consumidor insaciável, guiado pelos seus caprichos, como um dos principais personagens social da sociedade de consumo (BAUMAN, 2008).

A análise de “sociedade de consumo”, realizada por Bauman (2008), coloca o consumidor imerso numa macroestrutura social, na qual consome para se relacionar com os demais membros dessa estrutura. Entretanto, essa lhe impõe determinadas regras e “tarefas” que devem ser realizadas para permitir que o consumidor “adquira” os papéis sociais pelos quais busca e se posiciona na sociedade. Dessa forma, o consumo se torna uma prática *per sí*, uma vez que os papéis já estão definidos e

cabe ao “consumidor pleno” realizar tal atividade da “melhor forma possível” para não se tornar “consumidor falho” (BAUMAN, 2008).

Essa perspectiva de análise possui um tom de moralidade e limita as possibilidades de escolha do consumidor, o coloca imerso dentro de uma “cultura consumista”, além de desconsiderar a possibilidade de que objetos e pessoas possam ser ressignificados numa dimensão microssocial. Ademais, o consumidor é encarado como manequim das necessidades da sociedade. Vista como mercado, esta exige que o consumidor invista em “seu produto”, devendo se preparar para estar incluso, obter emprego, participar de determinado grupo social e cumprir determinados critérios para pertencer à determinada classe social.

Não obstante a compreensão do consumo por Bauman (2008), observam-se outros autores que apresentam contribuições acerca da aproximação do entendimento do consumo em nossa sociedade, dentre eles destacam-se Miller (2002), McCracken (2003) e, no Brasil, Rocha (1995, 2000, 2005).

As contribuições abaixo analisadas foram julgadas relevantes para o entendimento do consumo por adotarem uma perspectiva na qual a cultural é pensada como um sistema de significação. Com isso, seus pensadores buscaram interpretar a sociedade americana, a comunidade inglesa ou anúncios e discursos de publicitários brasileiros, respectivamente, no caso de McCracken (2003), Miller (2002) e Rocha (2000, 2005), para captar os significados dos fenômenos que pesquisaram.

Tal postura emerge em contraposição a uma ordem macrossocial do consumo. Nesse sentido, o consumo passa a ter uma possibilidade de análise através das experiências que surgem a partir dele.

### **2.3.1. A Perspectiva de Grant Mccracken**

Em *Cultura e consumo*, Grant McCracken (2003) apresenta o movimento do significado no mundo dos bens. Nesse trabalho, busca mostrar como cultura e consumo operam na sociedade enquanto sistema. Em outras palavras, o

antropólogo procura, através de um esquema teórico, mostrar que o significado carregado pelos bens de consumo e possuidor de uma “qualidade móvel”. Esta segue uma “trajetória tradicional”, que parte do mundo constituído culturalmente, que se transfere para o bem de consumo.

O mundo culturalmente constituído que o autor apresenta baseia-se genericamente na sociedade ocidental e, principalmente, na “América do Norte”, na qual o autor destaca características como a ausência de clareza de algumas “categorias culturais”, como, por exemplo, idade e a qualidade “eletiva”, além do caráter dinâmico das categorias nessa cultura.

A perspectiva de análise de McCracken (2003) sugere que tanto os consumidores quanto os bens de consumo sejam estações intermediárias do significado. Pois assim é a cultura que possui as “lentes” pelas quais todos os fenômenos são vistos. Ou seja, é a cultura que determina de que forma os fenômenos deverão ser apreendidos e assimilados.

Além de ser responsável pela “leitura” dos fenômenos, a cultura também responde pela coordenação da ação social e da atividade produtiva, ou seja, ela é o “plano de ação” capaz de especificar os comportamentos e os objetos que delas emanam. Dessa forma,

A cultura faz de si mesma um conjunto privilegiado de termos, dentro do qual virtualmente nada parece estranho ou ininteligível para o indivíduo, e fora do qual não há ordem, sistema, pressupostos seguros ou compreensão pronta. Em suma, a cultura “constitui” o mundo, investindo-o com seus próprios significados particulares. É deste mundo assim constituído que parte o significado cultural rumo aos bens de consumo (MCCRACKEN, 2003, p. 102).

A proposta de McCracken (2003) aponta que os significados de cada cultura possuem uma estrutura. Essa estrutura é formada pelas “categorias culturais” e pelos “princípios culturais” que são as “coordenadas fundamentais do significado” (p. 101).

Segundo afirma o antropólogo, as categorias culturais “são o tablado sobre o qual o mundo está suspenso, mas permanecem invisíveis para todos que nele vivem”

(MCCRACKEN, 2003, p. 103), ou seja, dão origem ao sistema de distinções que organizará o mundo através dos fenômenos ao estabelecer uma visão de mundo próprio, os princípios culturais consistem nas ideias organizadoras de todos os fenômenos culturais, o que permite sua distinção, classificação e relação interna.

O que se vê é que tanto os princípios quanto as categorias organizam não só os fenômenos e as relações sociais, mas também o modo com que a comunidade “manipula” esses fenômenos. Nesse cenário, os bens servem de substância para ambos e compõem o “mundo culturalmente constituído” (MCCRACKEN, 2003, p. 106).

Nesse sentido, os significados encontram-se no mundo culturalmente constituído. Contudo, a “qualidade móvel”, ao passo que permite, sugere a transferência dos significados tanto para os bens quanto para as pessoas que estes bens consomem. Assim, essa transferência ocorre em dois momentos: no primeiro deles o significado é transferido do mundo culturalmente constituído para os bens, pelos instrumentos de transferência do significado – a publicidade e o sistema da moda –; posteriormente, através da “ação simbólica” ou “ritual”, o significado cultural passa a localizar-se no consumidor (MCCRACKEN, 2003).

O primeiro dos instrumentos analisados pelo antropólogo, a publicidade, atua para coadunar um bem de consumo a uma representação existente no mundo constituído culturalmente. O objetivo é que as propriedades conhecidas pela comunidade passem a residir nas propriedades desconhecidas dos bens de consumo. Assim, principalmente através dos anúncios publicitários, os consumidores são informados “do atual estado e estoque de significado cultural presentes nos bens de consumo” (MCCRACKEN, 2003, p. 109). Com isso, a propaganda funciona como um “léxico dos significados culturais correntes” e contribui para o ordenamento desses significados.

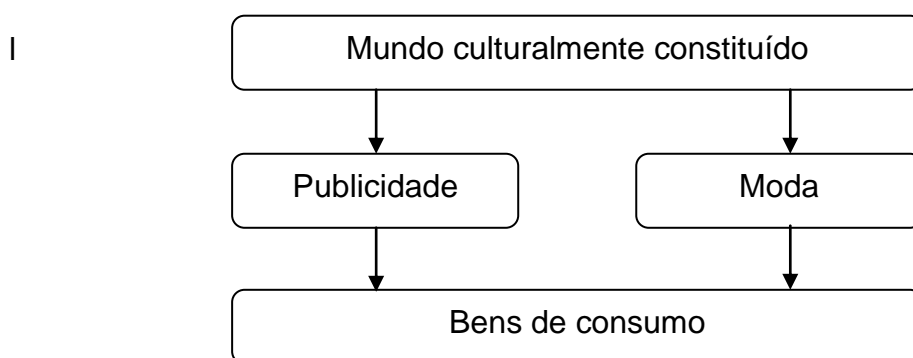
Em relação ao sistema da moda, McCracken (2003) aponta três modos distintos que esse sistema possui para transferir o significado. Um deles é similar ao da publicidade, ou seja, atua com o esforço de dotar o bem de aspectos encontrados na

sociedade ao conjugar “estilos de se vestir” ou “móveis para a casa” com as categorias e princípios culturais estabelecidos (MCCRACKEN, 2003, p. 109).

O segundo modo pelo qual o sistema da moda atua é inventando novos significados. Essa invenção costuma ser realizada pelos “líderes de opinião” ao moldar, refinar e articular os significados culturais existentes, promovendo a reforma das categorias e princípios já firmados.

A terceira tarefa do sistema da moda transcende a reforma. Isso porque, ela se engaja não estritamente na invenção de significados, mas preocupa-se com sua reforma radical. Normalmente, os grupos responsáveis pela reforma radical do significado são os que “vivem à margem da sociedade”, que inventam um significado inovador em relação à hegemonia (MCCRACKEN, 2003).

A diferença entre o sistema da moda e da publicidade consiste na transformação das propriedades físicas do bem. Enquanto a publicidade transforma apenas as propriedades simbólicas do bem, os *designers* – categoria cultural criada para identificar quem é responsável por manipular o significado e o bem no sistema da moda – transformam também as propriedades físicas do bem. Sua tarefa é produzir o objeto de tal maneira que seu consumidor consiga perceber as propriedades simbólicas desejadas, pois no momento em que o bem de consumo deixar suas mãos fará parte do contexto que o consumidor escolher para ele.



**Figura 1 – Movimento dos significados para os bens de consumo**

Fonte: Adaptado de McCracken (2003, p.100)

Seja pela publicidade ou pelo sistema da moda, o significado é transferido para os bens de consumo. Nestes, apesar de poder se encontrar evidente ou oculto para

que os detenha, o significado, seguindo pela “trajetória tradicional”, pode ser transferido para o consumidor pelos “rituais” de troca, de posse, de arrumação e de despojamento.

O “ritual” – também chamado na obra de ação simbólica – é, nas palavras de McCracken, “um tipo de ação social dedicada à manipulação do significado cultural, para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual” (MCCRACKEN, 2003, p. 114). Em outras palavras, o ritual possibilita ao consumidor afirmar, evocar, revisar ou assinalar significados e símbolos convencionados na “ordem cultural”, ou seja, o ritual é a ferramenta para a manipulação do significado a serviço dos consumidores. Pode ser visto em diversas situações de consumo, como na utilização de uma roupa, na aquisição de um carro ou na escolha de um restaurante romântico.

Os rituais de trocas ocorrem geralmente em ocasiões especiais e em datas comemorativas, quando o “doador-do-presente”, baseado em suas idiossincrasias, escolhe determinado bem para regalar, uma vez que esse bem possui as propriedades que deseja ver transferidas para o “receptor-do-presente”. Esse ritual permite ao doador se tornar o agente de transferência do significado na medida em que seletivamente distribui as propriedades simbólicas incutidas em seus presentes.

O segundo instrumento de transferência do significado do bem para o consumidor está relacionado com a posse, ou seja, com o tempo que o consumidor despense usando, limpando, comparando, mostrando, exaltando e refletindo sobre suas posses. Para McCracken (2003), esses processos compõem a reivindicação para si, realizada pelos consumidores, das qualidades imbuídas nos bens, seja pelo sistema da moda ou pela publicidade.

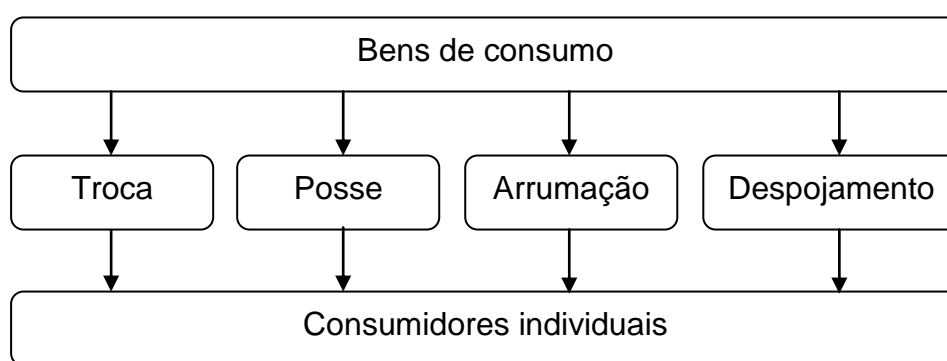
Contudo, parte do significado extraído dos bens possui uma natureza perecível. De modo que, cabe ao consumidor um contínuo processo de extração do significado dos bens que possui. A partir do momento em que esse processo de recorrer aos objetos para assegurar as características que os mesmos oferecerem em seu caráter perecível – como os encontrados em combinação de roupas, penteados e maquiagens – o consumidor provavelmente recorrerá a um ritual de arrumação.



Esse ritual dota aos consumidores “novos poderes de confiança, agressão e defesa” e a partir daí permitem a eles extrair os significados dos bens e investí-los em si próprio. (MCCRACKEN, 2003, p. 118).

O último ritual apontado pelo antropólogo é o ritual de despojamento. Este ocorre quando os consumidores passam a associar os bens às características que possuem e necessitam se desfazer dessas características. Ele costuma ser realizado em duas situações, a primeira ocorre quando o consumidor passa a confundir suas propriedades pessoais com as do bem.

Outra possibilidade surge diante da preocupação de que o significado de determinado bem possa ser transferido, perdido ou obscurecido quando o mesmo trocar de dono. Nesse mote, a intenção do consumidor é esvaziar o bem do significado, na medida em que reconhece a qualidade móvel do significado. Assim, o consumidor tanto pode evitar contato com as propriedades significativas do antigo dono, como pode apagar o significado que investiu no bem quando deseja doar ou vender o mesmo.



**Figura 2 – Movimento dos significados para os consumidores individuais**

Fonte: Adaptado de McCracken (2003, p.100)

Todos esses rituais – de troca, de posse, de arrumação e de despojamento – funcionam como instrumento de transferência do significado que os permitem movimentar os bens de consumo para o consumidor individual: último local da transferência do significado segundo a “trajetória tradicional” proposta por McCracken, uma vez que “quando o que significa finalmente vem a se assentar no consumidor, está completa sua jornada através do mundo social” (MCCRACKEN, 2003, p. 119).

Dessa forma, a contribuição de McCracken (2003) para esta pesquisa refere-se à qualidade móvel do significado que parte do mundo culturalmente constituído e se transfere para os bens de consumo e para os consumidores. No consumidor, o significado é utilizado para definir e orientá-lo. Entretanto, essa tarefa nem sempre é simples de ser executada e pode até não ser realizada com êxito. Pois as possibilidades e liberdade de escolhas dadas ao consumidor exigem que o mesmo se torne inventor de si mesmo ao se relacionar com os demais.

Outra contribuição desta abordagem apresenta-se na sugestão de que estamos inseridos num mundo culturalmente constituído. Nesse sentido, nos relacionamos com pessoas e objetos (re)significando uns aos outros constantemente.

Ou, nas palavras de Silvia Rocha, “estamos no mundo como diante de uma prateleira de supermercado” (ROCHA, 2005, p. 121). Essa perspectiva corrobora com McCracken (2003) ao afirmar que a tarefa de se autocompletar através do consumo exige que o consumidor seja desprovido de “qualidades” *a priori*, não por falta de “essência”, e sim para que todos os significados presentes na sociedade, na qual esse consumidor está inserido, estejam acessíveis.

Entender os surdos pelo compartilhamento e transferência dos significados e também, diante do esquema proposto por McCracken (2003), compreender o movimento do significado no mundo constituído pelo grupo estudado, pode evidenciar de que forma(s) os surdos se completam e se apresentam através dos bens de consumo.

### **2.3.2. A Perspectiva de Everardo Rocha**

A contribuição de Everardo Rocha (2000, 2005) para este trabalho está na análise do consumo enquanto sistema cultural central nas sociedades contemporâneas por intermédio da compreensão dos múltiplos significados a ele atribuídos. Portanto, se realizará a análise de dois trabalhos de modo a elucidar algumas de suas ideias.

Nesse sentido, sua abordagem reforça o pensamento desenvolvido na perspectiva anterior, desenvolvida por McCracken (2003). Contudo, através de uma leitura de Lévi-Strauss (1970, 1975), Rocha (1995, 2000) aponta o consumo diante de um sistema totêmico de classificação social.

Em *Culpa e prazer* (2005), o antropólogo elenca quatro perspectivas de interpretação do consumo que estão disseminadas em nossa sociedade, para concluir que nenhuma delas *per si* consegue dar conta dos valores e práticas que regulam as relações sociais. Para ele, o consumo é um “fenômeno de cultura” e não deve ser analisado de forma fragmentária.

Já em *Totem e consumo* (2000), sua intenção é estudar duas ideias acerca da relação entre cultura e consumo, por meio da perspectiva da antropologia do consumo. Uma delas se refere à construção do sentido da esfera de produção por meio de códigos sociais, como forma de viabilização do fenômeno do consumo e de suas práticas. A segunda trata da veiculação desses códigos através da utilização de ferramentas da comunicação de massa com o intuito de “socialização para o consumo”.

Segundo Rocha (2005), o consumo está presente de intrinsecamente na vida das pessoas, de forma prática, ideológica e faz parte do nosso imaginário contemporâneo, além de ser um fenômeno essencial para o entendimento da sociedade. Essa presença se dá por intermédio das relações sociais.

Essa condição permite que o consumo seja tratado pelas pessoas da mesma forma que no cotidiano a sociedade se apresenta, pelo senso comum, como uma série de “opiniões” que decoram o tema. Assim, o objetivo do autor é, ao apontar falhas, buscar desconstruir algumas dessas perspectivas sobre consumo e marcar a dimensão cultural que o tema carrega.

Para Rocha, as visões “hedonista”, “moralista”, “naturalista” e “utilitária” – que diante das diversas interpretações por vezes apresentam juntas ou separadas – são abordagens corriqueiras sobre o consumo que dificultam sua interpretação como fato social, como fenômeno cultural e como “bússola das relações sociais”; pelas

quais é possível classificar semelhanças e diferenças na sociedade. (ROCHA, 2005, p. 127)

Na visão hedonista, citada como a mais “popular”, mais enfatizada e mais óbvia na sociedade, o discurso central do consumo baseia-se na ideologia de que quem consome é mais feliz, ou seja, a aquisição de produtos e serviços deve ser prazerosa ou para se ter prazer. Segundo Rocha, é evidente essa perspectiva quando, nas campanhas publicitárias, empresas associam seus produtos ao sucesso, riqueza, alegria, amizade. Entretanto, essa abordagem é frágil e abre brecha a uma crítica moralista, uma vez que “denuncia a si mesma” (ROCHA, 2005, p. 128).

A fraqueza do hedonismo é ancorada nas diferenças ideológicas que são atribuídas à produção e ao consumo. Essa diferença permite que o moralismo se instale com maior força na sociedade. Pois, existe um consenso de que a produção e seus temas – trabalho, empresa, profissão – possuem uma superioridade moral em relação ao consumo e seus temas – marca, gasto, compra. Dessa forma, condenar o “consumismo”, ou o consumo com exageros, gera na sociedade a ideia de que a produção é nobre e valorosa, enquanto o consumo é alienador, fútil e superficial (ROCHA, 2005).

Desse modo, defender-se do consumo através dessa perspectiva inviabiliza o aprofundamento da discussão sobre o tema e valoriza a outra esfera: a produção. Já que dessa forma o estudo da produção privilegia a razão prática, o evolucionismo economicista e o progresso; enquanto estudar o consumo é o mesmo que falar de banalidades, de fatos sem importância, de superficialidades.

A discussão entre essas duas perspectivas de análise do consumo permite elucidar como o consumo é “percebido” na sociedade. Pois, bens de consumo considerados de “necessidade” ou “básicos” geralmente não tendem a ser contemplados por nenhuma das abordagens acima, não são consumidos nem por prazer e nem é “exagero” o consumo para a subsistência. Contudo, “artigos de luxo”, diversos modelos de determinado produto podem ser considerados “chiques” “na moda”, “supérfluos” ou “desnecessários”.

No entanto, apesar de representarem bens de consumo, apenas o segundo caso é considerado nas perspectivas hedonista e moralista descritas por Rocha (2005). Uma análise através dessas abordagens permite que o assunto não esteja exaurido de discussão através dessas abordagens.

A próxima abordagem trabalhada no artigo é denominada por naturalista, ou determinista. Nessa perspectiva, o consumo é visto como uma necessidade biológica, naturalmente inscrita e experimentada por todos. Desse modo, não é difícil visualizar uma tentativa de criar uma continuidade entre o que é natural e o que é cultural, sem a busca de uma distinção entre eles, em detrimento do consumo como um sistema cultural; ao desconsiderar seu contexto histórico, sua lógica social, e seu sentido coletivo e simbólico.

A última perspectiva analisada por Rocha (2005) é a utilitária; a mais difundida nos estudos de marketing, pois essa esfera do conhecimento busca obter um entendimento acerca do consumo de modo a poder utilizá-lo para auferirem maiores rendimentos ou promover sua manutenção no mercado. Para “acertar” o consumidor, as empresas partem para a pesquisa de mercado, acreditando ser possível identificar os comportamentos de seus consumidores. Essas pesquisas acabam por cercear a construção de conhecimento em sentido mais amplo, uma vez que se restringem às necessidades dos indivíduos, conquanto sejam financeiramente vantajosas para as empresas.

Após apresentar essas quatro abordagens, Rocha propõe uma reflexão acerca da complexidade do consumo e dos motivos que causam a deficiência, pois o consumo passa a ganhar importância na medida em que é considerado um “fator chave para a compreensão da sociedade contemporânea” (ROCHA, 2005, p. 136). Em sua reflexão, destaca quatro ideias que considera importante para o estudo do consumo:

- a) O consumo satisfaz necessidades subjetivas e atua na construção de signos;
- b) o consumo é um código que traduz relações sociais, por meio da emissão de mensagens, que podem ou não ser intencionais sobre aqueles que o fazem;
- c) o consumo, enquanto código, permite a classificação de pessoas e objetos, indivíduos e grupos, produtos e serviços;

d) a cultura de massa é a responsável, no contexto da sociedade contemporânea, por transmitir esse código à sociedade.

A análise das quatro visões de consumo (hedonista, moralista, naturalista e utilitária) permite a visualização de diferentes formas de observá-lo. Entretanto, essas perspectivas embaçam a compreensão do consumo, que pode ser mais bem compreendido através da reflexão proposta por Rocha (2005), na medida em que entender os significados que estão socialmente compartilhados ajuda na interpretação de determinada comunidade.

Num trabalho datado anteriormente ao acima analisado, Rocha (2000), através da perspectiva da antropologia do consumo; aponta um caminho referente à transferência do significado da esfera de produção para o consumidor, ao apontar a publicidade como responsável pela “pedagogia do consumo”, corroborando com a dimensão sistêmica do consumo que permite classificar pessoas e objetos e com o esquema teórico proposto por McCracken (2003).

Nesse trabalho, Rocha (2000) realiza uma reflexão sobre o fenômeno do consumo baseado numa “experiência concreta de consumo” e numa série de anúncios publicitários veiculados na televisão brasileira.

Relatando a experiência de uma tentativa de compra em uma feira na Bolívia, Rocha (2000) aponta que sua “atitude etnocêntrica”, no momento em que desejava reduzir as diferenças explícitas entre um povo de costumes e valores diferentes da “sociedade moderna-industrial-capitalista”, na qual fazia parte ao adquirir bens dos “nativos”, não foi efetivada.

E eram muitos os seus produtos, Em potes rigorosamente iguais, nós podíamos ver os líquidos: eles eram azeitados, opacos, marrons, azulados, brancos, translúcidos, vermelhos, oleoso, amarelos, viscosos, voláteis, cristalinos, negros, mesclados, pastosos, arenosos, combinados. Em outros invólucros, também iguais entre si, estavam, em tantas e tão diversas cores, vários tipos de pó, formando um imperscrutável repertório. Pareciam representar uma impressionante e exibida coleção das poeiras do universo. Tudo isto sem falar nos recipientes, também semelhantes uns aos outros, que continham folhas, ervas, plantas, raízes, pedras, ferros, couros, pelos e cascas. Também agrupados, em vários pontos do lençol, estavam os pequenos objetos (ROCHA, 2000, p. 22).

O que faltou para a compra das “miudezas” dispostas para os frequentadores dessa feira não foi o dinheiro, nem a vontade, muito menos os produtos. A ausência de um sistema capaz de codificar os bens que ali estavam dispostos de modo a atribuir usos e razões impediram que os mesmos fossem desejados.

Elementos como etiquetas, marcas, embalagens com *design*, anúncios e slogans é que trazem o significado, classificam a produção e a “socializam para o consumo”. Por meio do marketing e da mídia é que os produtores nos dão acesso ao significado da produção, permitindo o consumo (ROCHA, 2000).

Para melhor entender a situação em que se encontrou nessa feira, Rocha (2000) propõem um exercício de “imaginação relativizadora” às avessas. Sua sugestão é que o leitor imagine um “supermercado mágico”, no qual todos os produtos não fossem agrupados por sua destinação como limpeza e alimentação e sim pela “natureza dos conteúdos”. Em outras palavras, nesse supermercado os produtos sólidos deveriam ser condicionados em embalagens transparentes e dispostos próximos uns aos outros, o mesmo deveria ser feito com líquidos em pequenos frascos transparentes e gasosos em tubos de forma cilíndrica.

Escolher de produtos nesse supermercado poderia incorrer em riscos de confusão, tais como entre xampu de ervas silvestres e detergente de limão, ou entre sal de fruta e talco, ou ainda álcool de uso doméstico e cachaça, por possuírem características semelhantes. “E como decifrar os cremes – nutrientes, fortificantes, condicionadores, hidratantes, vitaminados – para a pele, rosto ou cabelo que, às vezes, pode ser seco, fraco ou oleoso?” (ROCHA, 2000, p. 23).

Assim, do mesmo modo que procedeu em *Magia e capitalismo* (1995), o antropólogo aponta a publicidade como um grande sistema de classificação e a compara como o “sistema de classificação totêmica” de Lévi-Strauss (1970, 1975). (ROCHA, 2000, p. 24).

Em *Magia e capitalismo*, o “totemismo” é apresentado como

“um sistema de classificação que opera em diversas sociedades procurando manter uma complementaridade entre natureza e cultura. Esta complementariedade é complexa, visto que a natureza é atuante e

diretamente ligada à sociedade. Assim, nos sistemas sociais tribais, a continuidade é obtida por meio de uma lógica que diferencia os seres humanos por identificá-los com elementos da natureza. A diferença está em que a nossa sociedade desde os gregos segregou a natureza na sua forma de conceber o cosmos. Nos sistemas totêmicos, ao contrário, existia uma junção, uma aliança, entre natureza e cultura. Quando um grupo social, um “clã”, era identificado a um animal ou planta, mantinham com ele estreitas relações que ofereciam como contrapartida a possibilidade de se distinguir de outro grupo ou “clã”. Por esta lógica, aparecia uma dupla possibilidade. Recuperar a continuidade natureza e sociedade e, na mão dupla, a descontinuidade entre grupos sociais” (ROCHA, 1995, p. 104-105).

Assim, a lógica de consumo existente em sua feira da Bolívia distingue-se da lógica que é encontrada nos supermercados da “sociedade moderna-industrial-capitalista”.

Portanto, faz-se necessário que o consumo seja entendido como modalidade de classificação social, um sistema simbólico dotado de esferas diversas de significados que tecem a experiência cotidiana e o lugar da publicidade como uma instância especificamente da cultura. Ademais, para que nessa sociedade o significado da produção possa atingir a todos que irão consumir é necessário que a indústria cultural distribua esses significados, fazendo, assim, com que a produção possa ser percebida como consumo. (ROCHA, 2000).

Em seguida, Rocha (2000) inicia uma análise de seis filmes publicitários da Petrobrás, veiculados no Brasil na década de 1990. Dois blocos de filmes são examinados. O primeiro deles, trata-se de uma campanha com três anúncios promovendo o óleo para automóveis “Lubrax” e o segundo bloco refere-se à divulgação do “Extra Diesel Aditivado” para caminhões, ônibus e veículos de “grande porte”.

Sua intenção é, por intermédio da análise dos filmes publicitários, demonstrar de que forma a publicidade atua como mecanismo de “socialização para o consumo”, ao aproximar o combustível e o óleo da categoria alimentação e seus desdobramentos, presentes na sociedade.

Após a descrição dos anúncios, Rocha (2000) os relaciona com o totemismo. Os filmes publicitários tratam do óleo e o diesel como alimentos para o veículo, ou seja,



da mesma forma que as pessoas vão à churrascaria, ou numa casa de massas, o caminhão precisa alimentar-se com o diesel da Petrobrás.

Nos três primeiros anúncios, o óleo é apresentado como alimento concreto e espiritual, capaz de suprir as necessidades específicas de diversos veículos. Já nos três últimos, o diesel é representado como alimento para o veículo, capaz de repor suas energias. Dessa forma, a esfera da produção – os minerais, óleo e diesel – assume um sentido nos anúncios através de três elementos: um nome (“Lubrax Sh”, “Lubrax Extra Turbo” e “Extra Diesel Aditivado”), uma filiação (Petrobrás) e uma identidade (alimentos no plano físico e espiritual).

Os significados baseados na alimentação são capazes de ilustrar a necessidade de que um significado deva ser atribuído à produção para viabilizar seu destino ao consumo, que se concretiza pelo significado que está no bem.

Desse modo, a “dupla possibilidade” encontrada no totemismo configura-se na relação entre produção e consumo, em termos de relações sociais, de diferenças e semelhanças entre grupos, num processo de classificação de produtos, serviços e pessoas. Na medida em que recupera a continuidade entre essas duas esferas apresentando o “óleo alimento”, apresenta a descontinuidade entre produtos similares de outras empresas, quando os demais óleos não devem ser apresentados como alimentos, pois a Petrobrás assim já o fez.

Finalmente, Rocha (2000) reforça o papel da mídia em divulgar esse código à sociedade, transformando produtos e serviços em necessidades, descrevendo suas utilidades e criando desejos como classificações sociais. Como no trabalho anteriormente analisado, pontos para reflexão são colocados nesse momento como possíveis eixos de pesquisa, para se pensar as relações entre cultura e consumo:

- a) O primeiro seria a interpretação dos processos de criação de significado na esfera da produção;
- b) o segundo seria a análise dos sistemas classificatórios que articulam tanto produtos e serviços, quanto grupos sociais e identidades;

- c) o terceiro seria o estudo das maneiras de socialização do consumo promovidas pela mídia, buscando o enfoque da cultura global e das várias culturas locais;
- d) por fim, o último eixo de pesquisa descrita seria a realização de estudos com grupos específicos de consumidores, baseados na etnografia.

O objeto de pesquisa deste estudo – as situações de consumo de um grupo de surdos – está inserido numa sociedade na qual são apresentadas campanhas publicitárias para os diversos públicos pelos mais variados meios de comunicação (*outdoors*, televisores, rádios, *sites* de internet, entre outros). Diante desse cenário, é possível que ocorra a “socialização para o consumo”, realizada pela publicidade, de modo similar entre surdos e ouvintes, tendo em vista as peculiaridades de percepção do grupo estudado?

Mesmo não se ocupando diretamente dessa questão, esta pesquisa tangencia os significados imbuídos no consumo e questiona de que modo eles contribuem para o entendimento das relações sociais, das diferenças e semelhanças entre grupos, e no processo de classificação de bens de consumo e pessoas. Nesse sentido, o estudo de Rocha (2000) pode contribuir para a compreensão da continuidade entre produção, necessidades, desejos e demandas da comunidade surda.

Através dessas obras, Rocha (2000, 2005) pontuou uma reflexão acerca da complexidade do consumo e como sua dimensão hedonista, moralista, utilitária e naturalista limitam a análise do fenômeno. Da mesma forma, a perspectiva médico/terapêutica, a política e a religiosa são deficientes uma vez que não permitem a compreensão da surdez em sua complexidade. Esta passa a ganhar força na medida em que, conforme visto nos estudos surdos, contribui para o corpo de pesquisas que envolvem a compreensão e socialização dos surdos, e novas práticas curriculares e pedagógicas, no caso da educação de surdos.

No mesmo sentido, seguindo o rastro deixado por Rocha (2005), talvez seja possível que uma análise da surdez pela abordagem do consumo abra uma via de reflexão que permita compreender melhor as peculiaridades do grupo estudado e, quiçá, interpelar processos sociais e culturais sobre o consumo.

A seguir será analisado o trabalho de Miller (2002), que realizou uma pesquisa etnográfica com um grupo específico de consumidores do norte de Londres, capital da Inglaterra, conforme a última proposta de Rocha (2000).

### **2.3.3. A Perspectiva de Daniel Miller**

Em *Teoria das Compras*, Daniel Miller (2002) trabalha no registro das implicações dos objetos na vida em sociedade e relaciona o consumo com o ato do sacrifício. Essa abordagem sobre o consumo, diferente das que foram vistas até o presente momento, aponta-nos outra perspectiva de análise sobre o tema e contribui com a busca de um entendimento sobre “o que orienta as escolhas dos consumidores”.

O antropólogo propõe essa justaposição entre o ato de compra e o sacrifício por intermédio de uma análise de similaridades que subjazem ambas as estruturas. O cenário escolhido para sua pesquisa etnográfica situa-se entre os anos de 1994 e 1995 e é constituído por uma região, denominada por “rua”, situada na zona norte de Londres e composta por 52 lares.

O “ato de comprar” escolhido para a pesquisa foi o abastecimento, ou seja, as compras, geralmente realizadas em supermercados, mini-mercados, padarias, lojas de móveis, de eletrônicos e de roupas, referentes ao suprimento do lar.

As residências estudadas possuíam “diferenças de experiência”, tanto em relação ao sexo, idade, etnia e classe social, quanto às compras. Isso implica numa heterogeneidade do grupo de domicílios escolhidos, o que vai de encontro a uma etnografia tradicional, cujo objeto é uma sociedade exótica.

Apesar da heterogeneidade, a maioria dos lares era de classe média e, mesmo em casas de conjuntos habitacionais mais simples, existiam famílias mais abastadas; o inverso também era recorrente em lares particulares.

Nesse cenário, Miller (2002) busca o entendimento do ato de comprar como meio para descobrir algo sobre o relacionamento das pessoas, uma vez que, segundo

premissas do antropólogo, o comprar pode substituir relações sociais, ou ainda, permitir a compreensão dessas relações.

Em tal estudo, Miller utilizou o método da etnografia para construir os dados da pesquisa, apoiado em conversas e entrevistas informais, em “experiência de compras” acompanhada de observação cuidadosa de como as pessoas compram, contrastando com essa observação, a representação e o discurso da atividade de compra, além de grupos de discussão sobre o consumo e a presença em residências.

Miller (2002) identificou que a responsabilidade pela incursão às compras para o abastecimento doméstico costuma ser da mulher e que esta, muitas vezes, é dona-de-casa e/ou responsável por cozinhar e cuidar da família. A partir dessa constatação, o antropólogo infere que, na medida em que a imagem da mulher estende-se à casa e ao cuidado com a família, a imagem do homem é relacionada ao trabalho, ao provimento financeiro. Esta constatação, segundo o antropólogo, deflagra a assimetria de poder no relacionamento.

Essa assimetria, ao invés de ser compensada no consumo, é reforçada por ele, quando Miller apresenta a existência de forte dedicação da mulher na compra e preparo das refeições e no bem-estar dos demais membros da família. Tal zelo se dá ao ponto de colocar-se em segundo plano e esforçar-se para proporcionar prazer aos outros. Segundo os relatos etnográficos, o “amor da mãe” passa a reafirmar a responsabilidade dela em realizar as compras da família, a denotar a ansiedade em relação à aceitação do filho em seu grupo social, a se posicionar perante as pessoas ao educar e transformar por meio da compra, querendo agradar e ser reconhecida.

Outra categoria criada, o “presentinho”, emerge na descrição etnográfica com o caráter de exceção em relação ao restante das compras. Enquanto estas são compreendidas como benefício para o lar (a economia), dar-se um presentinho relaciona-se com uma recompensa direta por realizar a compra. Geralmente é uma aquisição levemente transgressora: ou é calórico e doce ou possui um valor mais elevado em relação ao benefício. Logo, o presentinho representa extravagância,

reafirmação de si; possivelmente em casos de depressão, auto-indulgência materialista e a separação entre o indivíduo e o domicílio.

Em sua pesquisa, Miller (2002) mostra que poucas compradoras conhecem previamente os preços das mercadorias que compram. Contudo, o desconhecimento não impede a preocupação com a economia, uma vez que o supermercado apresenta elementos que viabilizam a sensação de se estar poupando através dos *savers* (pechinchas): produtos de marca própria, produto por preço baixo por tempo limitado, combinação de cores e formas que permitem o destaque de certos rótulos, “compre três e leve dois” e embalagens maiores.

Miller (2002) constata que cerca de 25% dos produtos de cada linha estão em “promoção”, logo, os compradores não precisam ter um conhecimento prévio de preço fora do supermercado, no ato da compra eles percebem que estão economizando. Essa experiência de poupar se apresenta tanto para ricos quanto para pobres, o que leva o antropólogo a inferir que “quase todo abastecimento nos dias de hoje é uma experiência de economizar. Que este venha a ser o ritual central das compras em nossos dias é um componente importante do argumento teórico geral deste ensaio” (MILLER, 2002, p.76).

A relação do ato da compra com o rito do sacrifício é justificada sobre dois argumentos: o primeiro relacionado à transformação do trabalho ao consumo, quando os recursos provenientes do trabalho se tornam bens de consumo e ocorre a passagem profano-sagrado-pofano; o segundo refere-se à estrutura de ambos, o antropólogo defende uma analogia entre os principais estágios do ato de comprar e do sacrifício – enquanto ritos devocionais.

Em geral, os objetivos do sacrifício são variados; uns se baseiam em pedidos ou cumprimento de promessas, outros se relacionam com ciclos festivos, eventos relativos ao ciclo de vida. Contudo, é comum a qualquer ritual do sacrifício analisado por Miller (2002) a comunicação ou intercâmbio entre os envolvidos e o mundo sagrado, com a obrigatoriedade do ato de dispêndio e destruição do sujeito ou objeto a ser sacrificado.

Quanto à estrutura, nota-se a defesa da “dissecação” do sacrifício para uma análise das partes, ainda que o entendimento sobre o ritual só ocorra analisando-o como um todo. O primeiro estágio do sacrifício é a visão do excesso. Representa “o momento em que o trabalho prévio de acumulação se transforma em dispêndio dos recursos acumulados” (MILLER, 2002, p.104), de modo que o sagrado possui importância na transformação da produção em consumo. Nesse estágio, é necessária a preparação do profano para o sagrado e os procedimentos devidos na adequação da vítima (a ser sacrificada) e do oficiante (mestre de cerimônias).

No segundo estágio – a fumaça ascende até a divindade – o divino é constituído por meio do estabelecimento de um relacionamento. “É esse ato que garante que a aceção abstrata do dispêndio seja transmutada em desistência real ou simbólica de recursos em favor da divindade” (MILLER, 2002, p.113).

A essência do ritual, seja no consumo, seja no sacrifício, é a separação do objeto do sacrifício em dois elementos, um deles é renunciado em favor dos deuses (transcendental) e o outro retorna ao mundo profano. Esse estágio é caracterizado pela negação do excesso, é “a constituição de uma meta transcendental ao qual se dedica o ato de comprar e que deve ser equivalente ao receptor divino do sacrifício” (MILLER, 2002, p.114).

A refeição sacrificial, o terceiro estágio do sacrifício, é marcada pelo retorno ao profano, às relações sociais e com às consequências sociais do sacrifício (ordem social). Como analogia, o alimentar a família está para a refeição sacrificial do mesmo modo que a economia (*per se*) está para a fumaça. Isso ocorre na medida em que as compras “santificadas” são distribuídas aos seus destinatários, “como se fossem as sobras do ato sacrificial” (MILLER, 2002, p.121).

Os objetos de devoção, por sua vez, são os meios pelos quais as pessoas criam e mantêm seus relacionamentos de amor entre outras pessoas. É a troca dos objetos que permite a manutenção dos relacionamentos. A cultura material se apóia nas posses enquanto criadores de identidades. Dessa forma, a transitoriedade do ato de comprar estudada por Miller não pode ser reduzida nem ao sujeito nem ao objeto, e sim deve remeter às relações sociais do “devoto” que vai às compras, geralmente

mulheres que utilizam do amor para realizar a tarefa. A economia passa de condição meio para condição fim.

As ideias apresentadas por Miller (2002), que busca o entendimento do ato de comprar como mecanismo para descobrir algo sobre os relacionamentos interpessoais, contribuem para o corpo conceitual desta pesquisa ao apresentar uma aproximação metodológica que permite a análise da sociedade em sua dimensão microsocial, através da observação direta do objeto. De forma parecida, o trabalho aqui em desenvolvimento se ocupará dessa dimensão de análise para se aproximar do grupo de surdos, em busca de seus valores, suas posturas e práticas.

Ademais, a pesquisa de Miller (2002) colabora para a compreensão de que forma os bens de consumo podem ser evocados para substituir, complementar e afirmar as experiências de consumo que serão acompanhadas neste trabalho que envolve os surdos.

### 3. DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No oitavo capítulo da obra *As imagens do outro sobre a cultura surda*, Strobel (2008) afirma que, para compreender e se envolver com as peculiaridades do que chamou de “artefatos culturais” do povo surdo, é importante ter uma convivência com os mesmos. Somente aprender e dominar a LIBRAS não é suficiente para que a “atuação” se dê e forma eficaz. Para isso faz-se necessário, além da vivência, a aceitação e paciência para inteirar-se com a diferença (STROBEL, 2008).

Posicionada em favor da interação entre surdo e ouvinte, na medida em que essa relação promova o fortalecimento das “marcas surdas” na sociedade, a pesquisadora surda aponta sugestões de modos de aproximação do ouvinte à comunidade surda. Conforme Strobel (2008), esses modos, descritos abaixo, permitem compreender as peculiaridades da comunidade surda:

- a. Visitar e frequentar as comunidades surdas: associações, igrejas, convenções, escolas de surdos, eventos esportivos e teatro, entre outros, além de conviver com os sujeitos surdos em situações diversas;
- b. pesquisar e estudar livros, artigos e textos sobre a comunidade surda;
- c. procurar respeitar e valorizar as diferenças entre os ouvintes e a comunidade surda e respeitar os espaços conquistados pelos surdos, tais como as universidades, as empresas e as instituições religiosas.

Com o intento de aproximação ao objeto, o ponto de partida buscou ser consonante com as proposições de Strobel (2008), principalmente por, além da pesquisa realizada na referida obra, acreditar que, por ser surda e atuar como presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, possuía embasamento para tratar o assunto.

Com isso, os primeiros passos realizados para a confecção deste trabalho contou com levantamento bibliográfico, apreensão da língua de sinais e participação em encontros de surdos e ouvintes que vivem na “comunidade surda”; da seguinte maneira:



- a. Levantamento bibliográfico de produções científicas, a partir do ano de 2000, em dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras e nos periódicos Revista de Administração Contemporânea – RAC, Brazilian Administration Review – BAR e RAC-Eletrônica, além de em alguns dos principais eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD, tais como EnANPAD, EMA, EnEO, EnAPG e EnEPQ;
- b. aperfeiçoamento na língua de sinais, ao realizar-se o curso de LIBRAS no Centro de Referência à Pessoa com Deficiência (CRPD), organização vinculada à Prefeitura Municipal de Vitória, Estado do Espírito Santo e;
- c. participação nos encontros presenciais do nono pólo da turma de licenciatura do curso à distancia de Letras-LIBRAS da UFSC, iniciado em 2008 e que ocorrem no prédio Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES.

A intenção em realizar o levantamento bibliográfico foi, ao acessar as últimas pesquisas disponíveis produzidas nos programas de mestrado e doutorado nas IES brasileiras (de 2000 a 2007), compreender como e onde o tema surdez vem sendo tratado pela academia e quais os principais autores que o abordam, uma vez que a busca realizada junto à ANPAD não se encontrou trabalhos relacionados com a pesquisa desta dissertação.

O contato com o CRPD, da Prefeitura de Vitória, surgiu após obter o endereço eletrônico de uma intérprete e instrutora de LIBRAS. Na época, em setembro de 2008, a instrutora atuava como uma das intérpretes responsáveis pelo curso Básico e Intermediário de LIBRAS daquela organização. Acresce-se que o curso de LIBRAS realizado pelo pesquisador, com duração de 120 horas, foi ministrado no prédio do CRPD, localizado na Avenida Fernando Ferrari em Goiabeiras, e permitiu o aprendizado em língua de sinais, bem como a compreensão de algumas características dessa parcela da população. Os encontros ocorreram nas manhãs de sexta-feira, de 08 às 11 horas, e encerraram-se na segunda quinzena de setembro de 2009.

Nos primeiros contatos com o curso, a instrutora apontou que os surdos da região metropolitana de Vitória estão “espalhados” em cidades como Serra, Vitória, Vila

Velha, nas quais residem, realizam suas atividades laborais, participam de aulas de cursos regulares, vão aos supermercados, shoppings, lojas e etc..

Igualmente destacados foram os encontros presenciais do curso à distância de Letras-LIBRAS da UFSC, no pólo da UFES, em Vitória-ES, como ponto de encontro dos surdos e ouvintes que compõem a comunidade surda de Vitória.

Nesse pólo, o curso, ministrado à distância pelos professores da UFSC, é dividido em turmas distintas pela formação. A turma de bacharelado, composta por trinta alunos (ouvintes), forma intérpretes, tradutores e instrutores de LIBRAS, responsáveis principalmente pela intermediação entre a língua portuguesa e a LIBRAS. A turma de licenciatura, exclusiva para vinte e oito surdos, forma professores para lecionarem LIBRAS, ou seja, professores surdos que ensinarão a surdos e a ouvintes a língua de sinais.

Após visitar os encontros e participar das aulas com a turma de licenciatura em Letras-LIBRAS, na UFES, foi possível programar-se para novos encontros, eventos e passeios. Dessas experiências surgiu o campo no qual esta pesquisa se alimentou. Podem ser destacados os encontros na UFES, no CRPD, em bares, restaurantes, shopping e praças de Vitória, além da participação no 3º Encontro Nacional dos Estudantes de Letras-LIBRAS – ENELL (ocorrido em Goiania-GO) e em visitas à casas de surdos e ouvintes, como o campo de estudo.

O registro das opiniões e dos comentários dos surdos, das manifestações da cultura e até mesmo os sentimentos do pesquisador foram anotados numa caderneta de campo e incluídos nas interpretações e análises desta pesquisa, conforme nos ensina Malinowski (1978) e nos aponta Da Matta (1997, p. 12): “quem escreve sobre a sociedade sem querer perder de vista as relações sociais e seus paradoxos não pode construir casamatas, mas cabanas, barracos e choças”. Em outras palavras, o pesquisador deve conviver junto com os sujeitos de pesquisa ao invés de buscar observá-los à distância, com determinada proteção.

### 3.1. A INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA

Para estar próximo dos surdos e compreender como a surdez se apresenta através dessas pessoas, optou-se pela utilização de um estudo de campo e da observação direta como principal técnica de construção de dados. Essa aproximação do objeto, originária na Antropologia Social, ganhou força a partir da publicação de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* de Bronislaw Malinowski e reformulou as bases do método no qual a aproximação acima proposta está inserida: a etnografia (GEERTZ, 1989). O legado deixado por Malinowski (1978) refere-se à necessidade do pesquisador de ir a campo e realizar o “olhar antropológico”, ou seja, compreender um grupo cultural a partir do ponto de vista de seus próprios membros, através de seus relatos, costumes e valores compartilhados na vivência com o pesquisador.

Originalmente, a etnografia se ocupou de comunidades “tradicionais”, tribos indígenas e povos primitivos, com o intento de buscar conhecer culturas diferentes. Geralmente afastados da “civilização” ocidental, esses povos despertavam interesse de pesquisadores devido à distinção no modo pelo qual se organizavam, na forma como criavam e mantinham suas relações na sua estrutura familiar e social, etc.. Recentemente esse método tem sido utilizado em outros contextos, na medida em que esses grupos foram perdendo suas características originais, principalmente ao estreitarem suas relações com o “homem comum”; modo pelo qual Malinowski (1978) denominou os não “nativos”.

Nesse novo contexto, os trabalhos antropológicos também se voltaram para o estudo da diferença cultural, das práticas sociais e dos comportamentos no contexto urbano, conforme realizado por Magnani (2002, 2003). Assim, outros campos de saber se incorporaram à Antropologia, buscando criar novos cenários de investigação, como, por exemplo, a Antropologia do Consumo, a Antropologia Urbana, Antropologia Rural, Antropologia Política, entre tantas outras. Nesses novos campos de investigação, a etnografia representa mais do que um método, essa atividade atua como algo que dá essência ao conhecimento e à compreensão da visão, do ponto de vista do “outro” (CALIMAN; RUSLEY, 2008).

Para os fins desta pesquisa, buscou-se estabelecer a relação entre a perspectiva cultural proposta pelos estudos surdos, a sugestão de aproximação na comunidade

surda proposta por Strobel (2008) e a interpretação de alguns significados que surgem a partir de uma descrição de situações de consumo de um grupo particular, formados por surdos da cidade de Vitória.

Termos como “consumo”, “cultura”, “surdez”, “comunidade”, “identidade”, “diferença” e “inclusão”, entre diversos outros, tanto em obras que promovem a aproximação cultural da surdez com o consumo, quanto oriundos dos primeiros contatos com a comunidade surda, serão contemplados pela utilização da observação direta e do estudo de campo. Mais especificamente com o que ensinam Malinowski (1978), Geertz (1989) e Magnani (2002, 2003).

De acordo com Geertz (1989), o trabalho de campo do pesquisador é buscar a compreensão acerca da cultura de determinado grupo. Assim, a partir de uma observação direta dos fatos, cabe ao mesmo realizar uma descrição densa desse grupo para acessar os significados e sentidos que estão emaranhados na teia de significações. Ou seja, é necessária uma descrição minuciosa dos eventos sociais que são capazes de representar grandes questões nos contextos sociais em que estão integrados.

A pesquisa etnográfica visa, portanto, investigar determinado grupo através do que é produzido a respeito do mesmo, a partir do ponto de vista dos membros que o compõem, em busca dos valores, costumes, crenças e significados que dão sentidos e norteiam as relações sociais que ali ocorrem. Conforme postula Geertz (1989), o objeto do estudo não é o *lócus* do estudo. Em outras palavras, a busca pela compreensão dos significados compartilhados por determinado grupo cultural não se dá pelo estudo do grupo e sim, se apresenta através da reflexão sobre o que pode ser encontrado nele.

A partir de sua presença no grupo, o pesquisador se depara tanto com informações que lhe saltam aos olhos, quanto com ações sociais corriqueiras, pequenos hábitos e fatos cotidianos. Tão importante quanto observar os eventos que causam estranhamento, o registro dos fatos aparentemente menos importantes, ou familiares, se apresenta como fundamental na construção dos dados, pois, além do cimento social do grupo estar em cada relação que seus membros estão

vivenciando, os pequenos fatos podem estar relacionados a grandes temas (GEERTZ, 1989).

Assim, a descrição dos fatos vivenciados deve ser microscópica. Isso é, cabe ao pesquisador narrar o mais próximo possível da realidade em que o evento se apresenta e deixar que os fatos falem por si mesmo. Entretanto, não podem ser deixadas de lado as “interpretações antropológicas”, através da compreensão de que as ações sociais permitem comentários a respeito de mais do que elas mesmas.

Essas interpretações do pesquisador ocorrem em todos os níveis do trabalho de campo, nos primeiros contatos, nas descrições sobre o que é observado até no relato dos informantes; nos rituais mais corriqueiros e até nos que são estranhos ao pesquisador. Pois, para Geertz (1989), a compreensão dos costumes, dos hábitos e dos significados de determinada cultura se dá da mesma forma em que se busca construir uma leitura de um estranho manuscrito que por vezes se mostra fragmentado, incoerente, emendado e com comentários tendenciosos. Portanto, com a ajuda das interpretações, através de cada fragmento, das emendas e das incoerências encontradas, é possível buscar experimentar a construção de uma leitura a partir do outro.

Necessário também para tal empreitada de aproximação com o grupo que compõe o objeto de estudo é estabelecer relações com sujeitos-chave, informantes privilegiados ou intermediadores culturais. Torna-se importante obter apoio para realizar a pesquisa. Acresce a relevância o fato de essas pessoas, por possuírem posições privilegiadas no grupo, poderem contribuir com uma melhor observação da realidade do contexto do grupo.

Igualmente valorosa é a participação do pesquisador nos eventos e atividades realizadas pelo grupo, quais sejam encontros, discussões ou passeios. O envolvimento do pesquisador se torna necessário em alguns momentos para legitimar sua presença no grupo, ao passo que em outras circunstâncias é devido abster-se, manter-se neutro e limitar sua participação à observação e à anotação das informações.

Assim, o pesquisador se apresenta como o cronista e o historiador da sequência de acontecimentos que marcaram o período em que esteve em campo, na medida em que sua situação no grupo, através do contato constante, assumiu um caráter natural, em plena harmonia (MALINOWSKI, 1978).

A presença no grupo reforça relatos de primeira e segunda mão (GEERTZ, 1989), uma vez que se afastam dos preconceitos e das opiniões já sedimentadas do “homem comum”, as pessoas que possuem relações com o grupo, mas não dominam os “imponderáveis da vida real”. De acordo com esse antropólogo, o trabalho do pesquisador só pode ser validado caso em sua leitura esteja clara a distinção dos resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas, por um lado, e, por outro, as inferências, baseadas no bom senso e na intuição do pesquisador.

Dessa forma, a busca pelos “imponderáveis da vida real” – os fenômenos como se apresentam nas relações sociais, tais como cuidados com a vestimenta, rotina do trabalho pessoal, modo de preparo e consumo de alimentos, tom das conversas, amizades, simpatias e aversões – nada significa caso estejam vazios de “pensamentos e emoções” do observador (MALINOWSKI, 1978).

Evidentemente que tanto Geertz (1989) quanto Malinowski (1978) acreditam que a simples descrição dos acontecimentos, sem a convivência com os “nativos” e sem inferências reflexivas, não ajuda na compreensão do comportamento do ser humano na sociedade. Do mesmo modo, o pesquisador não encontrará os rituais, as leis, os costumes e os significados de determinado grupo expressos em manuais ou em cartilhas, já que essas informações estão culturalmente incorporadas nos comportamentos e nos hábitos de cada membro do grupo. Assim, tais informações só poderão ser acessadas por intermédio das relações sociais que o pesquisador mantiver com o grupo, pois seus membros obedecem às ordens socialmente instituídas que, por vezes, não as entendem e não conseguem expressá-las coerentemente (MALINOWSKI, 1978).

Além disso, a ocorrência de um fato permite aos participantes tecer comentários dos mais diversos. Nestes, satisfação, indignação, desconforto, estranheza e demais

sentimentos provocam oposições e complementaridades, capazes de fornecer ao pesquisador maior número de detalhes.

Malinowski (1978) afirma que a coleta de dados referentes a diversos fatos vividos pelo grupo estudado é uma das fases principais da pesquisa de campo. Obrigatoriamente esse levantamento deve ser realizado com todos os fatos que estiverem ao alcance do pesquisador, especificamente com a utilização de um diário de campo. Dessa forma, os fenômenos passam a ser estudados a partir de suas possíveis manifestações concretas.

É importante que a coleta de dados e registro das impressões ocorram desde o início, isto é, a partir dos primeiros contatos com o grupo pesquisado. Isso porque certos fatos que, quando novos, impressionam, deixam de ser notados na medida em que se tornam familiares. Há também outros fatos que só passam a ser percebidos depois de algum tempo, quando já se conhece bem as condições do grupo. Nesse sentido, o diário de campo, redigido sistematicamente no decorrer dos trabalhos é, para Malinowski (1978), o instrumento ideal para a observação direta.

Malinowski (1978) nos aponta três unidades para identificarmos os princípios dessa aproximação metodológica. Num primeiro momento, faz-se necessário que o pesquisador possua objetivo científico e esteja ciente das especificidades do método. Em segundo lugar, a imersão do pesquisador no campo deve permitir uma socialização similar a do “nativo”, sem ajuda de “outros brancos”. Finalmente, métodos específicos de coleta devem servir de aporte à observação direta, tais como entrevistas e utilização de recursos audiovisuais, entre outros.

Outra tríade deixada por Malinowski (1978) refere-se aos caminhos distintos e necessários para uma pesquisa de cunho etnográfico atingir seus objetivos. Por um lado, o pesquisador deve mapear os costumes e as leis que regem a vida do grupo estudado, por essa via, a busca é observar o maior número possível de manifestações concretas que constituem o grupo. Por outro lado, é necessário observar e registrar todos os comportamentos do grupo, estranhos ou não ao pesquisador. Igualmente importante é registrar as opiniões, os comentários, as expressões e as palavras dos pesquisados.

Malinowski (1978) acredita que, em conformidade com os conjuntos de premissas acima, é possível que o pesquisador compreenda o ponto de vista dos membros do grupo, o modo com que lidam com os demais e a visão de mundo dessas pessoas. Pois, em cada grupo, em cada cultura, é possível encontrar valores próprios, instituições diferentes e códigos de lei e moralidade. Nelas, as pessoas possuem suas próprias ambições, seus próprios impulsos e desejam diferentes formas de felicidade, pelas quais buscam o próprio interesse vital; que podem premiar as virtudes ou punir os defeitos (MALINOWSKI, 1978).

### 3.2. A PESQUISA NO CONTEXTO URBANO

Seguindo as trilhas abertas por Malinowski (1978) e conforme postula Geertz (1989), Magnani (2002, 2003) voltou-se para o estudo das culturas, das práticas sociais e do comportamento humano no contexto urbano. Baseado na Antropologia Urbana, seu argumento é que as cidades são importantes para análise e reflexão por concentrarem serviços, oferecerem oportunidades de trabalho, produzirem comportamentos e determinarem estilos de vida. Sua proposta é resgatar um olhar “de perto e de dentro” capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva dos enfoques que qualificou como de fora e de longe.

Segundo Magnani (2002), esses enfoques, muito utilizados atualmente para a compreensão da sociedade, embasados em variáveis e indicadores sociais, econômicos e demográficos, se ocupam dos rumos e das consequências do processo de urbanização. Entre estas, destacam-se as dificuldades enfrentadas pelo sistema de transporte, as deficiências do saneamento básico, a desigual distribuição e concentração de bens e o aumento dos índices de poluição por um lado; por outro, a “mágica” sucessão de imagens, resultado da superposição e conflitos de signos, simulacros, não-lugares, redes e pontos de encontro virtuais, a partir do ponto de vista de arquitetos, semiólogos e críticos pós-modernos.

Assim, ainda que por motivos diferentes, essas duas dimensões da perspectiva “de fora e de longe” levam a conclusão semelhante no plano da cultura urbana: o aparecimento das “cidades globais”, que se assemelham não apenas pela função



que exercem, mas pelas instituições e equipamentos que nelas se instalam e assim constituem um sistema compartilhado mundialmente (MAGNANI, 2002).

Em decorrência, nessas cidades notam-se fatores desordenados de crescimento capazes de produzir o caos urbano, além de saltos tecnológicos que tornam tanto as estruturas urbanas como as formas de comunicação e sociabilidade anteriores obsoletas. Tais recortes permitem possibilidades de análises da sociedade através da deterioração dos espaços e equipamentos públicos com a consequente privatização da vida coletiva, da impessoalidade nas relações, de situações de violência, entre outros. (MAGNANI, 2002)

Em que pese o estudo de situações de transtorno urbano, de enchentes e da violência nas cidades, bem como da perda de contatos e vínculos mais personalizados, essa perspectiva não esgota o leque de possibilidades de análise das questões urbanas contemporâneas. Para Magnani (2002), o contexto social no qual as cidades estão inseridas por conta da “mundialização do capital”, apoiado em questões econômicas, tecnológicas e midiáticas, gera segregações, descompassos, guetos multiculturais e multirraciais.

Essa discussão é desenvolvida por Magnani (2002) com o propósito não de debater sobre a ordem social, mas sim de delimitar um campo, no qual uma análise alternativa emerge para a compreensão dos fenômenos no contexto urbano. Numa abordagem mais antropológica, críticas são apresentadas e entre elas destaca-se a ausência de determinados atores sociais na compreensão da dinâmica urbana.

Nessa crítica, Magnani (2002) refere-se aos “moradores”, pessoas que em suas formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos e conflitos, constituem o elemento que define a vida da cidade e, por vezes, não são consideradas nas análises da sociedade. Entre outras, essas pessoas são caracterizadas pelo antropólogo como moradores de determinada região, migrantes, visitantes, moradores temporários, de segmentos diferenciados com relação à orientação sexual, identificação étnica ou regional, preferências culturais e crenças. Ou ainda, como grupos articulados em torno de opções políticas, posturas contestatórias ou propositivas e de segmentos marcados pela exclusão.

Magnani, sem ignorar os demais atores sociais – entre eles as elites locais, os investidores privados e agentes financeiros –, busca, através da etnografia, compreender esses “moradores” e suas práticas de modo que possa introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade, para além do olhar “que decide o que é certo e o que é errado e para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo”. Dessa forma, para o antropólogo, a procura pelas diferentes centralidades e os múltiplos ordenamentos que na diferença e a partir dela se forjam é mais acertada do que procurar por um princípio de ordem que garanta a dinâmica da cidade como um todo. (MAGNANI, 2002, p. 15)

Toda essa diversidade apontada por Magnani (2002) não se deve referir a uma fragmentação multicultural, mas a diferentes maneiras por meio das quais esses moradores apropriam-se dos espaços públicos e privados, como se distribuem na cidade, como consomem e se relacionam nos espaços coletivos. Dessa forma, acredita ser possível identificar iniciativas, experiências e arranjos de diferentes matizes.

Como método de investigação dessas relações cotidianas, apesar de não ter sido elaborada para o estudo nas sociedades industrializadas, urbanas, “civilizadas” e “globais”, a etnografia contribui para a construção de um conhecimento baseado na subjetividade do outro, também em contextos mais modernos. Pois, seu modo de operar permite captar aspectos nas cidades que, caso fossem enquadrados exclusivamente pela perspectiva das visões macro, ou “de fora e de longe”, passariam despercebidos.

Conforme postula Magnani (2002), a etnografia, no contexto da cidade, também responde pela reorganização de dados fragmentados, informações dispersas e indícios soltos num novo arranjo. Este, apesar de criado pelo pesquisador a partir da realidade vivida pelos moradores, não é mais similar às suas percepções, anseios pré-conceitos existentes no início do trabalho de campo, nem estritamente parecido com o que viveram os pesquisados, mas sim, carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências. No entanto, é mais denso que o esquema teórico

inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o "concreto vivido" (MAGNANI, 2002, p. 17).

Nesse sentido, a busca ocorre para identificar, descrever e refletir sobre os aspectos que podem ser encontrados através da perspectiva de um enfoque mais "de perto e de dentro", na medida em que é possível, através – e a partir – da convivência com os moradores, tomar conhecimento de grupos, pontos de encontro, redes de contato, sistemas de troca, instituições, arranjos, dentre outras mediações, por meio das quais eles se relacionam enquanto transitam pela cidade, utilizam os serviços disponíveis, estabelecem encontros e trocas e, por vezes, não conseguem explicar todos os fatores que motivam cada uma dessas experiências (MAGNANI, 2002).

Contudo, uma preocupação que se deve ter no contexto urbano para captar essa dinâmica é situar o foco da pesquisa, não tão perto que possa ser confundido com o particularismo de cada "nativo" – ou morador – pesquisado, nem tão distante, numa dimensão mais abrangente, com dados e informações dispersas que mais confundem do que apontam para uma totalidade no contexto urbano. Assim, a unidade de análise deve ser constituída das diferentes práticas de determinados agentes, a partir dos próprios arranjos por eles desenvolvidos.

Por intermédio da construção desses "padrões mais gerais", é possível encontrar nas obras de Magnani & Torres (1996) e Magnani (2003) a possibilidade de compreensão de demais esferas da sociedade através da pesquisa etnográfica em grupos específicos, como é o caso do candomblé e de membros do mesmo "pedaço" em momentos de lazer.

Naturalmente, uma pesquisa de cunho etnográfico na cidade exige uma permanência com as pessoas pelas quais se pretende estudar, embora estando imersas num outro contexto, possuidor de particularidades, surpresas e rituais nem tão similares aos encontrados nas "trilhas abertas" por Malinowski (1978) na aldeia.

Nesses contatos constantes, cabe ao pesquisador realizar o mergulho no particular e, posteriormente, emergir para estabelecer semelhanças, diferenças, conflitos e complementaridades. Segundo Magnani (2003), esse movimento faz-se necessário diante da extensa multiplicidade de padrões culturais e modos de vida que não se

apresentam em sua totalidade no contexto urbano. Nesse sentido, é necessário que o pesquisador saia “da porta da barraca” e participe das atividades junto com o grupo no qual está estudando para identificar unidades significativas e estabelecer os recortes para análise.

De acordo com Magnani (2003), essas unidades significativas e os recortes para análise devem ser definidos com base num tema que permita que os resultados conversem entre si, ou seja, a pesquisa deve estar articulada em torno de um eixo temático que permita um nível de diálogo entre os resultados. A partir dessa articulação, torna-se possível trabalhar a dimensão das “tribos”, para usarmos a expressão de Casotti (2004) ou das “comunidades” (BAUMAN, 2003, 2005), uma vez que é possível encontrar sujeitos que compõem grupos que podem se apresentar como um celeiro de relações, pelos quais valores, hábitos e crenças são compartilhados pelas maneiras de perceber, pensar, falar, agir, selecionar e situar-se dos sujeitos frente aos seus pares e a outros grupos.

### 3.3. A APROXIMAÇÃO COM O “GRUPO DE SURDOS”

A pesquisa proposta neste trabalho se articula em busca da compreensão, a partir da diferença cultural, da forma com que determinados tipos de consumidores – detentores das “peculiaridades da cultura surda” – se relacionam e forjam suas práticas e hábitos de consumo de bens e serviços.

Para tal aproximação, inspirou-se na perspectiva cultural proposta pelos estudos surdos; na compreensão do consumo como mediador de relações e construtor de significações; na sugestão de contato com os surdos, conforme proposta de Strobel (2008), e na obtenção e interpretação de alguns significados que surgem a partir de uma descrição de situações de consumo de um grupo particular a partir do ponto de vista de seus próprios membros. Nesse caso, formados por moradores das cidades que fazem parte da região metropolitana da Grande Vitória.

A partir dessa articulação, realizaram-se as primeiras imersões em janeiro de 2009, nas quais os sujeitos que compuseram o objeto desta pesquisa foram identificados e

foram estabelecidos os primeiros contatos. Formados por membros da comunidade surda, esses sujeitos perfazem trinta pesquisados, entre surdos e ouvintes, nos quais o acesso, o contato e o convívio ocorreram em profundidade a partir, principalmente, dos encontros presenciais do curso de Letras-LIBRAS da UFSC, em Vitória.

Uma estratégia utilizada para tal aproximação foi buscar e acessar pessoas que participam da comunidade surda e compartilham seus significados, ao passo que possuem uma série de relações fora dela. No caso desta pesquisa, esses sujeitos-chave podem ser identificados como ouvintes, quais sejam intérpretes, instrutores, pesquisadores e familiares de surdos que, por pertencerem à comunidade surda, podem possuir informações privilegiadas, bem como posições singulares no grupo. Estas, quando compartilhadas com o pesquisador podem contribuir na melhor observação da realidade pesquisada, além de dar legitimidade perante o grupo.

Com apoio desses foi possível participar dos encontros do curso de Letras-LIBRAS, frequentar instituições religiosas, compartilhar de eventos realizados pela e para a comunidade surda e ter acesso aos surdos que, num primeiro momento, olharam o pesquisador, seu trabalho e sua caderneta de campo com desconfiança.

O grupo de surdos, denominação que será dada ao grupo formado pelos surdos e ouvintes que correspondem aos “nativos” ou aos “moradores” desta pesquisa, permitiu uma construção acerca da compreensão e do conhecimento do ponto de vista dos membros de uma comunidade surda de Vitória. Através da diferença encontrada nas formas de se relacionarem, comunicarem e identificarem, buscou-se registrar, desde as primeiras incursões, numa caderneta de campo, os relatos, costumes e valores vivenciados junto ao pesquisador.

Nesse sentido, o campo de pesquisa se desenvolveu a partir dos eventos, encontros, discussões e passeios realizados pelo grupo de surdos. Fato que proporcionou o envolvimento do pesquisador nessas atividades e contribuiu para o estreitamento das relações com os surdos e ouvintes pesquisados. Nesses contatos mais próximos, vivenciou-se uma socialização mais estreita com o grupo de surdos, quando, no decorrer da pesquisa, a comunicação se deu em LIBRAS, em ambientes

frequentados majoritariamente pela comunidade surda ou em momentos em que eles estavam em maioria.

Dessa forma, buscou-se observar e registrar com o maior número de detalhes possíveis, as “manifestações concretas” que constituem o grupo. Assim, fez-se o registro de comportamentos, opiniões, comentários e expressões utilizadas pelo grupo de surdos, independentemente de estas se apresentaram familiares ou estranhas ao pesquisador. A intenção foi descrever o mais próximo que se pôde a realidade em que o evento se apresentou. Contudo, o registro e opiniões e interpretações do pesquisador não deixaram de ser realizados, conforme nos ensina Malinowski (1978).

Assim, de perto e de dentro procurou-se compreender a partir do ponto de vista do grupo de surdos os significados que vem a tona quando, em situações diversas relacionadas ao consumo, esses surdos e ouvintes e demais membros da sociedade estão se relacionando. Esperou-se identificar as situações e relatar iniciativas, experiências e arranjos que, a partir das percepções, escolhas e estratégias de sobrevivência desse grupo, ajudassem na reflexão sobre a aquisição, o uso e apropriação de bens de consumo e como as pessoas podem relacionar-se por intermédio deles.

Os contatos com os surdos e ouvintes que compõem os sujeitos desta pesquisa iniciaram em setembro de 2008, com o início do curso básico de LIBRAS no CRPD. Entretanto, o aprofundamento das relações e a permanência na comunidade surda ocorreram de fato após as primeiras visitas aos encontros presenciais do curso de Letras-LIBRAS. A partir de então, a interação se tornou mais frequente, sem, contudo, obedecer às regularidades da tradição em pesquisas etnográficas, nas quais o pesquisador convive durante anos e integralmente com o objeto de estudo.

Ademais, outros métodos de apropriação dos dados serviram de aporte à observação direta. Contribuíram para a observação e socialização com o objeto, no que se refere à descrição mais densa dos eventos, encontros e atividades, recursos visuais como fotos e vídeos, majoritariamente produzidos pelos próprios membros da comunidade surda. Além destes, conversas e entrevistas informais foram

proporcionadas a partir das situações de consumo vivenciadas, além da utilização de recursos eletrônicos como MSN, Orkut.

Para os fins desta pesquisa, a imersão no grupo ocorreu até janeiro de 2010. Entretanto, o contato com o grupo de surdos estendeu-se após a realização da pesquisa. Nos meses subsequentes ao período de imersão, as descrições foram transcritas, analisadas e selecionadas de modo a compor este relatório de pesquisa. Nessas descrições, para preservar a identidade das pessoas envolvidas, optou-se pela utilização de nomes fictícios. Assim, para melhor organização da pesquisa, usaremos os nomes abaixo:

- Ana e Luiza: ambas são tutoras do curso de Letras-LIBRAS e filhas de pais surdos;
- Rafael, Adão, Roberto, Felipe, Cássio, Gustavo e Bruna: surdos alunos do curso de Licenciatura em Letras-LIBRAS;
- João, Mário e Sérgio: ouvintes alunos do curso de Bacharelado em Letras-LIBRAS.

Os demais componentes do grupo estudado não receberão nomes fictícios, pois não serão citados diretamente nas descrições apresentadas. Assim, serão apresentados enquanto surdos, ouvintes ou membros do grupo.

Com efeito, buscou-se estar o mais próximo possível dos surdos e tentou-se compreender de que forma ocorre a exaltação da cultura, para trazer à luz maneiras pelas quais os significados dessa comunidade são construídos e como o consumo sustenta essas relações sociais.

Nessa medida, a busca se deu a partir de uma postura mais exploratória. Isto é, através dos fatos vivenciados, buscou-se elucidar alguns significados compartilhados pelo grupo de surdos e correlacioná-los com o aporte teórico do consumo e da surdez, em detrimento de um aprofundamento maior nas análises do objeto.

Essa postura exploratória corrobora com possibilidade de aumentar a familiaridade com a surdez, fenômeno relativamente desconhecido pela Administração, segundo

levantamento feito na CAPES. Ademais, possibilita levar adiante, em trabalho futuros, uma investigação mais completa sobre o contexto no qual os surdos estão inseridos, além de criar possibilidades de análise dos mesmos.

Conforme Malhotra (1993), os estudos exploratórios consistem num método de coleta de dados não estruturados, baseados em pequenas amostras. Sua finalidade é examinar um tema ou problema de modo a permitir uma compreensão inicial sobre o assunto.

Révillion (2001) corrobora com Malhotra (1993) afirmando que esse tipo de estudo geralmente não se constitui num fim em si mesmo. Por característica, em comparação aos estudos descritivos ou explicativos, a pesquisa exploratória costuma ser mais flexível em sua metodologia, além de mais “ampla” e “dispersa”, pois busca observar manifestações diversas, tantas quanto forem possíveis, de um fenômeno pouco estudado.

A utilização desse tipo de abordagem aponta para a necessidade de se gerar hipóteses e se identificar variáveis que contribuem para a reflexão e entendimento do objeto. Essa atividade proporciona a formação de idéias para o entendimento de determinado problema, ao invés de se deter na descrição da realidade ou na busca pela quantificação do objeto (RÉVILLION, 2001).

Révillion (2001) aponta alguns objetivos que são contemplados pelo uso da pesquisa exploratória. Dentre eles a autora destaca a possibilidade do pesquisador se familiarizar e elevar sua compreensão com determinado problema, a possibilidade de construção de reflexões e hipóteses explicativas de fatos que foram vivenciados, a identificação de problemas do comportamento humano e a identificação de relações entre teorias e variáveis e estabelecer rumos para novas pesquisas.

A utilização de um viés etnográfico a partir de uma perspectiva mais exploratória contribuiu para a criação de uma metodologia na qual se buscou compreender, a partir do ponto de vista do grupo de surdos, a realidade ali compartilhada socialmente e em que medida as situações vivenciadas contribuem para pensar questões relativas ao consumo. Tal aproximação foi sustentada pela revisão de



bibliografia que disserta especificamente sobre surdez, através de uma perspectiva cultural e sobre o consumo, este como mediador de relações e construtor de significações.

#### 4. SITUAÇÕES DE CONSUMO DO GRUPO DE SURDOS

Os primeiros contatos com o grupo de surdos ocorreram basicamente no CRPD e na UFES. Através desses contatos, foi possível elaborar uma melhor reflexão sobre o que é apontado na bibliografia relacionada à surdez, além de identificar semelhanças, diferenças e complementaridades.

Entretanto, foi através dos encontros presenciais do curso de Letras-LIBRAS na UFES, que emergiu o grupo de surdos que compõe o objeto desta pesquisa. Esse curso, iniciado em 2008, foi apontado por ouvintes que possuem relações com os surdos como local privilegiado para se ter contato e acesso aos mesmos.

Os encontros normalmente acontecem em um ou dois finais de semana de cada mês e servem para verificar a aprendizagem dos alunos. Essas aulas são ministradas a partir de conteúdos já acessados pelos alunos através do ambiente virtual: um endereço eletrônico destinado aos estudantes para sanarem dúvidas e terem acesso aos conteúdos e atividades pela *internet*.

Nos encontros presenciais também é possível notar informes relacionados tanto ao curso quanto aos eventos e atividades que envolvam pessoas surdas. Os avisos geralmente referem-se às datas de provas e trabalhos, aos procedimentos quanto aos trabalhos finais, aos eventos promovidos pela UFSC e ao cronograma (e suas possíveis alterações) do curso, além de informes específicos à comunidade surda, como festas, encontros, notas de nascimento, falecimento, dentre outros.

Geralmente, quem coloca os avisos nos quadros dentro das salas de aula são os tutores. Eles são os responsáveis pelo andamento da aula, pelo controle e pela avaliação da turma. Informações sobre cursos, palestras, encontros – principalmente os que estão relacionados à educação – também costumam partir deles. Quando algum informe é trazido por algum aluno, é necessária a autorização de um dos tutores para colocá-lo quadro.

Dessa forma, o curso da USFC serve, também, de ponto de encontro de surdos e ouvintes de Vitória e de outras cidades. O curso possui a modalidade à distância e

seus professores são definidos pela coordenação, na UFSC. Em Vitória, os encontros presenciais são divididos em turmas distintas pela formação. A turma de bacharelado, composta por trinta alunos (ouvintes), forma intérpretes, tradutores e instrutores de LIBRAS, responsáveis, principalmente, pela intermediação entre a língua portuguesa e a LIBRAS.

A turma de licenciatura, composta por vinte e oito surdos, forma professores para lecionar LIBRAS, ou seja, professores surdos que ensinarão a surdos e a ouvintes a língua de sinais e demais fatores que envolvem o aprendizado da mesma.

Nesses encontros foi possível participar em sala de aula das disciplinas ministradas para a turma de licenciatura. A partir dessa aproximação, estreitaram-se as relações com os sujeitos de pesquisa que compuseram o núcleo do grupo no qual este estudo se ocupa, aproximadamente treze surdos. A partir deles, novos encontros foram realizados, cujas experiências permitiram emergir o campo no qual esta pesquisa se alimentou.

Dentre as experiências vivenciadas com a comunidade surda, podem ser citados os encontros ocorridos na UFES, no CRPD, em bares, restaurantes de Vitória, em casas de surdos e ouvintes, num shopping em Vitória, na participação no 3º ENELL, como os espaços pelos quais esta pesquisa se desenvolveu. Assim, foram selecionadas algumas situações para ilustrar em que medida o consumo atua como mediador de relações e construtor de significações.

Além dos treze surdos, também foram sujeitos desta pesquisa quatro tutores (ouvintes) e sete ouvintes alunos do bacharelado do curso de Letras-LIBRAS. Dentre esses, quatro são filhos de pais surdos, dois tutores e dois alunos do bacharelado.

Dentro do grupo estudado, os filhos de pais surdos – também conhecido pela sigla CODA (Children Of Deaf Adults) – são, em sua maioria, considerados os ouvintes “mais próximos” dos surdos. O fato de terem nascido em famílias de pai e mãe surdos, aparentemente, lhes confere esta condição. Contudo, nota-se que serem filhos de surdos não é garantia de respeito do grupo. Isso só é mantido através da manutenção da relação entre eles e os surdos.

Tanto os tutores quanto os alunos convivem diariamente com a LIBRAS e com os surdos ao realizarem trabalhos de interpretação, instrução, tradução e pesquisa em língua de sinais em escolas, empresas e faculdades. Assim, compartilham tanto do conteúdo ministrado no curso, quanto de ambientes, eventos, atividades e valores inerentes ao grupo.

Os sujeitos de pesquisa formam um grupo heterogêneo, ao todo são vinte pessoas que compõem o grupo pesquisado, além dos quatro tutores do curso de Letras-LIBRAS. Com pouca frequência os tutores estiveram presentes nas observações de campo. Contudo, eles foram importantes nas conversas e discussões, além de contribuírem com sugestão de leituras e indicações de ambientes para o pesquisador frequentar. Talvez sem eles o caminho percorrido não fosse o mesmo.

Os tutores e alguns ouvintes alunos do curso possuem um papel de intermediador dentro do grupo. Não é raro notar conversas e discussões entre eles e os surdos. A título de ilustração, segue o caso do aluno surdo Rafael que, apesar de possuir uma opinião formada sobre o que deveria ser o bilinguismo, buscou dois CODAs fora do horário de aula para questionar: “Como é possível aprender uma língua sem contato com os nativos?”. Essa discussão, envolvendo a tutora CODA Ana e o aluno CODA João durou o tempo do intervalo da aula, até que eles chegassem a um consenso.

Tal fato pode ser visto nas relações que se forjam entre os ouvintes, sejam eles CODAs ou não, e surdos alunos do curso. Apesar de estarem em turmas diferentes, nota-se que eles buscam dialogar nos intervalos, depois das aulas e nas reuniões e encontros fora do ambiente da escola. Segundo João, tal relação é importante porque mantém constantemente o contato com a língua de sinais do jeito que é utilizada pelos surdos, ao invés de utilizá-la estritamente para fins profissionais.

Mário, outro aluno do bacharelado, possui uma relação mais intensa com os surdos, mesmo não sendo parente de algum surdo, como visto com o CODA João. Mário, além de ter um bom domínio da LIBRAS por trabalhar com essa temática há muito tempo, é muito respeitado pelos surdos e, em algumas situações, é posto em posição de liderança. Isso ficou bem marcado quando ele assumiu a organização da viagem à Goiânia – GO. Além disso, ele é o representante da turma do bacharelado,

o que faz com que ele tenha que dialogar constantemente com o representante de turma da licenciatura.

Os demais ouvintes alunos do curso são, em sua maioria, intérpretes e instrutores de língua de sinais. Lidam diariamente com crianças e adultos surdos nas escolas municipais, faculdades e igrejas da Grande Vitória.

Os ouvintes que assumem o papel de intermediadores e melhor dominam a língua de sinais apresentam-se como sujeitos-chave para a construção coletiva do grupo. Tal observação pode ser encontrada nas conversas, tanto com os ouvintes quanto com os surdos, nas quais é afirmado que os surdos preferem ouvintes que possuem maior habilidade na LIBRAS e que têm um contato mais intenso com os surdos, como Mário, Ana, João e Luiza. Por isso, eles chegam a ser considerados pelos surdos como “iguais aos surdos”.

Apesar da identificação dos membros e da visível existência de um grupo, formado a partir do convívio dessas pessoas, algumas vezes a convivência deixa de ser tão harmoniosa. Principalmente quando ocorrem algumas divergências entre membros do grupo, pois nem sempre os interesses e anseios são similares. Nesse sentido, verifica-se uma polarização do mesmo.

Essa discordância pôde ser verificada nos últimos dias do encontro em Goiania-GO. A UFES havia disponibilizado um ônibus para levar os estudantes de Letras-LIBRAS ao 3º ENEL. Entretanto, não houve um consenso final sobre o dia/horário de retorno à Vitória-ES entre cinco pessoas presentes. Esse fato ocasionou uma divisão do grupo entre “surdos” e “ouvintes”. Enquanto algumas pessoas, a maioria delas surdas, queriam voltar mais tarde para ir a uma festa da Associação de surdos de Goiania, outras faziam questão de não pegar estrada à noite, após a festa.

Além de o grupo possuir uma formação composta tanto por surdos quanto por ouvintes, ele também é mesclado por doze homens e oito mulheres com idades que variam entre vinte a quarenta anos. Também não é difícil notar a presença de casais, namorados, irmãos, filhos de surdos e pessoas que com eles se relacionam em igrejas e escolas.

Alguns surdos também se destacam como sujeitos-chave no grupo. Esses também dominam com fluência a LIBRAS. Há um, o Adão, que se destaca por ser tido como pioneiro entre os demais surdos. Ele é um dos alunos jovens da turma, porém não foi visto envolvido em muitos momentos de descontração, como não é difícil de visualizar entre os estudantes jovens, nas aulas presenciais. Esse aluno é destacado pelos demais por ter sido o primeiro aluno surdo na Universidade Federal do Espírito Santo, onde cursou Pedagogia. Sobre o curso de Pedagogia, ele queixou-se dos desgastes, pois nem sempre haviam intérpretes para acompanhá-lo nas aulas. Assim, para ficar a par do que o professor estava falando, o surdo necessitava contar com a ajuda de algumas colegas que adquiriram um pouco de conhecimento sobre LIBRAS.

Outro sujeito-chave no grupo pesquisado, o Roberto, caracteriza-se pelo jeito brincalhão e descontraído. Ele sempre é o responsável por iniciar as sessões de piadas e imitações dos colegas. Esse surdo nasceu na Bahia, mas atualmente mudou-se para o Espírito Santo, pois, segundo ele, viu aqui oportunidades de emprego e de ampliação do ciclo de amizades. De acordo com Roberto, no local em que residia, no município de Teixeira de Freitas, o grupo de surdos não era extenso e nem organizado como o de Vitória.

Além das tutoras Ana e Luiza que dominam a LIBRAS, estão a par do que é discutido sobre a comunidade surda em Vitória e são responsáveis pelos encontros presenciais do curso, João, Mário, Adão e Roberto se apresentam como sujeitos importantes para a construção do grupo, seja pelo papel de articulação com os demais, pelo exemplo, ou ainda, pelo jeito descontraído. Tais características e mecanismos de atuação podem ser visto pelo reconhecimento do grupo em, respectivamente, Mário e João, Adão e Roberto.

A seguir serão apresentadas algumas situações de consumo vivenciadas junto ao grupo de surdos. Nelas estão os casos que envolvem o consumo de transporte coletivo, o consumo em um bar e um restaurante de Vitória e a experiência em uma festa de *halloween* de surdos.

#### 4.1.O TRANSPORTE COLETIVO

No que se refere às experiências sobre o transporte coletivo seguem dois relatos de campo. No primeiro deles é possível visualizar um dos primeiros achados de campo. Neste, são observados quatro surdos dentro de um ônibus municipal da cidade de Vitória. Na segunda experiência de consumo é apresentado o encontro e a conversa com um surdo acerca do uso do cartão de vale-transporte de seu pai. Finalmente, uma entrevista informal sobre o “passe livre” com uma tutora do curso de Letras-LIBRAS da UFES.

##### 4.1.1. Quatro surdos e a roleta

No dia 8 de março de 2009, numa das primeiras visitas aos encontros presenciais ao pólo de Vitória, saí do centro da cidade de Vitória, por volta das 07h45min, entrei em um ônibus municipal e fui em direção à UFES. Tinha combinado com dois instrutores de LIBRAS, a tutora Ana e o aluno Sérgio, que participaria de uma aula no curso de Letras-LIBRAS. No ônibus estavam aproximadamente três pessoas e as ruas e avenidas de Vitória possuíam menos movimento do que costumam ter nos “dias de semana”.

Quando o ônibus passou em frente ao antigo terminal Dom Bosco, próximo ao Colégio Salesiano, entraram quatro surdos (três homens e uma mulher), dois deles vestidos com camiseta nas cores azul, branca e verde, alusivas ao curso, escrito em português “Letras-LIBRAS” na horizontal no canto esquerdo e o sinal do curso (uma mão com a configuração em L e a outra aberta com a palma voltada perpendicularmente à parte inferior da letra) no centro da camiseta.

Mesmo com o ônibus vazio, os surdos ocuparam os dois bancos – com quatro lugares – do lado esquerdo anteriores à roleta. Esses bancos estavam dispostos frente a frente, de modo que permitiam o contato visual de um para com os demais. Assim que sentaram, os surdos iniciaram uma conversam em língua de sinais.

Não consegui compreender nada sobre a conversa, tanto pelos limitados conhecimentos em LIBRAS naquela época, quanto pelo prejudicado posicionamento no ônibus para realizar tal tarefa: não era possível visualizar todos os sinais, as expressões e os movimentos que cada um deles faziam. Além disso, havia sentado também do lado esquerdo do ônibus, contudo, após a roleta e há aproximadamente quatro metros de distância deles, perto da porta de desembarque. Depois que os surdos entraram, fiquei com a expectativa de “esbarrar” com eles quando fossem atravessar a roleta. Intencionava abordá-los, “engolir” a vergonha e tentar comunicar-me por intermédio dos poucos sinais que sabia.

Entretanto, eles continuaram a ocupar os bancos destinados aos idosos, às gestantes e aos portadores de deficiência. Esperei o ônibus chegar bem próximo ao ponto norte da UFES (último ponto de ônibus próximo à universidade no sentido Vitória-Serra), para levantar e descer depois deles. Ainda, contava com a possibilidade de que eles passassem por mim.

Próximo ao McDonald’s, localizado na Avenida Fernando Ferrari, tive a sensação de que eles não estavam indo para a UFES, pois o tempo era escasso para pagarem a passagem, atravessarem a roleta e caminharem até a porta de desembarque no final do ônibus e, assim, descer no “último ponto da UFES”. Então, rapidamente “puxei a cordinha” solicitando que o ônibus parasse naquele ponto, afinal tinha combinado de ir ao Letras-LIBRAS.

Antes de desembarcar percebi uma movimentação na frente do ônibus, contudo não consegui visualizar o que tinha acontecido. Na calçada percebi que um surdo tinha ficado no ônibus, enquanto os demais saltaram do coletivo pela porta dianteira e, provavelmente, sem pagarem a passagem. O ônibus seguiu viagem, enquanto eu estava mais confuso do que animado em interpelá-los para uma conversa.

Entrei no campus da UFES depois dos surdos, mantendo uma distância de três a quatro metros até a chegada no prédio em que ocorrem os encontros presenciais do Letras-LIBRAS. Naquele momento, meu interesse era observar se realmente os surdos estavam indo para o curso e refletir sobre a situação que me pareceu estranha – os surdos terem saltado pela frente, sem atravessar a roleta e,



provavelmente, sem terem pagado pela locomoção entre o ponto do Colégio Salesiano (próximo ao centro de Vitória) e a UFES.

De fato, não havia motivo algum que limitasse a locomoção daquelas pessoas de modo que lhes conferiam direitos de desembarcarem pela porta dianteira, como é o caso de idosos e gestantes. Pois, ao mesmo tempo em que não possuíam uma limitação de locomoção, a condição de ser surdo parecia não lhes dar o direito a um acompanhante, como ocorre com pessoas com necessidades especiais denominadas por deficientes mentais, que possuem disfunções cerebrais e redução da capacidade intelectual.

#### **4.1.2. Encontro com um surdo no ponto de ônibus**

Em 02 de dezembro de 2009, estava no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas – CCJE, na UFES, por volta das 11h30min. Meu destino localizava-se no bairro Hélio Ferraz, em Serra. Para chegar até lá, precisava utilizar dois ônibus intermunicipais, um que me levaria até o terminal de Carapina, já no município de Serra, e outro que de lá partiria para o bairro em questão. O dia estava ensolarado e fazia muito calor. Rapidamente passei pela biblioteca e fui em direção ao ponto de ônibus da Avenida Fernando Ferrari.

Atravessando essa avenida pelo portão norte da universidade, é possível visualizar o ponto de ônibus intermunicipal após o ponto destinado ao transporte municipal. Os pontos estavam com quatro, cinco pessoas em casa um deles. Era possível notar a predominância de estudantes, tanto da UFES quanto de colégios da região. Também era visível que os ônibus, tanto os municipais quanto os intermunicipais, que passavam pela avenida, estavam com a maioria dos assentos ocupados. Portanto, resolvi esperar por uma lotação na qual fosse possível ter a certeza de que poderia viajar sentado.

Nesse período de tempo, chegou ao ponto de ônibus intermunicipal o surdo Felipe, aluno do curso Letras-LIBRAS. Usava óculos, calça jeans e camisa de botão. Rapidamente o reconheci, cumprimentamo-nos e começamos a conversar utilizando

a língua de sinais. Bem pouco tempo depois, pessoas próximas estavam a nos olhar.

No decorrer da conversa, ele falou que iria participar, juntamente com o surdo Gustavo, aluno do curso de Letras-LIBRAS, de um desfile de moda inclusiva, que seria realizado na Assembléia Legislativa do Espírito Santo, no dia 06 daquele mês. O evento foi realizado em comemoração ao Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (03 de dezembro). Juntamente com o desfile ocorreu o lançamento do livro *Vai Encarar? A Nação (quase) Invisível das Pessoas com Deficiência*, de Cláudia Matarazzo.

Ainda no ponto de ônibus, comentei que estava indo para o município de Serra e perguntei a ele para onde estava indo, uma vez que sabia que ele morava na cidade de Cariacica, localidade aposta à direção que ele seguia. Felipe me falou que se dirigia à JKO (Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubitschek de Oliveira, da Prefeitura de Vitória), localizado no bairro Maria Ortiz, próximo ao CRPD, pois trabalha lá como instrutor de LIBRAS para crianças surdas.

Como seu destino estava na cidade de Vitória, falei que ele poderia embarcar no outro ponto, local onde param os ônibus municipais. Além de terem o valor da passagem menor, alguns destes passam bem mais próximo à escola na qual ele trabalha, , ao contrário dos ônibus intermunicipais que possuem o ponto de ônibus mais longe do que o primeiro e que ele teria que andar cerca de cem metros a mais do que o faria saltando no ponto específico para coletivo municipal, próximo ao JKO. Felipe disse que já sabia dessas informações e, mesmo ciente, preferia pegar um ônibus no ponto em que estávamos. Alegou que prefere aquele ponto por passarem mais ônibus do que o outro e que, também, não via problemas em andar uma distância maior para chegar ao seu destino.

Em poucos minutos, passou um ônibus que se dirigia ao terminal de Carapina, na Serra. Aparentemente, embora pessoas ocupassem a parte anterior à roleta, possuía lugares vagos na parte posterior do coletivo. Aguardei-o entrar primeiro, estava disposto e ficar na parte da frente conversando até a hora dele descer –

conforme fizeram os surdos que encontrei em um ônibus em março – pois meu destino era mais longe.

Entramos no ônibus. Lá dentro, percebi que não havia lugares vagos antes da roleta, pois esse espaço estava sendo ocupado por idosos e por dois adolescentes. Diferentemente, após a roleta era fácil visualizar assentos desocupados.

Rapidamente, o surdo sacou um cartão de vale-transporte do bolso e atravessou a roleta. Fiz o mesmo e ocupamos o banco próximo à porta central – de desembarque. Perguntei-o se possuía o cartão do “passe livre”, destinado aos surdos que possuem surdez profunda, permitindo, assim, que estes desçam do ônibus pela porta dianteira, como ocorreu com os surdos no mês de março. Respondeu-me afirmativamente, revelando que atravessou a roleta com o cartão de vale-transporte de seu pai. Em seguida, me explicou que seu pai recebe da empresa na qual trabalha esse cartão para se locomover no percurso casa-trabalho-casa. Contudo, utiliza o sistema de transporte coletivo para ir ao trabalho de forma gratuita, pois também é surdo. Desse modo, deixa o cartão para que o filho “o gaste”.

Nossa conversa dentro do ônibus não demorou muito tempo, pois a distância entre o ponto que ele desceria e a UFES não é grande. Após, atravessarmos a roleta, a breve conversa resumiu-se ao uso do cartão de seu pai e ao transporte coletivo. Assim, o surdo desceu pela porta central rumo ao seu trabalho.

Mais uma vez o uso do transporte coletivo me causava estranhamento. Ainda não tinha conseguido compreender de que maneira ele deveria ser realizado pelos surdos. Talvez não haveria uma lógica para a utilização desse sistema, principalmente por existirem possibilidades diferentes de uso, paga ou não.

#### **4.1.3. Entrevista informal sobre o transporte coletivo**

No dia da primeira experiência, vista acima, com os surdos no transporte coletivo, ocorrida no dia 8 de março de 2009, na qual os segui no ônibus e eles desembarcaram pela porta dianteira sem atravessar a roleta e, provavelmente, sem

pagar pelo transporte, os surdos, como suspeitei, foram ao encontro presencial do curso de Letras-LIBRAS. Lá havia marcado uma conversa com Ana, tutora do curso e CODA, e também havia combinado de assistir uma das aulas com Sérgio, aluno de bacharelado que utiliza a língua de sinais na sua igreja.

Pedi para que Ana me respondesse algumas questões que eu havia levantado após saltar do ônibus no decorrer do caminho até lá. Naquele momento, não entendi porque os surdos desceram pela frente, uma vez que eles não têm, visivelmente, nada que lhes confira esse direito, como uma dificuldade motora ou mental.

A outra questão se desdobrava da primeira: se é direito deles descer pela frente, se existe lei para isso, a empresa de transporte urbano os considera como deficientes físicos? Como isso ocorre para os surdos, uma vez que não é difícil notar um discurso dentro do grupo que luta para que essa visão dos surdos seja extinta?

Ana se prontificou a responder meus questionamentos e disse que ia tentar fazê-los citando seu exemplo pessoal.

Antes, contudo, me explicou que a Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória – CETURB-GV disponibiliza, mediante a comprovação de surdez profunda através de exame audiométrico, um documento denominado “passe livre” para os surdos. Este, como o nome já diz, garante o transporte gratuito nos ônibus que circulam pela Grande Vitória. Assim, é possível, ao utilizar apenas esse documento, que o surdo transite gratuitamente pela região metropolitana.

Em seguida, Ana relatou que, como é filha de surdos e seu pai trabalha numa empresa em Vila Velha, utiliza o cartão de vale-transporte que ele recebe para ir ao trabalho, uma vez que ele o faz utilizando o “passe livre”. Segundo ela, é comum que filhos de surdos “herdem” benefícios como esses de seus pais.

Ana havia feito isso naquele dia para chegar ao curso. Assim, ponderou que, apesar de entender que tal fato insere o surdo num contexto que talvez o legitime como de deficiente, uma vez que, não sendo gestante nem idoso, estaria próximo a essa categoria, simultaneamente dota-o de condições de acessibilidade aos diversos espaços urbanos, na medida em que anula possíveis limitações econômicas quando o surdo não precisa mais de dinheiro para se locomover.

Para ela, entretanto, ao agir dessa forma, a CETURB-GV, em nome do Governo do Estado, não está prestando assistencialismo, favor ou filantropia, pois o governo nada mais faz do que reconhecer que essa parcela da população teve historicamente retirada condições básicas de sobrevivência que estão sendo, através de medidas como essas, atenuadas.

## 4.2. RESTAURANTE, BAR E FESTA DE *HALLOWEEN* DOS SURDOS

Diferente das situações de consumo anteriores que possuíam como eixo central o consumo do transporte coletivo, estas foram agrupadas de acordo com caráter relacional do consumo. Nos três casos, o consumo ocorre mediado por relações que foram construídas, com mais ou menos tempo, seja no ambiente do restaurante, seja no bar ou numa festa de *halloween* organizada por um surdo.

### 4.2.1. A garçonete e o suco de abacaxi

Na primeira semana de agosto de 2009, participei de um dos encontros presenciais do curso de Letras-LIBRAS na UFES. No intervalo para almoço, fui com alguns alunos do referido curso – cerca de vinte pessoas – foram almoçar no restaurante *self-service* conhecido pelo seu cardápio mineiro, na altura da antiga entrada principal da UFES, numa rua conhecida como “rua da lama”.

Ainda no primeiro encontro do curso em que estive presente, em março de 2009, os alunos foram informados de que esse restaurante garantia cinco por cento de desconto para todos que fossem almoçar uniformizados. O uniforme seriam as camisas do curso de Letras-LIBRAS, tanto a azul, branca e verde quanto a preta escrita na frente “Letras-LIBRAS” em prata.

Já passava das doze horas quando entramos no restaurante. Este estava com suas mesas, praticamente todas, ocupadas, com exceção das localizadas em espaços

não cobertos do estabelecimento – lá estava ensolarado, havia uma fila com 19 pessoas para servir o almoço.

Ao entrar no restaurante, cada pessoa recebeu uma comanda com um número e um código de barras impressos, na qual era lançado todo o consumo, do almoço à sobremesa, sempre por um funcionário do bar. Ademais, naquele dia, o restaurante fornecera doses de café, leite queimado e rapadura gratuitamente aos seus clientes. Esses produtos costumam serem consumidos após as refeições, do lado de fora da entrada numa espécie de varanda, ainda nas intermediações do restaurante.

Em sua estrutura, pode-se notar o caixa, logo na entrada do restaurante, à esquerda. Após o caixa encontra-se uma área reservada à confecção de sucos e bebidas, retorno e limpeza de copos, além de um freezer para as bebidas envasadas, como refrigerantes, água mineral e sucos.

Logo à frente do caixa e da área reservada para a confecção de sucos, à direita de quem entra, estão trinta e seis mesas dispostas em quatro fileiras com nove mesas cada. As três primeiras fileiras possuem capacidade para quatro pessoas por mesa, na última, mais próxima a área de servir o almoço, a capacidade diminui para duas pessoas por mesa.

Nesse espaço, não é permitido mover as mesas de lugar, para formar grupos de mais de quatro pessoas, pois, tanto as mesas quanto os bancos, são feitos de madeira, grossa e pesada, o que dificulta o manejo das mesmas. Além disso, reconfigurar os espaços dessas mesas poderia atrapalhar a locomoção entre elas pelos clientes e pelos garçons às mesmas.

Percorrendo o corredor entre o caixa e as mesas, faz-se necessário subir um degrau que dá acesso a dois espaços distintos. O primeiro deles, à frente da entrada, é composto por mesas, de tamanhos e disposição aparentemente aleatórios. Mais à direita, há um armário no qual se encontram os pratos e o *buffet* e, ainda, é onde está situado o espaço disponível com a comida para que os clientes se sirvam como preferir.

Assim, após o armário, encontra-se a mesa que possui um sistema de aquecimento a vapor. Nesta, comidas quentes baseadas na culinária mineira são servidas. Nesse

dia era possível se servir de pratos típicos como frango com quiabo, farofa de linguiça, feijão tropeiro, galinhada, tutu de feijão, torresmo entre outros.

Seguindo à direita, encontra-se a mesa com as saladas das mais variadas e a churrasqueira. Exceto a churrasqueira, que possui um funcionário para servir, todas as demais mesas são de acesso direto aos clientes que podem, além de escolher, servir-se como melhor preferir.

Após a churrasqueira, descendo o degrau em direção ao fim das três fileiras de mesas, situam-se os banheiros (masculino e feminino) e um lavabo. A capacidade do restaurante aproxima-se de duzentas pessoas. Naquele dia, a impressão que foi compartilhada entre os surdos era de que o estabelecimento estava “lotado”. Tal informação poderia ser visualizada pelo sinal que alguns deles fizeram assim que chegaram ao restaurante, apertando o nariz com os dedos polegar e indicador e com a mão fechada.

Após servir o almoço é necessário pesá-lo. Assim, coloca-se o prato numa balança situada numa mesa entre o armário no qual estão os pratos e as quatro fileiras de mesa destinadas ao consumo da refeição. Um funcionário registra o peso e valor da refeição servida na comanda entregue ao cliente na entrada. Talheres, guardanapos, sal e palitos de dentes encontram-se à disposição dos clientes nessa mesa.

Como o restaurante estava “lotado” naquele dia e por estarmos num grupo composto pelos alunos dos cursos de licenciatura e bacharelado, maior que a capacidade de cada mesa, houve uma dispersão no grupo. Alguns permaneceram no local e outros preferiram almoçar em um *fast-food* ou em restaurantes da proximidade.

Os que chegaram primeiro ao restaurante preferiram “reservar” seus lugares e ficaram sentados esperando um colega se servir e ocupar posteriormente àquela mesa.

Havia chegado ao local com um pequeno grupo que acabou preferindo ir almoçar em outro local, por isso, estava entre os últimos a servir o almoço naquele

restaurante. Dessa forma, após servir a refeição busquei lugar numa mesa já ocupada por membros dos cursos de Letras-LIBRAS da UFES.

Aparentemente, a ocupação das mesas se deu de acordo com a disponibilidade das mesmas no estabelecimento. Talvez não ocorresse assim se o restaurante não estivesse com sua capacidade no limite. Perto dos que “reservaram” seus lugares aglutinaram-se mais alunos, nas mesas que foram ficando vagas. Lá era possível arrastar outras mesas e unido-as formar uma com mais de seis pessoas. Estavam, ao todo, em dez e eram, em sua maioria, ouvintes.

Os demais estavam em duplas, trios ou em grupos de quatro pessoas e ocuparam mesas entre as trinta e seis a esquerda da entrada.

Próximo e de frente ao caixa foi possível encontrar um lugar numa mesa ocupada por um casal de surdos, Gustavo e Bruna, alunos de licenciatura e Sérgio. Servidos, começamos a almoçar. Não foi possível visualizar algum consumo específico – tipo de carne, salada ou acompanhamento – que fosse recorrente, comum, diferente ou exótico entre as pessoas ali naquela mesa.

Em alguns minutos, uma garçonete baixa, magra e morena veio em direção à nossa mesa se oferecendo para anotar os pedidos de bebidas. Gustavo e Bruna queriam suco. Sérgio sugeriu dividirmos um refrigerante de seiscentos mililitros. Bruna disse que queria suco de abacaxi, pois facilitava a digestão, já que ela estava enjoada devido à gravidez de cinco meses.

Assim, Gustavo pediu suco de manga movimentando os lábios para formar visualmente a palavra e ela o de abacaxi. Bruna não conseguiu pedir para a garçonete o suco de abacaxi. Tentou fazer o sinal da fruta (as duas mãos abertas com o cotovelo de um braço encostado no peito da mão de outro braço), porém este, além de não ser icônico (lembra mais uma árvore) é de difícil compressão para quem não domina a língua de sinais.

Como não conseguiu realizar diretamente seu pedido, solicitou a minha intermediação. Cerca de um minuto depois dos os pedidos, a garçonete trouxe o refrigerante, pediu uma comanda e anotou a solicitação num teclado que fica na



parede ao lado do caixa. Pouco tempo depois trouxe os dois sucos, o de manga e o de abacaxi.

Já tínhamos aberto o refrigerante e já estávamos consumindo-o junto com o almoço quando os sucos chegaram. Bruna provou o de abacaxi e reclamou do sabor. Insatisfeita, pediu para seu marido prová-lo. Ela acrescentou que não se tratava de um suco de abacaxi. Apesar da aparência, comum a sucos desta fruta, disse que ele estava muito ácido e sem açúcar e me ofereceu para prová-lo.

Bruna pediu para que eu chamasse a garçonete e falasse com a mesma que o suco não estava com um gosto bom. Chamei a primeira garçonete que vi, uma loira e mais alta que a primeira. relatei o caso a ela. Bruna pediu a garçonete que esta provasse o suco para sentir que o sabor não estava apropriado para o consumo. Ela não o fez, porém perguntou o que poderia fazer para ajudar. Retransmiti o questionamento para Bruna, que solicitou o acréscimo de açúcar, pois, dessa forma, ela o consumiria.

Antes de passar a resposta de Bruna para a garçonete, esta disse que poderia trocar o suco se a surda quisesse e que qualquer sabor poderia ser escolhido. Retransmiti o recado a Bruna, que, então, solicitou a substituição da bebida por outra do mesmo sabor: abacaxi. Dois minutos após o pedido, a segunda garçonete retornou com outro suco de abacaxi. Bruna provou e o aprovou dessa vez. Falou que o segundo suco estava com o gosto bom. Nesse momento, exceto Bruna, todos naquela mesa estavam no final da refeição.

Aproximadamente uma hora depois de entrarmos no restaurante tínhamos terminado a refeição. Nessa hora, a fila do caixa estava parecida com a fila de servir o almoço assim que entramos.

Antes de sairmos da mesa para efetuarmos o pagamento do consumo, Bruna decidiu pedir outro suco de abacaxi. Novamente chamei um garçom para anotar o pedido. Dessa vez, era um homem branco e baixo. Assim que o garçom chegou à mesa, ao invés de fazer o pedido ao mesmo, a surda pediu para chamarmos a ultima garçonete que havia lhe atendido.

Questionei o motivo da escolha da pessoa que a serviria, pois qualquer garçom estaria habilitado para tal. Ela disse que preferiria a segunda garçonete, pois foi quem trouxe o suco “bom”. Explicou que “ele não sabe como eu quero, ela sabe” e não aceitou outra possibilidade.

Procuramos a segunda garçonete, não lembrava mais o rosto dela. Bruna a identificou e a chamou. Fizemos novamente o pedido do suco de abacaxi. Dessa vez a surda apontou para o copo vazio e fez o sinal de “de novo”. Pedi o suco verbalmente e a garçonete entendeu o pedido. Em poucos minutos o suco foi servido e a agradeceu novamente.

#### **4.2.2. Com os surdos no bar**

Durante o período em que estive acompanhando os surdos, por duas vezes combinamos de ir a um bar no bairro de Jardim Camburi. Ambos foram marcados durante os encontros presenciais do curso de Letras-LIBRAS. No primeiro deles estive presente no curso, no segundo fui avisado através de mensagem de texto via celular.

Jardim Camburi é um bairro localizado na região norte da cidade de Vitória que fica próximo a residência de João e de um casal de irmão surdos. Os demais surdos que frequentaram o grupo de surdos residem em cidades da região sul da Grande Vitória ou na região sul de Vitória, próximo ao centro.

Em ambos os encontros, mesas foram colocadas lado a lado, tornando-se a mais extensa do bar, e os surdos eram maioria nas mesmas. Estavam presentes alunos do Letras-LIBRAS com membros da família, como esposo, esposa, filhos e primos, além de surdos de outros estados. O bar, que tinha suas mesas dispostas na calçada, possuía em seu cardápio rodízio de caldos e petiscos, sendo que estes predominaram na mesa dos surdos. Houve um alto consumo de cerveja.

Os assuntos mais recorrentes eram tratados através de piadas e imitações caricaturizadas, geralmente sobre outras pessoas do próprio grupo, todos através da língua de sinais. Esta, aliás, era a única língua utilizada nesse encontro. As piadas e

imitações eram sempre registradas pelas máquinas fotográficas e aparelhos celulares. A princípio, as pessoas das mesas ao redor ficavam olhando para os surdos e para os movimentos dos mesmos. Com o passar das horas, isso não se repetia. Em alguns momentos, algum surdo se dirigia até a cabeceira da mesa para falar. Quando isso ocorria, os demais prestavam atenção ao que ele tinha a dizer.

Em ambos os encontros, no momento de pagar a conta, um surdo, tio da tutora Luiza, fez os cálculos levando em consideração os distintos gastos que ocorreram naquela mesa. Quem tinha consumido bebida alcoólica, pagou proporcionalmente a este consumo. Quem aderiu ao rodízio também teve que pagar o valor desse serviço. Em um dos encontros, Gustavo, que quebrou uma garrafa de cerveja no decorrer da noite, teve o valor da mesma adicionado à sua conta.

Após a entrega do dinheiro ao garçom (o estabelecimento não aceita cartões de crédito ou débito), o mesmo trouxe o troco já separado de acordo com que havia sido entregue por cada pessoa. Em conversa com o funcionário, este afirmou que os surdos já eram clientes “de longa data”. Disse ainda que no início ficava apreensivo com a presença dos mesmos no bar, pois tinha receio de não entendê-los ou de se fazer entender. Com o tempo, afirmou que aprendeu alguns sinais com os surdos e se tornou preferência entre eles.

#### **4.2.3. A festa de *halloween* dos surdos**

Nos dias 24 e 25 de outubro de 2009 ocorreu a festa de *halloween* dos surdos. Tal evento foi realizado numa residência alugada em Jacaraípe, bairro do município da Serra. Para participar da festa, deveria ser desembolsado R\$ 45,00 por pessoa. A consumação era liberada, estando disponível churrasco, salgados, pipoca, doces, frios, além de bebidas como refrigerantes, cervejas e ponches.

Particpei da festa apenas na noite do dia 24. Cheguei ao local por volta das 20 horas e saí às 02 horas do dia 25. Quando cheguei, já haviam bastante pessoas, a maioria surdas, e estavam com fantasias alusivas ao dia das bruxas. A língua de sinais era usada constantemente.

Na área externa da casa, bem próximo a entrada, havia uma piscina e um jardim ao seu lado. No meio do terreno estava situada a garagem e uma área para churrasco – com refrigerador. Era nessa parte que estava concentrado o maior número de pessoas da festa. Na varanda, havia uma mesa de bilhar e outra de “pebolim”, além de redes e cadeiras.

A única área interna da casa a que todos os convidados tinham acesso era uma sala com aproximadamente 15 metros quadrados. Esta era a única parte que possuía decoração de *halloween*, tais como uma imitação de caveira humana em tamanho real, teias de aranha feitas com algodão e penduradas no teto, abóboras, aranhas e cobras de plástico, além de luvas recheadas com pipoca em formato de mãos humana e ponche com a coloração de sangue.

Na festa predominavam os surdos, não só surdos do grupo de surdos pesquisado, mas também de outras regiões e estados brasileiros. Assim que cheguei, Roberto me apresentou a um surdo de Minas Gerais como pesquisador “amigo dos surdos” por estudar o grupo.

Em conversa com o surdo mineiro descobri que o mesmo e outros amigos vieram de outros estados motivados pela festa. Afirmou que com o “passe livre” nos ônibus interestaduais, a possibilidade de locomoção se torna mais acessível. Dessa forma, eles conseguem frequentar encontros, campeonatos de futebol e festas de associações de surdos em todo o país. Tal fato foi confirmado por João, que disse que seus pais fazem uso desse direito para visitarem os amigos em outros estados do Brasil.

Na festa foi possível participar das conversas com os surdos. Além de piadas, brincadeiras e imitações, era comum vê-los compartilhando suas histórias e experiências de vida, diferentemente do que ocorreu no bar. No mais, havia música na festa. Esta era proporcionada por um aparelho de som que estava sintonizado numa rádio local.

## 5. ANÁLISE DAS SITUAÇÕES DE CONSUMO

A aproximação com o grupo de surdos através de um viés etnográfico proporcionou explorar o ponto de vista do surdo, mais para interpretar do que para buscar explicar a realidade. A descrição dos dados obtidos através da observação direta, proposta por Geertz (1989) e Malinowski (1978), foi possível através do convívio mais de perto e de dentro (MAGNANI, 2002) e relevante para a consecução dos objetivos. Para tal aproximação, inspirou-se na compreensão do consumo como mediador de relações e construtor de significações, além da perspectiva cultural proposta pelos estudos surdos (LOPES, 2007; SÁ, 2006; STROBEL, 2008).

Durante as situações vivenciadas, analisadas mais detalhadamente a frente, apenas a conversa com a tutora do curso de Letras-LIBRAS não teve a utilização da LIBRAS. Esta língua de sinais é compartilhada pelos surdos e ouvintes que compuseram objeto da pesquisa, pois eles “falam com as mãos e ouvem com os olhos”, conforme as palavras de Mário. Nesse sentido, apesar do aprendizado em língua de sinais, tentar entrevistar em profundidade, conforme postula Geertz (1989), requereria um domínio maior da LIBRAS e dos significados comuns à quem a compartilha. Desse modo, as entrevistas e conversas foram mais informais, contudo, sem deixar de buscar os significados emergentes no convívio com o grupo através de situações do consumo.

Algumas situações de estranhamento foram experimentadas nesta pesquisa, conforme visto nos casos relatados. Também foi possível vivenciar o que outros pesquisadores relatam em suas pesquisas, como, por exemplo, o que Magnani (2007) relatou em seu caderno de campo quando estava numa festa junina de surdos.

Num determinado momento, subi os degraus da arquibancada que fica diante da quadra onde rolava a festa e, lá de cima, tive acesso a um espetáculo realmente inusitado: uma disparidade entre a multidão e o barulho que deveria estar fazendo, numa festa de ouvintes; em contraste, havia um fervilhar de mãos numa espécie frenética de pantomima (MAGNANI, 2007, p. 16).

Neste estudo, a experiência similar ocorreu no momento da chegada no 3º ENEL. Neste congresso estavam presentes alunos dos quinze pólos do curso de Letras-LIBRAS. No momento do *check-in* no encontro, mais de uma centena de surdos conversavam simultaneamente em LIBRAS e poucos sons eram emitidos. Tal imagem proporcionava um silêncio inquietante e, ao mesmo tempo, ensurdecador, na medida em que se buscava identificar apenas uma fala em meio a centena de “vozes” saindo daquelas mãos.

Este curso se apresenta como um ponto de encontro do grupo estudado. Nesse sentido, o pólo de Vitória, aproximando-se da categoria “pedaço” criada por Magnani (2003), no qual pessoas que compartilham em determinado ambiente de recursos, valores e interesses similares aproximam-se para criar esse universo. Geralmente, no pedaço prevalece a personalidade nas relações e a identificação com os pares. (MAGNANI, 2003)

Nesse ambiente, não foi difícil visualizar os alunos utilizando recursos tecnológicos próprios para acompanhar as aulas, como é o caso de notebooks acompanhados de seus modems para conexão com a internet, máquinas fotográficas e celulares que permitem gravar/capturar as informações disponíveis em aula e no quadro, além de permitir que o aluno acesso conteúdos diversos dentro de sala de aula. A utilização desses bens de consumo remete ao ritual de posse. Conforme McCracken (2003), através do uso, comparação, exaltação e discussão sobre seus equipamentos os consumidores reivindicam, para si as propriedades imbuídas neles.

Além destes recursos tecnológicos portados por alguns alunos no ambiente da escola, notou-se alguns fatores aglutinadores do grupo, como a busca pela especialização na língua de sinais, nas informações e conhecimentos proporcionados pelo curso, além da possibilidade de conversar em sinais e trocar experiências.

Tanto nas experiências junto ao grupo de surdos em Vitória, quanto na viagem à Goiania foi possível destacar a existência de sujeitos-chave na construção coletiva do grupo.

Dentre estes sujeitos-chave destacam-se as tutoras do curso de Letras-LIBRAS Ana e Luiza, ambas filhas de surdos e fluentes em LIBRAS. Elas participam do grupo de surdos, trazendo informações sobre alterações no cronograma do curso, divulgando eventos e congressos, além de participarem da comunidade surda de Vitória desenvolvendo cursos e atividades em igreja e associação de intérpretes de Vitória.

Outro grupo de destaque é formado por dois ouvintes que se apresentam como membros importantes para a construção coletiva deste grupo de surdos são alunos da turma de bacharelado: João e Mário. Como característica, ambos possuem boa articulação em LIBRAS e o convívio mais direto com os surdos. João busca manter uma relação mais estreita, não se preocupando exclusivamente com a relação profissional que a LIBRAS lhe proporciona. Mário é reconhecido pelo seu envolvimento no trabalho com surdos e pelos movimentos de liderança que se ocupa no grupo.

Um terceiro grupo possível de identificação corresponde aos surdos Adão e Roberto. Adão é reconhecido e tido como exemplo por ter sido o primeiro aluno surdo de um curso de graduação presencial na UFES, além de ter feito valer os seus direitos no momento de exigir a presença de intérpretes naquele curso de pedagogia. Já Roberto destaca-se pela descontração e capacidade de envolver as pessoas através de suas brincadeiras, piadas e imitações.

As situações de consumo descritas no capítulo anterior, juntamente com a comemoração do aniversário de Karin – relatada no início desta dissertação –, podem apresentar-se como emblemáticas na medida em que contribuem para pensar-se sobre questões relativas ao consumo. Nesse sentido, após o mergulho no particular de cada situação, buscou-se traçar um paralelo com outras situações de consumo para explorá-las de modo mais abrangente, se necessário, criando-se metáforas para esta análise.

A título de exemplo, no caso do aniversário de Karin é possível visualizar como a percepção da consumidora (re)significou o ambiente do bar, a iluminação por velas e o violinista como um conjunto de fatores que não lhe propiciava um encontro adequado como seu namorado. Do mesmo modo, quando ouvintes vão a algum

restaurante onde as conversas das mesas vizinhas estão mais entusiasmadas ou quando a música está muita alta, o ambiente torna-se pouco agradável para quem o selecionou para um encontro como o de Karin.

No caso do transporte coletivo, foram apresentadas duas maneiras distintas de utilização por parte de membros do grupo de surdos. Na primeira, houve o consumo do serviço através da posse de um documento de identificação, denominado “passe livre”. Este documento possibilita que as pessoas com surdez profunda embarquem e desembarquem pela porta dianteira do coletivo, sem pagar passagem. Na segunda situação, Felipe, mesmo sendo portador de um cartão “passe livre”, utilizou o cartão de vale-transporte “herdado” de seu pai. Este cartão refere-se ao auxílio transporte fornecido pela empresa que o pai do mesmo trabalha.

Em ambos os casos, o consumo ocorreu também por conta do “passe livre”. No primeiro deles os consumidores o detinham, no segundo, por ele ser utilizado pelo pai, o filho não utilizou o que possuía, ficando com o cartão de vale-transporte fornecido pela empresa do pai.

De acordo com McCracken (2003), o consumidor e os bens são repositórios dos significados do mundo culturalmente constituído. Assim, através do movimento dos significados, a utilização de determinados bens pode dotar o consumidor de algumas características localizadas nos objetos. Isto é, os significados compartilhados pelas pessoas, depositados nos bens de consumo, podem ser transferidos através da posse, utilização, arrumação e uso dos bens de consumo.

Em relação ao “passe livre” e ao sistema de transporte coletivo, a utilização do cartão pode assumir significados diversos, conforme visto na descrição das situações de consumo e na conversa com Ana.

No estranhamento causado na primeira situação relatada, pode-se apontar o surdo enquanto portador de necessidades especiais. Uma deficiência que pode ser comprovada através do exame audiométrico. Dessa forma, o surdo teria o benefício mediante a comprovação do seu déficit de audição. Do mesmo modo, o uso do cartão de vale-transporte não apontaria para nenhuma das possibilidades acima, mesmo o consumidor fazendo parte de algum desses grupos.



Valendo-se de uma aproximação médico/terapêutica para a análise do uso do “passe livre”, a “adequação da audição” é proporcionada pelo acesso gratuito ao transporte coletivo. Ou seja, um grau de surdez que limita o indivíduo permite, através dos “saberes clínicos”, que este adquira condições especiais de consumo.

Por essa perspectiva, o consumo se apresenta através de um mecanismo de diferenciação. Neste, o consumidor é identificado observando-se apenas determinadas características e, assim, tem um tratamento distinto. Tal diferenciação pode ser vista em demais esferas da sociedade, como entre estudantes que possuem desconto de 50% nas entradas de festas, cinemas, teatro, ou ainda, na passagem do sistema coletivo de transporte.

De modo diferente, a abordagem política, vista na conversa de Ana e compartilhada pelo grupo, permite significar a utilização do “passe livre” a partir do ponto de vista do engajamento, da luta e do direito conquistado. Ou, nas palavras da tutora, “o uso do cartão é um reconhecimento do descaso do governo com a comunidade surda”.

Nessa medida, o acesso, através do reconhecimento da surdez e da promoção da inclusão do surdo, é valorizado diante do contexto sócio-histórico brasileiro que por muito tempo viu o surdo como incapaz equiparando-o a pessoas com problemas cognitivos (LOPES, 2007). Assim, valendo-se desta perspectiva, a utilização do “passe livre” extrapola o direito de tê-lo. Pois, fazer o uso do mesmo também é necessário para marcar o posicionamento no grupo e perante a sociedade.

O uso do passe livre pode sugerir que descer pela porta dianteira significa ser diferente, por portar necessidades especiais. Além desse sentido, seu uso também pode envolver a questão da diferença numa outra dimensão, na medida em que ao utilizar o passe livre, o consumidor se afirma enquanto membro pertencente a determinado grupo. Nessa abordagem mais política, a busca pela utilização do “passe livre” assume, além do reconhecimento, um engajamento individual para um benefício coletivo.

Essa diferença encontrada nas perspectivas médico/terapêutica e na política, ao se analisar a primeira situação relatada, não é encontrada no segundo caso, no qual Felipe utiliza-se do cartão de vale-transporte do seu pai para andar de ônibus.

Mesmo sendo surdo, Felipe, ao fazer o uso do vale-transporte, não participa dessa construção política relacionada ao reconhecimento e pertencimento dos surdos enquanto um grupo, uma comunidade. Nem ao menos pode ser enquadrado como deficiente ou portador de necessidades especiais. Ao contrário, a apropriação do transporte coletivo por Felipe gera um sentido que o permite passar despercebido enquanto surdo.

Apesar de não ter sido possível identificar a intenção de Felipe, segundo seu relato o uso do vale-transporte ocorre apenas para “gastar”. As possibilidades de utilização do transporte coletivo ajudam a refletir sobre algumas formas que os consumidores se apropriam dos bens de consumo e se relacionam com a sociedade.

Valendo dessas abordagens é possível visualizar hábitos de consumo que apresenta o consumidor expressando sua diferença. Seja para identificá-lo e permitir o acesso a determinados bens de consumo, seja enquanto mecanismo de engajamento, na medida em que diferença se relaciona com a criação de um sentimento coletivo de pertencimento e criação de identidade. Por outro lado, o transporte coletivo possibilita pensar o consumo como uma ferramenta para se misturar, passar despercebido e não ser identificado pelos demais.

Outra situação de consumo descrita nesta dissertação refere-se à experiência vivenciada no restaurante de comida mineira. Lá, encontrava-se um ambiente cuja capacidade de lotação estava próxima à máxima do estabelecimento para atender aos clientes. Mesmo assim, parte dos alunos decidiu permanecer naquele restaurante. Talvez por conta do desconto de 5% dado a quem consumisse no local uniformizado. Essa informação ocorreu através do aviso feito em sala de aula por um tutor e, a partir de então, o consumo naquele restaurante pelo grupo de surdos tornou-se mais recorrente.

Nesse caso também foi possível visualizar alunos que optaram por ir a outros ambientes. Outros chegaram antes dos demais e acharam por bem “reservar” a mesa. Enquanto ocupavam os lugares, aguardavam que os colegas se servissem da comida disponível. É comum encontrar grupos que realizam esse tipo de “reserva”.

Esses hábitos não são restritos ao grupo de surdos estudado, podendo ser observados em outros restaurantes de Vitória.

Ainda sobre o restaurante, especificamente, no caso do suco de abacaxi, é possível verificar que, a escolha do mesmo por Bruna foi feita por uma questão fisiológica, uma vez que julgava que o suco era menos agressivo ao estômago e que, dessa forma, não colaboraria para lhe causar enjôos em decorrência de sua gravidez. Quando optou pelo suco, esse bem de consumo passou a “conversar” com os demais ali dispostos, como a refeição, os talheres e as outras bebidas do estabelecimento. Essa postura pode ser vista no ritual de arrumação, postulado por McCracken (2003).

Outra possibilidade de análise emerge diante da necessidade de intermediários para se concretizar o consumo do suco. Uma vez que, apenas determinada garçonete “sabia exatamente” o que Bruna queria. Nesse sentido, o serviço da garçonete serviu para comunicar e estabelecer a relação entre o suco e Bruna. Uma relação nesse sentido pode ser encontrada em Rocha (2000), quando o autor afirma que a publicidade atua como intermediadora entre a produção e o consumidor, pois aponta as necessidades, os desejos e as utilidades para o consumidor.

No nível mais microssocial do restaurante, o papel da garçonete enquanto intermediadora atuou no sentido de construir uma ponte entre o consumidor e a empresa, de forma que Bruna voltou a recorrer a ela quando queria outro produto semelhante. Nesse caso, não seria mais qualquer garçonete que poderia entregá-la o suco ideal. Portanto, na medida em que essa ponte foi estabelecida, após o segundo pedido do suco, a utilização de outras pontes não seria mais necessária, ou melhor, talvez, para Bruna, outras pontes não conseguiriam entregar o produto como ela desejava.

Em Rocha (2000), foi possível verificar que, conforme análise dos anúncios publicitários, a ponte estabelecida entre o óleo-alimento e o consumidor impede a utilização do mesmo discurso para os produtos dos concorrentes. Utilizando-se desta relação no caso do restaurante, o funcionário que conhece as necessidades

dos consumidores se apresenta como o intermediador responsável pela efetivação da compra.

Situação semelhante pode ser vista quando o consumidor vai adquirir um produto no qual desconhece todas as características do mesmo, ou quando o produto está a pouco tempo no mercado e muitos consumidores desconhecem os benefícios ou utilização do produto. Nesses casos, o vendedor aparece como o intermediador, portador das informações sobre o produto, responsável pela “pedagogia do consumo”.

Valendo-se da abordagem religiosa, a “incapacidade de ouvir” dos consumidores, na medida em que eles não dominam características como modo de utilizar, especificações técnicas e garantias, apontam para os funcionários como os detentores do conhecimento sobre o produto. Assim, eles respondem pelo papel de intermediadores entre as informações sobre o consumo dos produtos e os consumidores que os buscam.

Igualmente ao caso do restaurante, no bar o garçom se apresenta para estabelecer a relação e criar uma ponte entre os produtos do bar e os consumidores. Neste bar, conforme relato do garçom, os surdos o frequentam constantemente. Através desta constatação, pode-se sugerir que esse ambiente, bem como o prédio do curso de Letras-LIBRAS, se apresenta como um ponto de encontro dentro da categoria “circuito”, elaborada por Magnani (2003). O circuito é caracterizado pela “união” de estabelecimentos, espaços e equipamentos (não contíguos na cidade), cujo uso aponta para determinada prática, oferta, serviço ou grupo. Dessa forma, talvez seja possível mapear os espaços frequentados pelo grupo de surdos em Vitória.

No ambiente do bar, nota-se que a quantidade de consumidores surdos é maior que os grupos de outras mesas. O número de parentes presentes é maior do que em outros encontros, como na festa de *halloween* e no almoço no restaurante. Em ambas as situações presenciadas no bar, o número de pessoas à mesa supera a vinte. Lá estavam casais, filhos, primos e outros parentes, além de surdos de outros estados, como foi o caso de uma pesquisadora surda maranhense.

Daniel Miller (2002) constatou em sua pesquisa que os consumidores utilizam os bens de consumo para a manutenção das relações sociais. Algumas vezes, por não terem tempo para os filhos, por exemplo, os pais não se importam em comprar presentes considerados mais caros para os mesmos. Tal agrado estaria como uma substituição pelo tempo não disponibilizado.

O que pode ser visualizado no consumo do bar e na festa de *halloween* é que o mesmo se deu para a manutenção das relações. Porém, não no sentido da substituição, como ocorreu na pesquisa de Miller (2002). No bar e na festa o consumo se apresentou para reforçar as relações sociais, na medida em que as pessoas utilizam desta oportunidade para “bater papo”, trocar experiências, encontrar amigos de outras localidades, dentre outras formas de interação. Nesse sentido, estes ambientes servem para justificar o consumo através da aproximação das pessoas.

Na festa de *halloween* foi possível identificar o ritual de arrumação proposto por McCracken (2003). Contudo, a decoração e o cardápio interiores da casa não “conversavam” com o churrasco que acontecia na varanda da mesma. Enquanto dentro casa o ambiente se apresentava como uma festa com o tema do dia das bruxas, do lado de fora a churrasqueira em brasa apontava para outro tipo de festa, mais brasileira. O freezer disposto entre os dois ambientes e a ausência do churrasqueiro proporcionava uma maior circulação de pessoas entre os dois ambientes, tanto para “pegar cerveja” quanto para assumir a função do churrasqueiro.

Mais uma vez um encontro possibilitou que surdos de diversos lugares estivessem juntos. Dessa vez, se organizaram numa festa temática, que ocorre anualmente na Grande Vitória. Por se tornar um evento “tradicional” entre os surdos, pessoas de outros estados, munidos pela possibilidade de viajarem pelo país utilizando o passe livre interestadual, estavam presentes.

A música também fazia parte do ambiente, contudo não estava em harmonia com os movimentos realizados pelos surdos. Estes, além das piadas, brincadeiras e

imitações, estavam compartilhando histórias e experiências de vida. Na medida em que a festa proporcionava o encontro, permitiam esse tipo de conversa.

Conforme vimos no capítulo 2, as abordagens políticas, médico/terapêutica e religiosa se apresentam insuficientes para servir de base analítica para elucidar algo sobre uma cultura surda. Isso é, elas não devem ser tomadas de antemão para evitar um enviesamento na análise. Contudo, devem, ao menos, ser interessantes para pensarmos em tipos de consumidores que existem em nossa sociedade.

Nesse sentido, um consumidor mais engajado poderia assumir uma postura mais condizente com a perspectiva política, como foi o caso da Bruna que se recusou a consumir o suco por julgar estar aquém do ideal e de um possível uso do “passe livre” através da afirmação da condição de pertencer a determinado grupo.

Em relação a caso da Bruna, é possível verificar similaridade numa análise feita por Canclini (1997). Segundo ele, o consumo serve para refletirmos sobre a sociedade e sua utilização emerge enquanto mecanismo de cidadania. Assim, grupos de consumidores mais engajados são capazes de interferir no preço, na disponibilidade de informações e na “conscientização” dos produtores em relação aos impactos ambientais. Desse modo, poderiam fazer valer sua condição de consumidores e obter o serviço devido.

Através da utilização do passe livre foi possível verificar a diferença através do pertencimento. Esse engajamento individual direcionado na afirmação do coletivo também pode ser visto em “tribos urbanas”, tais como “punk”, “funkeiro”, “emo”, “country” e “rockability”, dentre outros, conforme postula Casotti (2004). Estes grupos se apresentam como um celeiro de relações, nos quais são compartilhadas as maneiras de perceber, pensar, falar e agir frente aos seus pares e aos demais grupos e membros da sociedade.

De acordo com a perspectiva religiosa, diante da necessidade de compreender os “ensinamentos de Deus” precisamos que alguém nos informe e nos ensine como agir corretamente, de modo mais profícuo. Este papel de intermediação pôde ser visto no bar e no restaurante. De modo similar foi estudado por Miller (2002), quando identificou que o consumo pode ser apenas um meio para as pessoas

economizarem. Desse modo, num supermercado, a arrumação e os preços dos produtos disponíveis, ou seja, as informações sobre os produtos através das embalagens, promoções, disposição nas gôndolas possibilita o consumidor ter a sensação de economia.

O atendimento, encontrado nas intermediações realizadas no restaurante ou pelo garçom na situação de consumo do bar, vai ao encontro da necessidade de um mecanismo de comunicação visto por Rocha (2000). Dessa forma, a perspectiva religiosa alinhou-se às necessidades de determinadas informações que permitem o acesso a um “mundo superior” almejado pelo consumidor e proporcionado pelos produtos.

Conforme a perspectiva médico/terapêutica, o consumo pode se apresentar como uma doença. Os consumidores que estão nesta condição precisam de um tratamento: revisar a forma como consomem. Tal proposta se aproxima da obra de Bauman (2008) e vai ao encontro da visão hedonista e moralista do consumo, apontadas por Rocha (2005), pois, o consumidor não consegue se curar do consumo desenfreado em busca do prazer. Como forma de tratamento da doença o consumidor deve voltar seus hábitos de consumo para os produtos considerados estritamente “necessários”. Talvez esse fato não possa ser encontrado nas situações de consumo aqui analisadas, mas como seria se pudesse? Qual situação de consumo denotaria um consumidor que precisa ser tratado ou curado para estar em conformidade com o que é estabelecido socialmente?

Outra possibilidade de análise do consumo pela abordagem médico/terapêutica pôde ser vista no transporte coletivo. Nesta experiência, as condições proporcionadas pelo consumo se apresentam como atenuantes. Assim, ao se encontrar numa condição de diferença, o consumidor é identificado como tal e soluções paliativas são-lhe proporcionadas para a resolução do problema.

Em relação aos artefatos culturais, propostos por Strobel (2008), foi possível identificá-los nas situações de consumo e nas demais experiências compartilhadas junto com o grupo de surdos, conforme articulação feita entre os artefatos culturais e a abordagem proposta por McCracken (2003), na qual os bens de consumo se

apresentam como repositórios do significado. Contudo, não é possível afirmar que eles sempre emergem da mesma forma que a autora trabalha em seu livro.

No que se refere à experiência visual, foi possível identificar diversas situações nas quais os surdos a utilizam. A língua de sinais, que é fundamentalmente visual, é empregada constantemente. A apropriação da realidade por intermédio do sistema visual é valorizada em detrimento do som. Desse modo, verificou-se a importância que o grupo dá para a manutenção do contato visual durante uma conversa e como não é educado ocupar o espaço entre um diálogo, ou seja, obstruir o campo de visão.

No bar, quando o garçom vai recolher alguma coisa na mesa e passa na frente da conversa, esse artefato fica completamente comprometido. Da mesma forma ocorre na sala de aula, quando algum aluno, ou o próprio tutor, servem como obstáculos do campo de visão dos demais alunos. Nesse espaço, ainda foi possível observar o artifício de apagar e acender as luzes para chamar a atenção dos demais.

Conforme comentado anteriormente, a LIBRAS é muito utilizada dentro do grupo. Sua presença não só reforça uma “unidade surda”, mas, principalmente, possibilita que a comunicação ocorra de acordo com as características do grupo, na medida em que este é composto por surdos com graus de surdez distintos e também por ouvintes. Esta pesquisa também proporcionou o contato com surdos de outros estados e, apesar de não ter se ocupado das diferenças regionais da LIBRAS, não foi difícil identificar variações linguísticas dessa língua, ou seja, a existência de sinais diferentes para um mesmo significante.

Fora do grupo, quando o surdo precisa se relacionar com um ouvinte que não domina a LIBRAS, ele utiliza algumas estratégias como gesticular os lábios, escrever, buscar utilizar sinais icônicos ou chamar algum ouvinte conhecedor de LIBRAS para intervir. Assim, o surdo busca aproximar-se da linguagem compartilhada pelos ouvintes. Tal fato não é incomum em situações exteriores ao grupo, ou quando o mesmo se relaciona com os demais membros da sociedade, sem intermédio de algum ouvinte que domine a LIBRAS.



O artefato familiar pôde ser verificado no grupo de surdos, similarmente conforme proposto por Strobel (2008), uma vez que ela considera esse ambiente importante na formação do surdo. Como exemplo, foi possível notar a diferença no domínio da LIBRAS e na participação dentro do grupo entre os surdos Felipe e Cássio. Este nasceu em uma família de ouvintes que se ocupou em fazê-lo aprender o português como primeira língua. Segundo o relato do mesmo, os pais fizeram-no utilizar um fone de ouvido, ligado a uma televisão no volume máximo, de modo que ele pudesse treinar a leitura labial ou, ainda, na expectativa de que ele pudesse captar alguns ruídos.

No caso do Felipe, filho de pais surdos, sua língua-mãe foi a LIBRAS, o que o permitiu que ele tivesse maior contato e convívio com outros surdos ou com ouvintes que conviviam nessa comunidade. O Cássio, ao contrário, passou muito tempo sem conhecer a LIBRAS e, assim, permaneceu isolado por não conseguir se identificar tanto com surdos quanto com ouvintes.

O artefato denominado por literatura surda corresponde, de acordo com Strobel (2008), a histórias relacionadas à língua de sinais ou a questões referentes a condição de ser surdo. Tais tipos de obras foram acessadas durante a pesquisa de campo, principalmente no acervo do curso de Letras-LIBRAS e na feira que se encontrava no 3º ENELL, na qual viu-se a presença de muitas obras biográficas, estudos acadêmicos e literatura voltada ao público infanto-juvenil. Contudo, no período da imersão no campo não foi possível observar se os surdos recorrem aos livros com frequência ou se possuem hábitos desse tipo de leitura.

Em relação à vida social e esportiva do surdo, não foi possível identificar a prática de esportes e encontros em associações, conforme pontua Strobel (2008). Contudo, observou-se uma valorização por encontros presenciais. Segundo o surdo Marcelo, ele e seus amigos separam momentos no decorrer da semana para “bater papo”, seja em shoppings, bares, terminal de ônibus, em casas de amigos, dentre outros lugares. Isso porque não conseguem fazê-lo no decorrer do dia, pois muitos deles não têm o convívio diário com outros surdos ou com ouvintes que dominem a LIBRAS.

No grupo, o artefato relacionado às artes visuais corresponde, principalmente, às piadas, brincadeiras e anedotas realizadas por alguns surdos, dentre eles o Roberto. Nessas brincadeiras, visualiza-se a reprodução dos trejeitos dos demais membros como uma forma de compreensão da relação dos caricaturados com o ambiente. Essa reprodução ocorre baseada nas características de cada um, por intermédio da utilização dos elementos que compõem a língua de sinais, tais como a expressão corporal.

Em conformidade com Strobel (2008), as peças teatrais se apresentam como outra possibilidade de olhar a realidade através desse artefato. Elas não foram encontradas junto às experiências de consumo vivenciadas com o grupo de surdos pesquisado. Contudo, estão presente nas igrejas e escolas quando alguns surdos se organizam para retratarem determinada situação a partir de uma percepção deles.

Em relação às “instituições políticas”, foi encontrada forte articulação em algumas igrejas e na associação de intérpretes de LIBRAS. No período que se desenvolveu o campo desta pesquisa, a associação de surdos de Vitória estava desativada e sem sede própria. A articulação dos surdos ocorria, majoritariamente, nos encontros presenciais no curso de Letras-LIBRAS.

Finalmente, Strobel (2008) aponta para os artefatos materiais como os bens de consumo que auxiliam na acessibilidade do surdo ou, ainda, como sendo aqueles pelos quais o mesmo se apropria para se relacionar com os demais. Dessa forma, foi possível notar a presença de TDDs espalhados em prédios públicos e privados de Vitória, contudo, não se visualizou utilização dos mesmos. Artefatos materiais relacionados à comunicação mais vistos entre os surdos são os aparelhos celulares, principalmente através do envio de mensagens de textos e os notebooks, normalmente acompanhados por um modem para conexão com a internet.

Esses artefatos culturais propostos por Strobel (2007) e as formas que eles são interpelados contribuíram na compreensão acerca do grupo estudo. Contudo, nem todos foram identificados conforme aponta esta pesquisadora. A relação dos surdos com os animais, a utilização da literatura constantemente, as associações de surdos na Grande Vitória, dentre outros elementos não foram passíveis de identificação.

Desse modo, é difícil aproximar-se de uma “cultura surda” através da identificação de cada característica do grupo estudo neste *checklist*. Algumas destas peculiaridades aparecem nos primeiros contatos com o mesmo, tais como a experiência visual e a utilização de língua de sinais. Outras como a expressão corporal que surge nas piadas e anedotas se apresentam relevantes para a formação do grupo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa utilizou uma abordagem mais exploratória no sentido de verificar a possibilidade de relação entre surdez e consumo, através de uma perspectiva cultural. A intenção foi analisar como o consumo se apresenta para esses consumidores e quais as possibilidades de análise que surgem a partir daí.

Nesse sentido, ocupou-se, num primeiro momento, em compreender de que forma a temática da ausência da audição vinha sendo tratada pela academia. O levantamento no site da CAPES, buscou pesquisas realizadas nos PPG brasileiros no período de 2000 a 2007. Esse levantamento apontou que, mesmo sendo pequeno o número de teses e dissertações defendidas, existe um crescente interesse em estudar o tema no meio acadêmico. Também foi possível identificar que as áreas das Ciências da Saúde e das Ciências Humanas correspondem a mais de 80% dos trabalhos publicados.

A partir desse levantamento posicionou-se este trabalho em busca do que é vivenciado no bojo de um grupo de surdos, além de procurar por referências bibliográficas relacionadas à surdez.

Neste mote, identificaram-se três possibilidades de compreensão da surdez. A abordagem médico/terapêutica surgiu a partir de referência em obras das Ciências da Saúde e trata o tema como deficiência ou doença que exige do seu portador uma intervenção cirúrgica ou um tratamento para curar desse mal. Outra perspectiva, baseada numa postura mais política, trata a condição do surdo como um sujeito mais engajado, imerso numa coletividade, na luta por reconhecimento da surdez enquanto diferença (identidade). Por último, a abordagem religiosa ressalta a necessidade da existência de um interlocutor capaz de levar o surdo aos “ensinamentos de Deus”.

Essas abordagens não serviram de base para a aproximação do grupo de surdos nesta pesquisa. Contudo, elas foram úteis para ilustrar algumas situações de

consumo, bem como para levantar possibilidades para o entendimento sobre o consumidor ao relacionar suas características com o consumo.

Para os fins desta pesquisa, uma abordagem cultural emergiu em detrimento das demais. Nesta, a valorização do que é compartilhado pelos surdos e a presença no grupo em busca dos sentidos que emergem das relações foram privilegiados. Nesse sentido, optou-se pelo convívio e estabelecimento de relações sociais no grupo estudado. Como suporte nesta aproximação buscou-se identificar no grupo os “artefatos culturais” propostos por Strobel (2008).

Sobre o consumo, optou-se por um aporte teórico que valorizasse uma análise mais antropológica do consumo. Para tal análise, buscou-se em Miller (2002), que, através de uma pesquisa microssocial, apontou que o consumo serve para descobrir algo sobre os relacionamentos; em McCracken (2003), a qualidade móvel do significado do mundo culturalmente constituído para os consumidores individuais, passando pelos bens de consumo e; Rocha (2000, 2005), que analisa o consumo enquanto sistema cultural, possuidor de um intermediador cultural: a publicidade.

Como método de aproximação do objeto de estudo, optou-se por uma inspiração etnográfica, conforme postula Geertz (1989) e Malinowski (1978) e pelas sugestões de aproximação da comunidade surda, como apontou Strobel (2008). Nesse sentido, optou-se pela observação direta como principal técnica de coleta, apoiada por entrevistas e conversas informais. Além de adotar uma perspectiva de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) para analisar no grupo de surdos os significados e as práticas sociais que se forjam no contexto urbano.

Buscou-se estabelecer contatos com alguns sujeitos-chave com o intuito de estreitar as relações com os membros do grupo de surdos. Dentre as ocorrências foram observados experiências de consumo acerca do uso do passe livre e do cartão de vale-transporte no sistema de transporte coletivo da região metropolitana de Vitória. Também, ocupou-se da descrição e análise além de situações de consumo em um bar, num restaurante e na participação na festa de *halloween*.

Na análise do transporte, valeu-se do que postula McCracken (2003) sobre o consumidor e os bens enquanto repositórios dos significados do mundo

culturalmente constituído. Na medida em que o transporte é utilizado, ocorre um movimento de significados. Por um lado o consumidor pode ser visto como portador de necessidades especiais, por outro, como um consumidor engajado na afirmação do seu grupo de referência. Assim, por meio da aproximação com a abordagem médico/terapêutica e com a política apresentou o consumo como diferença. Nesta, é possível que o consumidor possua uma deficiência ou busque a diferença através do sentimento de pertencimento no grupo.

Da mesma forma que foi possível identificar que o consumo serve para marcar um posicionamento, verificou-se, pelo consumo do vale-transporte, a possibilidade de consumir para passar despercebido.

No segundo bloco de descrição, composto pela experiência do restaurante, do bar e da festa de *halloween* verificou-se o consumo através do ritual de arrumação, proposto por McCracken (2003). No restaurante, a experiência de consumo do suco de abacaxi apontou para a necessidade de intermediadores para a concretização do consumo. Através da abordagem religiosa verificou-se que os funcionários são os detentores do conhecimento sobre os produtos e serviços disponíveis ao consumidor. Também, identificou-se o consumo para a manutenção de relações (MILLER, 2002), como ocorreu no bar e na festa.

Igualmente importante foi a possibilidade de comparar as abordagens políticas, médico/terapêutica e religiosa enquanto perspectivas do consumo. Nesta análise, foi possível sugerir um consumidor mais engajado com o grupo no qual está inserido; outro que busca, através dos bens de consumo, uma possibilidade de acessar um novo patamar e; um terceiro consumidor apresentado como uma falha nessa sociedade, da mesma forma como propôs Bauman (2008). Pela perspectiva política nota-se o consumidor mais engajado, preocupado também com a coletividade. De acordo com a abordagem religiosa o consumidor necessita de informações para efetivar a compra, que precisa ser intermediada por alguém. Através de uma postura médico/terapêutica o consumo é apontado como um mal. Nesta última abordagem é possível compreender o consumo também como um tratamento para o problema da surdez.

Esta pesquisa buscou compreender de que forma esses consumidores forjam suas relações sociais através do consumo. As situações de consumo analisadas forneceram experiências particulares sobre o grupo de surdos e possibilitaram alguns desdobramentos sobre o consumo de forma mais ampla.

Apesar de não ter se ocupado das categorias propostas Magnani (2002), esse estudo permitiu observar a possibilidade de elucidar o “pedaço” e o “circuito” do grupo de surdos de Vitória-ES. Talvez, através da compreensão destes, seja possível entender melhor o grupo estudado e a comunidade surda na qual ele se insere.

Como contribuição para a aproximação do objeto de pesquisa, no que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, a inspiração etnográfica proporcionou um convívio mais próximo ao grupo estudado, em consonância com entendimento da surdez enquanto uma marca baseada num sistema visual e na utilização de LIBRAS. Desse modo, a etnografia permite a descrição a partir do “ponto de vista do nativo”, ou seja, aplicada aos estudos relacionados à surdez esta aproximação metodológica busca os significados compartilhados no grupo de surdos.

A partir desta aproximação metodológica e como sugestão para pesquisas futuras, pode-se considerar a possibilidade de pesquisas etnográficas acerca da surdez na esfera do Marketing, em busca da verificação da relação entre surdez e produtos específicos, tais como celular, notebook, transporte coletivo, dentre outros. Estudos sobre a influência da publicidade no consumo de surdos também seriam recomendados tendo em vista a dimensão ocupada pelo intermediador no consumo do grupo analisado e pela construção de um sistema de classificação proporcionado pela publicidade.

Pesquisas etnográficas buscando compreender o consumo de grupos de consumidores ou tribos urbanas, conforme sugere Rocha (2005) e nos aponta Casotti (2004), seriam igualmente recomendadas. Da mesma maneira, buscar compreender os significados compartilhados pelos surdos no ambiente do trabalho

pode ser relevante para o entendimento da influência deste nas demais relações vivencias pelos surdos, nas relações de consumo e sobre produtividade.

De um modo mais geral, esta pesquisa constatou que o grupo de surdos apresenta particularidades que permite reflexões mais gerais sobre o consumo. Através da forma de apropriação do espaço, o uso e o consumo de produtos e serviços foi possível identificar tipos de consumidores e refletir sobre suas características e papéis em relação ao consumo.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, L. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_, Z. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_, Z. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BRASIL, Ministério da Justiça. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em [http://www.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm), acessado em 10 de março de 2009.

\_\_\_\_\_. **Presidência da República**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acessado em 14 de setembro de 2008.

\_\_\_\_\_. **Presidência da República**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm). Acessado em 14 de setembro de 2008.

CALIMAN, N. F.; RUSLEY, R. R. C. Os desafios da pesquisa etnográfica na Administração: uma análise a partir de artigos publicados de 1998 a 2007. *In: EnANPAD Encontro da Associação nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração*, 32.. 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** [CD-ROM], Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos - conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1997.

CASOTTI, L. M. Como enxergar diferenças no comportamento do consumidor? Algumas reflexões sobre os caminhos do marketing. *In: EMA Encontro Nacional de Marketing dos Programas de Pós-Graduação em Administração*, 1.. 2004, Porto Alegre. **Anais...** [CD-ROM], Porto Alegre: ANPAD, 2004.

DA MATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAFF, S. GRAFF, P. A. **Hellen Keller: crusader for the blind and deaf**. New York: Dell Publishing, 1991.

KARNOPP, L. B. Língua de Sinais na Educação dos Surdos. *In*: THOMA, A. S. LOPES, M. C. (Org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LANE, H. **When tjne mind heras: a history of the deaf**. Nova York: Random House, 1984.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural (I)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_, C. **Totemismo hoje**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LOPES, M. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MALHOTRA, N. K. **Marketing research: an applied orientation**. New Jersey: Prentice-Hall, 1993.

MCCCRACKEN, G. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MAGNANI, J. G. C; TORRES, L. L. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

\_\_\_\_\_, J. G. C. De perto e de dentro: nota para uma etnografia urbana. *In*: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_arttext). Acessado em: 14 de agosto de 2009.

\_\_\_\_\_, J. G. C. **Festa no pedaço**. São Paulo: UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_, J. G. C. “VAI TER MÚSICA?”: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. *In*: **Pontourbe**. São Paulo: ano 1, versão 1.0, 2007. Disponível em: <http://n-a-u.org/pontourbe01/magnani1-2007.html>. Acessado em 20 de novembro de 2009.

MALINOWSKY, B. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MILLER, D. **Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores**. São Paulo: Nobel, 2002.

\_\_\_\_\_, D. Pobreza da Moralidade. *In*: **Antropolítica**, Niterói: EdUff, 2005.

MOORE, K. L; DALLEY, A. F. **Anatomia orientada para a clínica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PADDEN, C. The deaf community and the culture of deaf people. *In*: WILCOX, S. (Ed.). **American Deaf Culture: an anthology**. Burtonsville, MD: Lindtok Press, 1989.

\_\_\_\_\_, C. HUMPHRIES, T. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge: Havard University Press, 2000.

PERLIN, G. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, Mediação, 2000.

QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

\_\_\_\_\_, R. M. PERLIN, G. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

RÉVILLION, A.S.P. A utilização de pesquisas exploratórias na área de Marketing. *In*: **RIMAR - Revista Interdisciplinar de Marketing**, v.2, n.2, p. 21-37, Jul./Dez. 2003. Disponível em: <http://www.rimar-online.org/artigos/v2n2a2.pdf>. Acesso em 03 de março de 2010.

ROCHA, E. **Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_, E. Totem e consumo: um estudo antropológico de anúncios publicitários. *In*: **ALCEU**. Rio de Janeiro: vol. 1, n. 1. P.18-37, jul/dez 2000.

\_\_\_\_\_, E. Culpa e prazer. *In*: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: vol. 2, nº 3. P.123-138, mar. 2005.

ROCHA, S. P. V. O homem sem qualidade: modernidade, consumo e identidade cultural. *In*: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: vol. 2, nº 3. P.111-122, mar. 2005.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, C. A. A. TEIXEIRA, J. M. Entre a “cultura surda” e a cura da surdez: análise comparativa das práticas da Igreja Batista e da Igreja Internacional da Graça de Deus. *In*: **Revista Cultura y Religión**. 2008. Disponível em [http://www.n-a-u.org/vol2\\_n3\\_2008\\_6\\_cesar\\_assis\\_y\\_jacqueline\\_moraes.pdf](http://www.n-a-u.org/vol2_n3_2008_6_cesar_assis_y_jacqueline_moraes.pdf). Acessado em 21 de junho de 2009.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, Mediação, 2000.

\_\_\_\_\_, C. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre, Mediação, 2006a.

\_\_\_\_\_, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. *In: Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre, Mediação, 2006b.

STOKOE, W. **Sign Language structure**. Silver Spring, Maryland, Linstok Press, 1960.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: USFC, 2008.

STUMPF, M. R. Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo. *In: THOMA, A. S. LOPES, M. C. (Org.). A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

THOMA, A. S. LOPES, M. C. (Org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

\_\_\_\_\_, A. S. LOPES, M. C. (Org.). **A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

VILHALVA, S. **Despertar do silêncio**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004.

WRIGLEY, O. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.